

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

MARLLON CACERES GONÇALVES

**DIVERSIDADE E EXPERIÊNCIA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE PROFESSORES
HOMOSSEXUAIS E SUAS VIVÊNCIAS NO ESPAÇO ESCOLAR**

**CAMPO GRANDE/MS
2020**

MARLLON CACERES GONÇALVES

**DIVERSIDADE E EXPERIÊNCIA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE PROFESSORES
HOMOSSEXUAIS E SUAS VIVÊNCIAS NO ESPAÇO ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Josiane Peres Gonçalves.

**CAMPO GRANDE/MS
2020**

GONÇALVES, Marllon Caceres.

Diversidade e experiência: uma investigação sobre professores homossexuais e suas vivências no espaço escolar. / Marllon Caceres Gonçalves. – Campo Grande, MS, 2020. n. 178.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Josiane Peres Gonçalves.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Faculdade de Educação/ Programa de Pós-Graduação em Educação/ Campus Campo Grande/ MS.

1. Gênero. 2. Identidade de gênero. 3. Sexualidade. 4. Educação. 5. Professores homossexuais. GONÇALVES, Josiane Peres. II. Título.

Marllon Caceres Gonçalves

DIVERSIDADE E EXPERIÊNCIA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE PROFESSORES
HOMOSSEXUAIS E SUAS VIVÊNCIAS NO ESPAÇO ESCOLAR

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação,
da Faculdade de Educação, da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como
requisito final para a obtenção do título de Mestre.

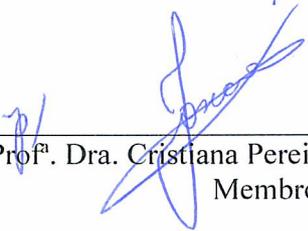
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof.^ª. Dra. Josiane Peres Gonçalves - UFMS
Orientadora



Prof.^ª. Dra. Célia Beatriz Piatti - UFMS
Membro Titular



Prof.^ª. Dra. Cristiana Pereira de Carvalho - EPCEUC
Membro Titular

Campo Grande - MS, 20 de fevereiro de 2020

Resistiremos, nos protegeremos
É mais que uma escolha, é uma missão.

Murillo Zyess

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar estes singelos agradecimentos demonstrando a gratidão a minha orientadora, professora Doutora Josiane Peres Gonçalves, primeiramente por acreditar e aceitar a orientação e desenvolvimento desta pesquisa, por toda a liberdade na condução e direcionamento das investigações, pelas dicas, pelos ensinamentos, pelos desafios superados de uma orientação à distância e principalmente pela troca de conhecimentos tanto quanto pesquisa quanto como em formação de pesquisador.

Agradeço meus colegas de turma pelas trocas de informes e ajudas no decorrer destes dois anos de curso, principalmente às minhas amigas Jucileia e Elisangela, pelas risadas, fugas do meio acadêmico e suporte tanto disciplinar quanto pessoal, a elas meu muitíssimo obrigado por serem e estarem presentes por mim.

Agradeço às professoras integrantes da banca examinadora, professoras Celia Piatti, Cristiana Carvalho e Rosana Cintra que prontamente aceitaram o convite para contribuição e aprimoramento desta pesquisa. Às professoras Celia e Rosana pelas contribuições durante as disciplinas obrigatórias do mestrado e por estarem sempre interessadas em conhecer e se inteirar sobre assuntos da minoria LGBT.

Agradeço ao professor e amigo Paulo Antonini, por ter contribuído com a fase de estágio docência e pelos ensinamentos desde a graduação em que através de suas orientações iniciei meu interesse pela pesquisa e curiosidade acadêmica.

Agradeço a CNPq, pela bolsa concedida com incentivo e fomento desta pesquisa.

Agradeço meus amigos, Alexandra, Andrielly, Abílio, às Marílias, Bianca, entre outros, por sempre demonstrarem curiosidades pelo andamento da pesquisa e sempre me cobrarem “me chama para a defesa!” e principalmente por serem um escape da pressão acadêmica trazendo leveza, lazer e diversão aos meus dias, meu muito obrigado a eles.

A todas/os vocês minha sincera gratidão.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado em Educação teve por objetivo analisar, por meio das vivências de professores homossexuais, como se expressam as relações de gênero, identidade de gênero e sexualidade, nos espaços escolares, por meio das experiências discriminatórias ou não. Sendo iniciada mediante o mapeamento do recorte de um estado do conhecimento da temática inerente a homossexualidade e a sua relação com as pesquisas em Educação, em que buscamos compreender como que se configuram as tendências, evidências ou silenciamentos em pesquisas acadêmicas sobre a homossexualidade. Para que houvesse a possibilidade de problematização sobre como os conceitos de gênero, identidade de gênero e sexualidade estão formados e propagados pelo meio social e como se encontram operantes dentro da escola, problematizando assim a postura do ocultamento e silenciamento em face a homossexualidade na busca da garantia de uma “sexualidade normal” presente nos currículos escolares. Trata-se de um estudo qualitativo, com instrumento de coleta de dados entrevistas semiestruturadas, como base para uma análise do conteúdo. Através das entrevistas se desvelam seis categorias de análises que abordam a vivência destes professores homossexuais e a sua relação com a comunidade escolar, as diferenças de posicionamentos das escolas públicas e privadas no que concerne questões pertinentes a sexualidade homossexual, o posicionamento destes professores sobre gênero, identidade de gênero e sexualidade como parte integrante de conteúdo e problematizações em sala de aula, abordam também a relação com discentes e responsáveis e até chegar a vivência para além dos muros do espaço escolar, enquanto sujeitos sociais. Podemos concluir que a presença de um professor homossexual apresenta a possibilidade de contato e dignificação das diferenças, com a necessária atenção a formação de professores e professoras que compreendam a diferença e a diversidade enquanto conteúdo e que denote a necessidade de se problematizar o gênero enquanto uma construção social, identidade de gênero como a realização e vivência dentro das determinações de gênero e sexualidade como a relação afetiva plural entre os sujeitos sociais; possibilitando estes temas como conteúdo essencial ao fomento de reflexões para possibilitar a dignificação da diversidade.

Palavras-chave: Gênero. Identidade de gênero. Sexualidade. Educação. Professores homossexuais.

ABSTRACT

This master's dissertation in Education aimed to analyze, through the experiences of homosexual teachers, how gender relations, gender identity and sexuality are expressed in school spaces, through discriminatory experiences or not. Being initiated by mapping the clipping of a state of knowledge of the theme inherent to homosexuality and its relationship with research in Education, in which we seek to understand how trends, evidence or silences in academic research on homosexuality are configured. So that there was the possibility of questioning about how the concepts of gender, gender identity and sexuality are formed and propagated by the social environment and how they are operating within the school, thus problematizing the stance of hiding and silencing in the face of homosexuality in the search for guarantee of a "normal sexuality" present in school curricula. This is a qualitative study, with a semi-structured interview data collection instrument, as the basis for a content analysis. Through the interviews, six categories of analysis are unveiled that address the experience of these homosexual teachers and their relationship with the school community, the differences in positions of public and private schools regarding issues pertinent to homosexual sexuality, the position of these teachers on gender, gender identity and sexuality as an integral part of content and problematization in the classroom, they also address the relationship with students and guardians and even reach the experience beyond the walls of the school space, as social subjects. We can conclude that the presence of a homosexual teacher presents the possibility of contact and dignification of differences, with the necessary attention to the training of teachers who understand the difference and diversity as content and that denotes the need to problematize gender as a social construction, gender identity as the realization and experience within the determinations of gender and sexuality as the plural affective relationship between social subjects; enabling these themes as essential content to foster reflections to enable the dignification of diversity.

Keywords: Gender. Gender identity. Sexuality. Education. Homosexual teachers.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Questão Enem 2018.....	87
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Levantamento de dados plataforma CAPES.....	23
Quadro 2- Levantamento de dados plataforma Scielo.....	24
Quadro 3- Identificação dos participantes da pesquisa.....	62
Quadro 4- Identificação das categorias e unidades de significado.....	65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

BNCC – Base Nacional Curricular Comum

CAAE – Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEP – Comitê de ética em Pesquisa

CONSED – Conselho Nacional de Secretários de Educação

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

GT – Grupo de trabalho

GT23 – Grupo de Trabalho 23

IES – Instituição de Ensino Superior

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis

PCN – Parâmetro Curricular Nacional

PPG – Programa de Pós-Graduação

PUC-Rio – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

SciELO – *Scientific Electronic Library Online*

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UEL – Universidade Estadual de Londrina

UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNDIME – União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação

UNESP – Universidade Estadual Paulista

Unisinos – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

URCA – Universidade Regional do Cariri

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1.MULTIPLICIDADE E A PLURALIDADE DE POSSIBILIDADES DE SER.....	20
1.1. O MAPEAMENTO DE PRODUÇÕES DA TEMÁTICA SOBRE HOMOSSEXUALIDADE.....	21
1.2. IDENTIDADE E DIFERENÇA PARA QUEM?.....	26
1.2.1 O outro como o outro gênero.....	28
1.2.2. O outro como a outra sexualidade.....	31
1.3. SEXUALIDADE E A GARANTIA DA “SEXUALIDADE NORMAL”	34
1.4. A HOMOSSEXUALIDADE E SUA PRESENÇA NO ESPAÇO ESCOLAR.....	37
2. TEMAS TRANSVERSAIS COMO POSSIBILIDADE DE PROBLEMATIZAÇÃO DA SEXUALIDADE.....	41
2.1. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: ORIENTAÇÃO SEXUAL E SUA ABORDAGEM PELA EDUCAÇÃO.....	42
2.2. ORIENTAÇÃO SEXUAL E SUAS RELAÇÕES COM O PARÂMETRO CURRICULAR ESCOLAR.....	49
2.3. PARA ALÉM DOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAL.....	51
3. A HOMOSSEXUALIDADE COMO POSSIBILIDADE INVESTIGATIVA DA EDUCAÇÃO: CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	57
3.1. DEFINIÇÃO DO CAMPO TEÓRICO METODOLÓGICO.....	57
3.2. LEVANTAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS.....	58
3.3.DEFINIÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	60
3.3.1. Dificuldades e soluções.....	60
3.3.2. Sobre os participantes.....	61

4. AS VIVÊNCIAS DOS PROFESSORES HOMOSSEXUAIS NA ESCOLA: ANÁLISE DOS DADOS	64
4.1. PROFESSORES GAYS E SUA RELAÇÃO COM A ESCOLA: “SOU GAY E VOU DAR AULA AQUI”	66
4.2. HOMOSSEXUALIDADE E SUA ABORDAGENS PELAS DIFERENTES ESCOLAS: “ALGUMAS ESCOLAS PÚBLICAS E ALGUMAS ESCOLAS PRIVADAS”	76
4.3. GÊNERO, IDENTIDADE DE GÊNERO E SEXUALIDADE ENQUANTO CONTEÚDO: “É ESSENCIAL, MAS É DIFÍCIL”	80
4.4. A RELAÇÃO COM DISCENTES: “ELES GOSTAM BASTANTE DE MIM”	89
4.5. A RELAÇÃO COM RESPONSÁVEIS: “SEM AGREDIR ESSE CONSERVADORISMO FAMILIAR”	98
4.6. A VIVÊNCIA PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: “TEM COLEGAS QUE SOFREM MAIS DO QUE EU SOFRO”	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS	117
APÊNDICES	122
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	122
APÊNDICE B – PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO.....	123
APÊNDICE C – ROTEIRO SEMIESTRUTURADO.....	124
APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA DO PROFESSOR AMARELO.....	125
APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA DO PROFESSOR ANIL.....	133
APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA DO PROFESSOR AZUL.....	137
APÊNDICE G – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA DO PROFESSOR LARANJA.....	144
APÊNDICE H – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA DO PROFESSOR VERDE....	149

APÊNDICE I – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA DO PROFESSOR VERMELHO.....	156
APÊNDICE J – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA DO PROFESSOR VIOLETA..	165
APÊNDICE K – PERGUNTA ADICIONAL AO PROFESSOR AMARELO.....	177

INTRODUÇÃO

Meu interesse sobre a temática da homossexualidade se origina a partir dos primeiros contatos com pesquisa em si, caracterizada pela fase de conclusão de curso de graduação. Com minha Licenciatura em Artes Visuais, o trabalho elaborado para conclusão de curso se configurou como o primeiro esboço das minhas investigações sobre homossexualidade.

Naquele momento, o foco versava sobre arte educadores homossexuais e como/se eles utilizavam as suas aulas de Arte como uma possibilidade de debate e problematização acerca da homossexualidade. O trabalho desenvolvido contou com entrevistas a dois professores homossexuais e uma professora transexual, que teve sua relevância pela grande militância no grupo de minoria de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis (LGBT) e por questões identitárias.

A conclusão deste trabalho resultou em minha introdução no campo de construção de pesquisa e de possibilidade de produção de conhecimento; e também como um momento de compreensão de pertencimento, em identificar qual o meu local de fala, qual o meu processo de construção de minha identidade, um processo de identificação e localização enquanto Ser social pertencente a um grupo oprimido.

Após este período, minhas publicações e produções se caracterizavam por artigos de recortes ou partes constituintes do trabalho final em si e que passaram a contribuir para a compreensão de como funcionam os eventos de Educação, os editais de publicação, os mecanismos da carreira acadêmica.

Licenciado e pronto para a atuação profissional chegou o momento em que se origina os esboços das reflexões que me trouxeram até a pesquisa de mestrado. Estou me referindo ao período em que busquei oportunidades no mercado de trabalho, seja como professor efetivo ou mesmo substituto em escolas públicas ou privadas. Foram meses de entregas de currículos e eu estava sempre em busca de substituições, inclusive em instituições por onde passei com estagiário durante o curso de graduação. A problemática se tornou clara quando, após meses, consegui uma entrevista para uma substituição, mas após uma análise detalhada em uma cópia de meu currículo Lattes, nunca houve um retorno.

O que me levou a recordar, durante o processo de entrevista, das inúmeras perguntas acerca do meu interesse sobre e por homossexualidade, do fator de

minha identidade claramente marcada pela minha sexualidade, o que me fez questionar: onde estão estes professores homossexuais? Estão em atuação em frente de sala de aula? Qual espaço estes profissionais LGBTs ocupam quando estão atuando na grande área da Educação?

Assim, a problemática que me inquietou e que norteia essa pesquisa é: **Como se dá a presença de professores homossexuais no espaço escolar?** Esta questão despertou o meu interesse em desvelar como se dá a vivência de um sujeito homossexual na escola, como ele chegou ali, como se mantém neste local e como se relaciona com em ambiente de trabalho, visto que enquanto arte educador este foi um espaço que não consegui acesso.

Desta forma, esta pesquisa tem por objetivo geral **analisar, por meio das vivências de professores homossexuais, como se expressam as relações de gênero, identidade de gênero e sexualidade, nos espaços escolares, por meio das experiências discriminatórias ou não.** Os objetivos específicos da pesquisa consistem em: a) realizar o levantamento bibliográfico para a elaboração do estado do conhecimento e conceituação dos termos de gênero, identidade de gênero e sexualidade; b) identificar professores homossexuais em escolas de Campo Grande – MS para então averiguar os relatos das vivências mais significativas relatadas em suas declarações enquanto atuação docente e a relação ou não com o preconceito contra sua orientação sexual; c) Compreender como se estrutura os conceitos e vivências de gênero, identidade de gênero e de sexualidade nos espaços educativos por meio dos relatos de experiências de docentes homossexuais colaboradores desta investigação.

Também procuramos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) a abordagem de gênero e sexualidade como proposta para abordagem pelo sistema educacional. Buscamos profissionais da educação que são homossexuais e se despossem a compartilhar suas vivências, a fim de evidenciar como estas relações se desvelam com os professores homossexuais e ainda como a Educação lida com a possibilidade das diferentes individualidades nos espaços escolares.

Por se tratar de uma investigação com seres humanos como base de dados, a pesquisa foi submetida a análise de Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, tendo o número do parecer 3.298.336 registrado no Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – CAAE de número 09363919.9.0000.0021.

Primeiramente realizei a construção teórica sobre conceitos chave que expressam os significados de termos problematizados nesta pesquisa, então o Capítulo 1 deste trabalho se encontra na **Multiplicidade e a pluralidade de possibilidades de Ser**, inicio o capítulo pela elaboração do “estado do conhecimento da temática sobre homossexualidade”, em que busco compreender o que se configura como tendência, evidência ou silenciamento em pesquisas acadêmicas sobre a homossexualidade.

Por meio deste levantamento, urge a necessidade de problematização dos conceitos de gênero, identidade de gênero e sexualidade, por e pela Educação, principalmente na escola, por se configurar como um espaço de convívio social e não somente de convívio, mas onde se prepara os sujeitos para a vida em sociedade e os sentidos de “Identidade e diferença para quem?”.

Tratam-se de reflexões sobre as formas em que os mecanismos sociais constituem os processos de formação da identidade e da diferença, dos nichos do “eu” e o “outro”. Assim, apresento “o outro como o outro gênero”, em que a evidência das diferenças dos processos de construção e expectativas de formas de se constituir enquanto homem ou mulher, em determinada cultura e historicidade, se diferenciam e operacionam ferramentas relativas à identidade de gêneros que buscam garantir a diferenciação binária destas constituições.

Essas construções sociais levam as pessoas a fazerem confusão em relação às definições de gênero com sexualidade, pois “o outro como a outra sexualidade”, expõe as possibilidades afetivas das relações interpessoais, em que as mesmas podem ser expressas pela atração ao mesmo sexo, ao sexo oposto, a ambos os sexos ou a nenhum sexo. O que nos interessa aqui são os mecanismos em que a atual sociedade, que prega e propaga um conservadorismo, dispõe ao trato de homens homossexuais, tornando-se relevante compreender a sexualidade e a garantia da suposta “sexualidade normal”.

Portanto, ao evidenciar este momento em face dos processos de legitimação de uma chamada “sexualidade normal” é que encontramos os mecanismos dispostos, em contexto da educação escolarizada, para a garantia da propagação do pensamento de que a heterossexualidade (atração por pessoas do sexo oposto) seria inata e “natural” e assim a escola se constitui historicamente se mantendo como um espaço distante e silenciado às questões pertinentes a sexualidade, principalmente à homossexualidade.

A partir deste posicionamento, constituído e ainda operante, é que “a homossexualidade e sua dignificação no espaço escolar” se apresenta necessária ao momento em que nos inserimos, pois as estigmatizações propagadas socialmente não dignificam e nem contemplam a multiplicidade e os que a ela constituem.

O que apresenta ponto de partida para o Capítulo 2 desta pesquisa, que problematiza os **Temas transversais como possibilidade de problematização da sexualidade**. Cabe salientar que o Parâmetro Curricular Nacional (PCN) utilizado, o de Orientação Sexual, não expressa o termo como referência a sexualidade, mas sua importância se faz por ser um pioneiro a propor os debates de questões de gênero e sexualidade como integrantes do currículo escolar (BRASIL, 1998).

Apresentando a “orientação sexual e suas relações com o parâmetro curricular escolar”, como a possibilidade de fomentar os debates e a utilização dos objetivos propostos pelo PCN como uma ferramenta propulsora da construção do pensamento crítico dos discentes, a compreender quais as imposições sobre gênero e sexualidade estão constituídas na cultura e momento histórico o qual se vivencia.

Saliento assim que os “parâmetros curriculares nacionais: orientação sexual e sua abordagem pela educação” a inclusão destas problematizações podem, mediante a educação escolarizada, trazer em pauta o que se conceitua como gênero, identidade de gênero e orientação sexual, na cultura em que esta escolarização está inscrita, quais marcadores sociais atuam na propagação dos ideais ainda operantes e quais o fomento de compreender o diferente pela desigualdade, ou seja, o reforço do “eu” e o “outro” sem similaridades.

Tratamos até então de suportes teóricos que pudessem sustentar as reflexões acerca da pluralidade das diferenças, da constituição de gênero e da existência de diferentes sexualidades, para de fato constituir a homossexual e adentrar a relação desta temática com a Educação.

Dessa forma, chegamos ao **objeto de estudo desta investigação, que se encontra na vivência de sujeitos homossexuais que realizam sua existência como tal e que atuam como profissionais da Educação**, os quais relatam suas vivências e as possíveis experiências com o contato de repressões, discriminações e preconceitos.

Por conseguinte, o Capítulo 3 nos apresenta **A homossexualidade como possibilidade investigativa da educação: caminhos metodológicos**. Define-se o

campo metodológico pela análise do conteúdo a fim de buscar a ótica do participante, quais são as descrições dos fenômenos vivenciados pelos mesmos na sua relação enquanto professor homossexual. O instrumento de coleta de dados selecionado foi a gravação de entrevista, que foi norteada por um roteiro semiestruturado.

O encontro de colaboradores para a investigação se deu por um processo de difícil acesso, sendo que algumas expectativas foram mudadas pelo trajeto, visto que a intenção inicial era priorizar somente os professores homossexuais do ensino médio, mas devido a dificuldade de localizá-los, foram considerados todas as etapas da educação escolar. Assim, participaram da pesquisa um total de sete professores homossexuais e, a fim de preservar suas identidades, eles foram identificados pelas cores do arco-íris, símbolo do orgulho LGBT.

Após a gravação das entrevistas, foram transcritas, lidas e relidas, como instrui Laurence Bardin (2002). Deste processo de leitura e releituras, se desvencilham categorias originárias de unidades de significados extraídas dos relatos de cada professor e que são postos em análises na sessão seguinte.

O Capítulo 4 se dedica **A vivência de professores homossexuais**, cujas análises foram organizadas em seis categorias originárias das unidades de significados das vivências destes professores, as quais passam a se contextualizar com o referencial teórico abordado. A primeira categoria se intitula “Sou gay e vou dar aula aqui” e apresenta as relações destes professores com a comunidade escola, com a equipe pedagógica, com outros professores, com coordenações e direções. Nesta categoria é relatado se há o conhecimento por parte da escola sobre homossexualidade ou se não e como se dão as relações a partir disto.

Seguido por um breve comentário de “Algumas escolas públicas e algumas escolas privadas”, onde os professores que possuem vínculo em diferentes instituições públicas e privadas expõem como se dá a diferença no trato da homossexualidade. Esta categoria não foi mencionada por todos os participantes pelo fato de alguns estarem somente em uma das duas instâncias.

A terceira categoria se denomina “É essencial, mas é difícil”, a qual é constituída pelo posicionamento dos professores que refletem sobre a necessidade do debate sobre gênero, identidade de gênero e orientação sexual na escola, problematizado nas aulas, ressaltam ser difícil, pela falta de preparo dos

profissionais da educação, ao trato destes temas e pelo momento social que vivenciamos.

A categoria “Eles gostam bastante de mim” refere-se às informações sobre a relação entre professores e alunos, como acontece, se há conflitos, quais as marcas eles carregam pelos anos de experiência e principalmente se há a ciência dos alunos sobre sua orientação sexual. Seguida pela categoria relacionada à anterior, “Sem agredir esse conservadorismo familiar” trás à tona a relação com os responsáveis pelos discentes, fala comum majoritariamente, expressando não haver contato com os pais.

O fechamento do Capítulo se faz pela categoria “Tem colegas que sofrem mais do que eu sofro”, em que os participantes expressam suas vivências além do espaço escolar, além de sua função professor, como sujeitos homossexuais inseridos em uma cultura. Alguns expressam esta relação de uma identidade que atende ao que se espera pelas determinações da constituição de homem os fazem sofrer menos do que os dispares das demandas.

Podemos inferir que a presença de um professor homossexual se faz necessária como contato com a diferença, para que se haja a possibilidade de compreensão das possibilidades de se Ser em sociedade fiel a si e em respeito ao outro. Sendo então necessário haver o preparo para a abordagem das problematizações sobre gênero, identidade de gênero e sexualidade enquanto proposta de problematização em sala de aula.

Assim, compreendo que há a necessidade de haver um processo de formação de professores e professoras que possa levá-los a compreenderem que, além de licenciados e aptos a ministrarem certas disciplinas, estes profissionais lidarão diretamente com a construção de novos sujeitos sociais. Também entendo que gênero, identidade de gênero e sexualidade são construções sociais vividas por sujeitos e seu debate deve encontrar na escola espaço de possibilidade passível de problematização, pois não há como os sujeitos se despirem de suas características e assumirem uma postura neutra que não esteja influenciada por estas conceituações.

1. MULTIPLICIDADE E A PLURALIDADE DE POSSIBILIDADES DE SER

Este capítulo tem como objetivo apresentar a base teórica que fundamenta esta pesquisa de mestrado, com temática acerca da homossexualidade, mais especificamente sobre a vivência de sujeitos homossexuais que exerçam a profissão docente.

Primeiramente buscando iniciar as reflexões denotando o estado do conhecimento sobre a homossexualidade e a sua abordagem nas pesquisas da grande área da Educação. Trilhando o caminho que nos leva a adesão da análise de conteúdo como norteadora para o tratamento dos dados de análise e como postura de rigor metodológico.

Para que a partir deste levantamento haja a possibilidade de contextualizar a existência correlativa da identidade e da diferença, processos que acontecem e se formam no meio social, os quais identificam e determinam marcadores sociais que buscam enquadrar seus sujeitos cada qual em seus grupos e nichos, delimitando assim os espaços e normas que se constituem vigentes e operantes na determinação de um “eu” e o “outro”. O outro então será sempre a diferença, sempre o outro gênero, a outra identidade, a outra sexualidade.

Essas determinações que urgem de conceituações e problematizações, iniciando-se por gênero, compreendendo que as imposições que vivemos sobre a constituição de gênero se distanciam da aproximação do mesmo como sexo biológico, a construção desta definição se encontra no plano cultural, como as formas coercitivas propagadas historicamente constituem e nomeiam o que se descreve por ser homem ou ser mulher.

E sobre ser homem ou ser mulher, há a constituição de identificação com esses termos, com assunção de uma identidade de gênero que te identifique como um ou outro, ou que passeie por feminilidades e masculinidades, e esta transição que para uma norma hegemônica vigente, não se apresenta como possibilidade, possibilitando assim que esses processos identitários sejam submetidos ao julgamento de padrões estabelecidos por uma maioria social, padrões tidos como normais de se constituir enquanto homem ou mulher.

No que se refere à orientação sexual, Luana Molina e Mary Neide Damico Figueiró (2012) abordam esta obsessão normatizadora da heterossexualidade, a busca pela propagação de padrões culturais como o conceito de

heteronormatividade, descrevendo a homossexualidade como desviante e imoral. Ainda sobre este termo, Anderson Ferrari (2012) afirma que:

A heteronormatividade é baseada no entendimento que a heterossexualidade é a norma, algo natural e que tudo que escapa a ela é tido como anti-norma, anti-natural, sendo necessário trazer para o que é “correto” aqueles que estão se desviando. (FERRARI, 2012, p. 123).

Esse termo opera como uma norma que naturalizada e propagada por um contexto social e o mesmo dispõe que a sexualidade normal seria a heterossexualidade, que todos os sujeitos sociais nascem pré-dispostos a realizar-se afetivamente na sexualidade heterossexual.

Nesse contexto, concebe-se então a homossexualidade como uma anomalia, uma não adaptação à regra, marcando seus sujeitos que ousam revelar-se e se realizar em uma identidade homossexual com uma marca de preconceitos e discriminações carregada em um acervo histórico e propagado até a atualidade (FERRARI, 2012).

É importante considerar que encontramos nos espaços escolares mecanismos de controle sociais que operam e determinam os mascadores sociais. E quanto à homossexualidade, este espaço ainda se apresenta enraizado na propagação de uma “sexualidade normal”, como denomina Guacira Lopes Louro (2014), que se apresenta em face à homossexualidade, como um local de silenciamento e ignorância de sua existência.

1.1. O mapeamento de produções da temática sobre homossexualidade

Iniciamos os caminhos tracejados nesta investigação de mestrado em Educação apresentando um mapeamento que se origina do recorte de um estado do conhecimento das produções científicas com a temática homossexualidade, visando sintetizar o que há se produzido na relação deste tema com as pesquisas em Educação, evidenciando temáticas em comum, tendências de pesquisas e as lacunas ou silenciamentos sobre certos âmbitos. É importante destacar que:

[...] estado de conhecimento é identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica (MOROSINI; FERNANDES, 2014, p. 155).

Neste sentido, realizamos o levantamento de dados sobre o que está sendo produzido na área da Educação, limitando o recorte temporal para os anos mais recentes (2010 a 2018), período em que encontramos maiores possibilidades de se problematizar sobre o tema da homossexualidade, considerando a maior visibilidade da temática em âmbito social.

Deste modo, urge investigar sobre o que se tem produzido para que possamos evidenciar “[...] o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles” (CHIZZOTTI, 2014, p. 28). Buscamos então encontrar o que se investiga sobre homossexualidade e como se dá a constituição destes sujeitos homossexuais nas relações com o campo educacional.

Entendemos que “[...] o campo do conhecimento, principalmente no que concerne à pesquisa, não está limitado, determinado, e mesmo ao término de uma pesquisa ainda há muito a ser estudado, aprofundado, discutido e analisado.” (MOROSINI; FERNANDES, 2014, p. 155). Nesse sentido, concordamos com Hall (2014) por afirmar que:

A sociedade não é, como os sociólogos pensaram por muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo. Ela está constantemente sendo “descentralizada” ou deslocada por forças fora de si mesma. (HALL, 2014, p. 14).

Estas relações dialéticas e sociais apresentam relevância à pesquisa, no sentido de compreender quais são as forças que permeiam um fenômeno e no que concerne ao presente estudo, quais são as relações estabelecidas entre homossexualidade e a grande área da Educação. Compreendendo assim que “[...] a sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se ‘despir’”. (LOURO, 2014, p. 85).

Primeiramente selecionando o Portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que consiste em uma biblioteca virtual que reúne e disponibiliza o que está sendo produzido cientificamente e visa o compartilhamento das pesquisas brasileiras em nível internacional. Utilizamos também o portal *Scientific Electronic Library Online* (*SciELO*), um banco de dados digital onde se organiza e se compartilha conteúdos produzidos em periódicos científicos brasileiros com livre acesso para pesquisa.

Foi realizada também a busca no Grupo de Trabalho 23 – Gênero, sexualidade e Educação (GT23) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), realizada a pesquisa neste GT específico por ser o grupo de trabalhos sobre gênero, sexualidade e educação. As palavras-chave pesquisadas foram às mesmas, utilizadas nas duas plataformas anteriores, sendo elas “professores homossexuais, homossexualidade e identidade de gênero”, mas não foi encontrada nenhuma publicação com esses descritores ou que atendessem as variações da palavra homossexualidade (homossexual, homoafetividade, homossexuais).

Na busca nas plataformas digitais: da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e na *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), foi realizada uma prévia leitura dos resumos evidenciando e selecionando aqueles que possuísem contexto com o tema deste estado do conhecimento. Foram encontradas diversas produções na área de atuação do direito, evidenciando a legalidade a união homossexual ou a adoção por pessoas do mesmo sexo. Comumente encontrado temas da área da saúde, sobre experiências de pessoas LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis e Transsexuais) ao acesso a rede pública de saúde. Os trabalhos selecionados das plataformas digitais foram extraídos de periódicos que realizam suas publicações na área da Educação, e encontram-se representados nos quadros abaixo:

Quadro 1 – Levantamento de dados plataforma CAPES

Título	Autores	IES	PPG	Ano
O currículo e suas implicações na regulação da identidade de gênero na sociedade contemporânea	Priscila Aparecida Silva Cruz; Lucélia Tavares Guimarães.	UEMS	Educação	2016
A questão da identidade de gênero na educação básica: educadores e jogos de poder	Danielle Twerznik Camargo; Antonio Francisco Marques.	UNESP	Educação	2017
Professores Homossexuais: suas vivências frente à comunidade escolar	Luana Molina; Mary Neide Damico Figueiró.	UEL	História Social	2012
“Sou gay, sou alegre, mas não sou bagunça!”: docência,	Filipe Gabriel	UFJF	Educação	2016

homossexualidade e estética da existência	Ribeiro França			
Questões de identidade(s) de gênero(s) e orientação sexual: uma abordagem através da Pedagogia <i>Queer</i>	João Nemi Neto	Columbia University	Educação	2015
Consequências da (não) revelação da homossexualidade e preconceito sexual: o ponto de vista das pessoas homossexuais	Gabrielle Poeschl; Joana Venâncio; Daniel Costa	Universidade do Porto	Psicologia	2012

Fonte: Organizado pelo pesquisador, 2019.

Quadro 2 – Levantamento de dados plataforma Scielo

Título	Autores	IES	PPG	Ano
Representações de homens do magistério sobre homens no magistério	Josiane Peres Gonçalves	UFMS	Educação	2017
Prática docente em educação sexual em uma escola pública de Juazeiro do Norte, CE, Brasil	Glauberto da Silva Quirino; João Batista Teixeira da Rocha	URCA	Educação em Ciências	2013
O campo de estudos socioantropológicos sobre diversidade sexual e de gênero no Brasil: ensaio sobre sujeitos, temas e abordagens	Júlio Assis Simões; Sérgio Carrara	USP	Antropologia	2014
O sujeito homossexual como tema de aula: limites e oportunidades didáticas	Alexandre Bortolini	PUC-Rio	Educação	2015
Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros	Toni Reis; Edla Eggert	Unisinos	Educação	2017
A teoria <i>Queer</i> e os estudos organizacionais: revisando conceitos sobre Identidade	Eloisio Moulin de Souza	UFES	Psicologia	2015
No balanço da “teoria queer” em educação: silêncios, tensões e desafios	Thiago Ranniery	UFRJ	Educação	2017
Sexualidade e identidade no espaço escolar: notas de uma atividade em um curso de educação a distância	Rosimeri Aquino da Silva; Rosângela Soares	UFRGS	Educação	2014

Fonte: Organizado pelo pesquisador, 2019.

Por meio dos quatorze resumos, sendo seis da plataforma CAPES e oito da plataforma *Scielo*, selecionados e analisados pudemos encontrar a necessidade de problematização dos conceitos de gênero, identidade de gênero e sexualidade, por e pela Educação, principalmente na escola. Pois este é um espaço de convívio social e não só de convívio, mas onde se prepara os sujeitos para a vida em sociedade.

E como exposto, não há como ocultar a existência da homossexualidade, pois ela faz parte da constituição de possibilidades afetivas, não se desligando da existência dos sujeitos que permeiam em espaços educacionais. Sendo assim, existe a

[...] importância de criar-se na escola um espaço amplo de expressão das diversas possibilidades humanas em relação à sexualidade e gênero mantendo um ambiente diverso em que alunos, professores e outros participantes do processo educativo possam manifestar-se de maneira livre (NEMI NETO, 2015, p. 29).

Trata-se do espaço de se reconhecer as possibilidades de existência de diferentes sujeitos, que coexistem e vivem a diversidade em suas extensões. E também a respeito dos currículos escolares e a ocultação sobre a temática e, neste sentido, ao ignorar pautas sobre gênero e orientação sexual, negamos a possível existência destes temas, destes sujeitos, logo se há a manutenção dos preconceitos.

Compactuando assim para a contínua existência das desigualdades de gênero, a propagação da discriminação à homossexualidade, a não compreensão das identidades e identidades de gênero, por fim a compreensão da existência da diferença. E é neste sentido que,

[...] a vigilância e a censura da sexualidade orientam-se, fundamentalmente, pelo alcance da “normalidade” (normalidade essa representada pelo par heterossexual, no qual a identidade masculina e a identidade feminina se ajustam às representações hegemônicas de cada gênero). (LOURO, 2014, p. 84).

Ou seja, preza-se por sujeitos que atendam as normas, que sigam os padrões impostos socialmente e carregados durante anos. Dessa forma, entendermos que:

Os modos de vida colocados em ação pela modernidade nos livraram, de uma forma bastante inédita, de todos os tipos tradicionais de ordem social. Tanto em extensão, quanto em intensidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas do que a maioria das mudanças características dos períodos anteriores. (HALL, 2014, p. 13).

Esses modos de vida referem-se às possibilidades de se existir com mais liberdade de Ser que causam impacto nas estruturas sociais carregadas historicamente, pois representações sociais são estruturas consolidadas e que demoram a se modificar, limitando o processo de incorporação de novas práticas que atendam e contemplem a todos e todas.

Limitações e não somente na incorporação de novas práticas sociais, mas também na atuação de profissionais da educação homossexuais, que tendem a limitar o conhecimento para que se atenda o que se é imposto desde antes do nascimento de um sujeito. Portanto, “[...] a escola faz parte de um contexto que é histórico e social e mudanças ocorridas na sociedade influenciam a área da Educação.” (GONÇALVES, 2017, p. 1). Então, valores que se preponderavam no passado, não mais atendem as demandas sociais da atualidade.

E no momento que vivemos de um contexto social e político da assunção de preconceitos e repressões contra conceitos de gênero, expressões de sexualidades e existência da diversidade, cabem discussões acerca de gênero, identidade de gênero e orientação sexual, principalmente a homossexualidade, para que possamos ter a compreensão da existência do outro, da existência da diferença. Tendo ciência de que a ocultação e silenciamento da problematização sobre homossexualidade no processo educacional, não atende e nem dignifica a compreensão de diferentes identidades, de diferentes sexualidades, não contempla as possibilidades da existência humana em si.

1.2. Identidade e diferença para quem?

Encontramo-nos em meio a um momento histórico no qual a propagação de falsas verdades sobre seres e saberes permeiam e se dissipam no contexto social, atingindo o direito a vida, a diferença e a multiplicidade em todas as extensões de existência.

Assim, destacam-se aqueles e aquelas que necessitam da existência das diferenças, que divergem da maioria hegemônica social e é deste ponto de impasse que as problematizações deste capítulo abordam as conceituações e definições de gênero, identidade, diferença, identidade de gênero e sexualidade. Conceitos estes que nortearão e guiarão o caminhar e continuidade desta pesquisa.

Para compreendermos os sentidos destes conceitos, concordamos com Silva (2014, p. 74), por afirmar que “[...] identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência”, o que nos difere, nos individualiza e nos formam em processos inditários, processos dialéticos de mútua dependência.

A diferença vem em primeiro lugar e a identidade se constitui por meio do que internalizamos e a partir disto nos constituímos. Pois, “[...] a identidade e a diferença são criações sociais e culturais” (SILVA, 2014. p. 76). Criações estas entrelaçadas nas relações de poder vividas e executadas no convívio social, porque ao criar a identidade e as diferenças são atribuídos os poderes de

[...] incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós” e “eles”); classificar (“bons e maus”; “puros e impuros”; “desenvolvidos e primitivos”; “racionais e irracionais”); normalizar (“nós somos normais; eles são anormais”). (SILVA, 2014, p. 81-82).

São assim as identidades normalizadas, por uma maioria social que se sobrepõem às diferentes e se dispõem de poderes a categorizarem e delimitar as diferenças nos jogos de poder que permeiam e constituem os espaços sociais, como menciona Silva (2014), “nós e eles”. Por identidade utilizaremos a determinação abordada por Hall (2014), ao afirmar que a identidade é

[...] formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas – ao menos temporariamente. (HALL, 2014, p. 11-12).

Portanto, precisamos das diferenças para nos formar enquanto sujeitos sociais, para identificar a qual identidade pertencemos e quais as possíveis possibilidades de existência de diferenças para se formar, se identificar, se construir e se des-construir em meio a contextos sociais de identidades e diferenças que “[...] ordenam-se, todas, em torno de oposições binárias: masculino/feminino, branco/negro, heterossexual/homossexual.” (SILVA, 2014, p. 83).

Compreender que o processo de formação da identidade e diferença se originam dentro destes processos de relação de poder e de oposições binárias, nos infere a compreender que:

A identidade e a diferença não são entidades preexistentes, que estão aí desde sempre ou que passaram a estar aí a partir de algum momento fundador, elas não são elementos passivos da cultura, mas têm que ser constantemente criadas e recriadas. A identidade e a diferença têm a ver com a atribuição de sentido ao mundo social e com disputa e luta em torno dessa atribuição. (SILVA, 2014, p. 96).

Justamente estes processos de atribuição e normalização que se tornam problemas plausíveis de questionamentos e problematizações, pois naturalizam os processos que priorizam a tentativa de homogeneização da existência de identidades e diferenças plurais. Sendo assim, torna-se necessária a discussão e abordagem em amplos espaços sociais, por tratar-se de:

[...] um problema social porque, em um mundo heterogêneo, o encontro com o outro, como estranho, com o diferente, é inevitável. É um problema pedagógico e curricular não apenas porque as crianças e os jovens, em uma sociedade atravessada pela diferença, forçosamente interagem com o outro no próprio espaço da escola, mas também porque a questão do outro e da diferença não pode deixar de ser matéria de preocupação pedagógica e curricular. (SILVA, 2014, p. 97).

Logo, a questão da diferença pode se tornar um problema para a área da Educação, pois nesse espaço se lida com o outro, com a diferença, com as amplas possibilidades de identidade, de diferenças e semelhanças. Sob esta ótica, entendemos que “[...] o outro é o outro gênero, o outro é a cor diferente, o outro é a outra sexualidade, o outro é a outra raça, o outro é a outra nacionalidade, o outro é o corpo diferente.” (SILVA, 2014, p. 97). E a necessidade do outro para que se forme o “eu” é indispensável, reafirmando assim a existência dependente da identidade e da diferença, o que se difere é o que nos forma.

1.2.1. O outro como o outro gênero

Tendo abordado a conceituação de identidade e diferença e de sua dependência dialética de existência, passaremos a analisar a definição de gênero, denotando que ele não atende somente aos ideais de gênero ligados e vinculados a sexo genital. Dessa forma, concordamos com Piscitelli (2009, p. 123-124) por considerar que o “[...] sexo está vinculado à biologia (hormônios, genes, sistema nervoso e morfologia) e gênero tem relação com a cultura (psicologia, sociologia, incluindo aqui todo aprendizado vivido desde o nascimento)”. Nessa perspectiva,

trabalharemos então com as construções sociais acerca das definições de gênero, expressadas por Muraro e Boff (2002), no sentido de que ao

Falar de gênero é falar a partir de um modo particular de ser no mundo, fundado, de um lado, no caráter biológico do nosso ser, e, de outro, no fato da cultura, da história, da sociedade, da ideologia e da religião desse caráter biológico. Nesse sentido, o gênero possui uma função analítica semelhante àquela de classe social; ambas as categorias atravessam as sociedades históricas, trazem à luz os conflitos entre homens e mulheres e definem formas de representar a realidade social e intervir nela (MURARO; BOFF, 2002, p. 18).

Podemos inferir, a partir da citação, que determinado gênero representa em determinado momento de uma sociedade, quais as imposições sobre cada um antes mesmo do nascimento do sujeito e quais as expectativas que são deturpadas quando ele não atinge ou cumpre com o que se é imposto a cada gênero e suas determinações esperadas socialmente. Desse modo, entendemos que gênero “[...] está no plano da cultura, dos hábitos e dos aprendizados, não deriva dos genitais que ‘permanecem’ à natureza, à biologia” (PISCITELLI, 2009, p. 125). Ou seja, no que representa um papel masculino e um papel feminino no plano cultural de uma sociedade.

Por conseguinte, gênero se caracteriza pelo que se é constituído socialmente acerca do que se é ser homem ou ser mulher, quais as características são atribuídas a estas distinções, quais os papéis são determinados para interpretação de cada sujeito presente em uma destas definições. Porque, como afirmam Faria, Oliveira e Gonçalves (2016), as

[...] definições culturais de masculinidades e feminilidades, as expectativas e experiências diferenciadas, todos os significados sociais e psicológicos ligados ao que é ser homem ou mulher são relacionados a gênero. Embora o sexo seja o que define a categorização inicial, o gênero é mais aprendido do que inato. (FARIA, OLIVEIRA, GONÇALVES, 2016, p. 170).

Ao nascer, primeiramente atendemos ao sexo biológico e então se origina, em âmbito do contexto sociocultural no qual estamos inseridos, os aprendizados do que concerne e define as identidades de gênero, o que delimita pertencermos a um tipo de um gênero. E para o conservadorismo heteronormativo, estas distinções entre um gênero e o outro estão postas e constituídas, sem admitir que há influências femininas na constituição do masculino e influências masculinas na constituição do feminino.

Encontramos assim outro conceito relevante do atual levantamento, identidade de gênero, entendida pelas possibilidades dos seres humanos de reconhecerem a si como pertinentes, ou não, de determinado gênero ou de possuírem características femininas ou masculinas, sem que deixem de pertencer ao que se constitui por homem ou mulher. Esta constituição de ser homem ou mulher, socialmente definida, se consolida antes mesmos do nascimento de um sujeito, se instauram estes aprendizados desde a descoberta do sexo biológico de um feto e neste sentido, Ferrari (2012) enfatiza que:

[...] vamos trabalhando com a ideia de gênero e vamos entendendo os gêneros como baseados na bipolaridade, vamos estabelecendo uma fronteira entre o que é próprio de meninos diferente do que é próprio para meninas. E vamos fazendo isso porque isso nos constitui, nos organiza e achamos tudo “natural”, sem dar um “passo para atrás” para transformar esse pensamento e comportamento em problema. (FERRARI, 2012, p. 122).

Cientes assim da problematização desta binaridade pelos atores sociais sobre si, seus comportamentos, formação e seu reconhecimento/identificação com determinado gênero, torna relevante pautar a definição de identidade de gênero, pois se “[...] os corpos ganham sentido socialmente” (LOURO, 2000, p. 9), os mesmos podem se identificar ou não com seu sexo biológico.

Entendemos que a identidade, em si “[...] não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental.” (SILVA, 2014, p. 96). Evidencia-se assim que além de buscar moldar gêneros às condições sociais, interferem também nas construções identitárias dos corpos, corpos que se moldam e se reestruturam através do que se habitam e se constituem do convívio social.

É importante também compreender que os corpos podem ser alterados enquanto suas origens biológicas e que as definições de gênero agora compreendem também o binarismo de transgêneros e cisgêneros. E quando buscamos “[...] falar de gênero não podemos restringir-nos a homens e mulheres, a masculino e feminino. É necessário incluir todas essas categorias de pessoas” (PISCITELLI, 2009, p. 145).

Ainda em concordância com a autora, transgêneros são entendidos como homens ou mulheres que nasceram em determinado sexo biológico, mas que se identificam identitária e psicologicamente com o sexo oposto. Já os cisgêneros

nascerem em determinado sexo biológico e se identificam com as construções sociais que são correspondentes a tal gênero.

E neste sentido, “[...] reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência” (LOURO, 2000, p. 9), é reconhecer a si como pertinente a definição do papel de homem ou de mulher, de cis ou transgênero.

Concordamos então que “[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (HALL, 2014, p. 24). Ou seja, nos formamos e nos identificamos por quem somos ao longo de nosso desenvolvimento, levando em consideração que nos identificamos com determinado gênero, nos constituímos por nossas identidades de gênero e nos relacionamos em questões afetivas através de nossas sexualidades.

1.2.2. O outro como a outra sexualidade

Na assunção do que se define em contexto de sexualidade, relações afetivas entre sujeitos sociais, podemos afirmar que “[...] a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política” (LOURO, 2000, p. 8). Ela é social, pois, como dito anteriormente, se enquadra nas relações de poder presentes em amplo contexto social, uma vez que possui a capacidade de inclusão e exclusão, de ceder privilégios e de ferir a existência por meio de discursos de ódio e discriminações.

Uma questão política, pois demanda a necessidade de exigir posicionamentos e respeito à dignificação de sua existência, por ter de resistir e travar batalhas para a compreensão de que se há a diferença e não a desigualdade e que a obtenção de direitos iguais não são privilégios, apenas objetivo de um contexto social igualitário, porque assim reconheço o outro. Além do mais, Louro (2000) pondera que:

O reconhecimento do “outro”, daquele ou daquela que não partilha dos atributos que possuímos, é feito a partir do lugar social que ocupamos. De modo mais amplo, as sociedades realizam esses processos e, então, constroem os contornos de marcadores das fronteiras entre aqueles que representam a norma (que estão em consonância com seus padrões culturais e aqueles que ficam fora dela, às suas margens). (LOURO, 2000, p. 12).

Segundo a referida autora, a norma propagada e defendida historicamente e tendo continuidade no contexto social atual, define em seu padrão delimitador dos que se encontram dentro das margens o homem branco, heterossexual, de classe média e cristão. Delimita-se assim que “[...] a mulher é representada como ‘o segundo sexo’ e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual.” (LOURO, 2000, p. 12).

Torna-se então conveniente lembrar que gênero e sexualidade são conceituações diferentes, o primeiro refere-se à condição social pela qual podemos nos identificar como homem ou mulher, o segundo são as formas culturais pelas quais vivemos nossos desejos e prazeres. Neste sentido, concordando com Beatriz Accioly Lins, por entender que o processo de:

[...] construção do desejo não é um processo completamente consciente e, por isso, não podemos dizer que seja um terreno operado por escolhas livres, individuais e racionais. Em muitos casos, o termo “opção sexual” esconde o perigo de ser usado com fins políticos para desqualificar a homossexualidade, para dizer que gays, lésbicas e bissexuais fizeram a “escolha” errada e reificar a lógica de que a heterossexualidade é o modelo único e ideal para relações afetivas e sexuais. (LINS, 2016, p. 73- 74).

É importante destacar que consideramos relevante esta afirmação, pois trataremos aqui da sexualidade homossexual e principalmente da sua relação com o espaço educacional. Antes, porém, de adentrarmos o posicionamento escolar em relação à sexualidade, com foco na homossexualidade, há de se deixar claro que “[...] nossa sociedade está, o tempo todo, mostrando para as pessoas ‘diferentes’ que elas são indesejadas ou que não há lugar para elas em nosso mundo.” (LINS, 2016, p. 75).

Reforça-se assim a existência dos processos de inclusão e direito de usufruir de todos os privilégios de Ser, àqueles e àquelas que atendem a norma. Já aqueles que não atendem e fogem das normas do contexto social legitimam os processos de exclusão vivenciados pelos grupos sociais de minorias. Nesse contexto, entendemos que é preciso haver terminologias que pudessem diferenciar as diferentes existências, pois é nesse sentido que Jeffrey Weeks (2000) afirma que:

Será, sem dúvida, uma surpresa para muitas pessoas saber que uma definição mais aguda de “heterossexualidade” como sendo a norma foi forçada precisamente pela tentativa de definir a “homossexualidade”, isto é, a forma “anormal” de sexualidade, mas os dados de que agora dispomos sugerem que foi exatamente isso que ocorreu. (WEEKS, 2000, p. 47).

Historicamente, os marcos sociais propagaram e continuam propagando a homossexualidade como uma anormalidade, como uma fuga à regra. Seja por discursos de ódio, por conservadorismos ou com discriminação. Porém, cabe ressaltar que a homossexualidade é uma possibilidade sexualidade, se encontrando expressa em um grupo social de minoria constituído e representado por diferentes sujeitos, cabendo salientar a distinção entre eles, não nomeando apenas como homossexual.

Ao considerar a temática sobre homossexualidade, torna-se relevante explicitar a sigla do movimento de minoria social LGBT, conforme destaca Lins (2016, p. 70), que a referida sigla pode ser assim definida: Lésbicas - pessoas que se identificam como femininas e desejam pessoas também femininas; Gays - pessoas que se identificam como masculinas e desejam pessoas também masculinas; Bissexuais - pessoas que desejam tanto indivíduos cuja identidade de gênero é feminina como também aqueles cuja identidade de gênero é masculina; Transexuais/ Travestis/ Transgêneros – pessoas cuja identidade de gênero é diferente da esperada para seu corpo – sujeitos nascidos com pênis que têm comportamentos, sonhos e autoimagem femininas; ou nascidos com vagina que têm comportamentos, sonhos e autoimagens masculinas.

Cada uma destas siglas e suas definições representam sujeitos que não atendem às normas carregadas e propagadas historicamente em contexto social. E uma das ferramentas de garantia à adequação e de que a norma heterossexual seja contemplada, se dá pelo processo da educação, principalmente a escolarizada.

Ademais, torna-se então relevante compreender que esta norma propagada por uma instância social, da normalização, que busca enquadrar e tornar um modelo uno como natural, apresenta o espaço escolar como importante, por considerar que:

[...] a escola comparece como espaço privilegiado para a promoção da discussão acerca da homossexualidade, muito embora a escola também figure, ao lado de outras instituições, como reprodutora de preconceitos e discriminações, demonstrada quando na dificuldade de gestores e professores no enfrentamento das questões relativas à diversidade afetivo-sexual no âmbito escolar. (SOUZA, 2015, p. 200).

Podemos inferir que se torna cômodo definir, diante as dificuldades, e reproduzir os modos tidos como “naturais” pela construção social e assim propagar valores que preponderam a carregar a sexualidade normal como a heterossexual.

Contudo, reconhecemos que estas normas se esgotam em si e não reproduzem a realidade vivida, inclusive na área da educação, porque:

[...] a escola é parte de uma sociedade em que há extrema desigualdade de gênero; portanto, se não defender uma proposta pedagógica de intervenção nessas questões, ela somente reproduzirá injustiças, violências, discriminações, exclusões e marginalizações. (LINS, 2016, p. 101-102).

Entendemos então que é preciso existir uma proposta pedagógica que visa questionar a todo o momento o que se é determinado como natural, pois possuímos parâmetros curriculares como temas transversais que são temas referentes à cidadania, ou seja abordam saúde; meio ambiente; orientação sexual; trabalho e consumo e pluralidade cultural; e podem auxiliar na formação crítica de constituição de novos sujeitos que venham questionar as propostas de se enquadrar nos processos de naturalização da vivência e existência dentro dos moldes de uma dita “sexualidade normal”.

1.3. Sexualidade e a garantia da “sexualidade normal”

Acreditamos que a Educação, em destaque aqui a escolarizada, serve como mecanismo de controle social, a qual forma sujeitos por meio de moldes estabelecidos dentro de paradigmas que atendam a uma maioria social, que responda a uma normalidade. E é neste sentido que Louro (2000) argumenta:

A heterossexualidade é concebida como “natural” e também como universal e normal. Aparentemente supõe-se que todos os sujeitos tenham uma inclinação inata para eleger como objeto de seu desejo, como parceiro de seus afetos e de seus jogos sexuais alguém do sexo oposto. (p. 13).

É neste aspecto de uma concepção de normalidade heterossexual, constrói-se a homossexualidade como “[...] uma identidade estigmatizante que compreendia proliferação de doenças, pecado, sodomia, comportamentos perversos, aberrações da natureza” (KERN; SILVA, 2009, p. 510), buscando assim que os sujeitos atendam a essa “normalidade” heterossexual e não tendam ao lado das anomalias.

Propaga-se então que o espaço escolar tenha a possibilidade de construir sujeitos que atendam essas definições, compreendidas como normais “naturais” carregadas e disseminadas culturalmente, mesmo que as mesmas discriminem e ocultem a existência de outras formas de Ser. Pois, neste sentido,

Não há dúvidas de que o que está sendo proposto, objetiva e explicitamente, pela instituição escolar, é a constituição de sujeitos masculinos e femininos heterossexuais – nos padrões da sociedade em que a escola se inscreve (LOURO, 2014, p. 85).

A escola trabalha no processo de formação de modo que se garanta e se legitime, que se supra a necessidade de que àqueles e àquelas que estão sendo formados, sejam de acordo com as imposições sociais que nos interpelam em todas as nossas fases de desenvolvimento.

Cabe então compreender que sexualidade deve ser fomento de problematização não somente na sala de aula, mas que a possibilidade da existência de professores homossexuais possa dignificar a compreensão das diferentes sexualidades, porque ao falarmos de sexualidade temos como:

[...] discutir valores, normas sociais e cultura; debater sexualidade é buscar compreender as versões individuais que temos de um tema que é social. Dar sentido à “sexualidade de cada um” implica tomá-la como uma construção histórica no âmbito das relações sociais, relacionadas às formas de vida e às necessidades que a humanidade encontrou e/ou construiu (KAHHALE, 2007, p. 189).

Além do mais, as construções históricas apontam que “[...] os homossexuais são um dos mais odiados grupos sociais minoritários” (KERN; SILVA, 2009, p. 509), atribuindo à homossexualidade como uma vergonha, uma proliferação de doenças, um estigma de anomalia social. E é neste sentido que:

[...] a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece muito poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento, mantêm-se, com relação à sexualidade, como o lugar do desconhecimento e da ignorância (LOURO, 2000, p. 24).

Trata-se de desconhecimento e ignorância que garantem e propagam estereótipos de um sistema social, um sistema educacional que busca ocultar e silenciar a existência das diferenças. Não somente atentando-se a quem está se formando, mas garantindo que:

[...] formas adequadas de fazer, de meninos e meninas, homens e mulheres ajustados/as aos padrões das comunidades pressupõem uma atenção redobrada sobre aqueles e aquelas que serão seus formadores ou formadoras (LOURO, 2014, p. 110).

Sabemos também que “[...] a forma como cada um ensina está intimamente ligada e dependente do que somos como pessoa ao exercemos nosso ofício de professor” (AMORIM; FERNANDES, 2017, p. 4615). Portanto, não há como deixarmos de lado nossa identidade, nossa sexualidade e “atuar” como uma normalidade para que possa se vir a manter o desconhecimento e ignorância.

Dessa forma, Louro (2014) considera que a ocultação ou negação da presença da homossexualidade teria por objetivo evitar que discentes tidos por “normais”, ou que atendam a esperada heterossexualidade, não reconheçam as diferenças, a homossexualidade, a pluralidade, para que seja uma forma de existir a garantia da norma vigente. Torna-se evidente também que a preocupação e vigilância não se faz presente apenas sobre os docentes, mas a todos que convivem na escola.

Nesse cenário, esta prática de repressão se propaga pela homofobia, a rejeição, reprovação à homossexualidade e também no contexto escolar,

[...] a homofobia expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo. Como se a homossexualidade fosse “contagiosa”, cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais: a aproximação pode ser interpretada como uma adesão a tal prática ou identidade. (LOURO, 2000, p. 22-23).

Cabe então o entendimento que, de maneira explícita ou implícita, “[...] o universo escolar reproduz os preconceitos da sociedade e, na tentativa de evitar o convívio dos alunos heterossexuais, com pessoas homossexuais, faz da homossexualidade o maior alvo da discriminação” (MOLINA; FIGUEIRÓ, 2012, p. 58), continuando assim a reproduzir os princípios da homofobia, acima abordado. Um exemplo disto pode ser expresso pelos pressupostos de que:

Meninos e meninas aprendem, também desde muito cedo, piadas e gozações, apelidos e gestos para dirigirem àqueles e àquelas que não se ajustam aos padrões de gênero e sexualidade admitidos na cultura em que vivem (LOURO, 2000, p. 22).

São exemplos assim que expressam a garantia dos preconceitos como caminho mais “fácil” do que o questionamento sobre qual é de fato sua origem, qual a validade das discriminações e qual seria a imposição que torna as diferenças - de gênero, orientação sexual, identidade de gênero – uma fuga das regras coercitivas presentes na sociedade.

E atendendo essa perspectiva discriminatória abordada por Louro (2000), a escola por se manter como um local distante das questões de sexualidade, muitas vezes se posiciona contrária à presença de professores homossexuais em seu corpo docente, para que a ocultação e silenciamento garanta a distância com a mesma, porque se se admite a existência e manutenção de seus preconceitos, isto implicaria que seus sujeitos viessem a viver a:

[...] renúncia de seus mitos, tão caros a eles. O mito de sua “superioridade”, o mito de sua pureza de alma, o mito de suas virtudes, o mito de seu saber, o mito de que sua tarefa é salvar os pobres. O mito da inferioridade do povo, o mito de sua impureza, não só espiritual, mas física, o mito de sua ignorância absoluta (FREIRE, 1981, p. 96).

Tratamos aqui do posicionamento da heteronormatividade vigente, em face de tratar os sujeitos homossexuais como inferiores, como anomalias, como o posicionamento discriminatório que afasta a possibilidade de problematização e construção de reflexões sobre as diferenças em âmbito educacional. E principalmente na busca, geralmente imposta socialmente, pela padronização de identidades que atendam e realizem as regras dos papéis sociais de se constituir como homem ou como mulher socialmente.

É por considerar estas “verdades” postas que devemos “[...] duvidar dessas verdades e certezas sobre os corpos e a sexualidade, que vale a pena pôr em questão como eles costumam ser pensados e as formas como identidades e práticas têm sido consagradas ou marginalizadas” (LOURO, 2000, p. 25).

Pensar como as práticas buscam a normalidade, que se atenda a uma norma hegemônica, influenciam todas as extensões sociais, incluindo a Educação e o convívio escolar, mas se temos ciência de nossa existência plural, do reconhecimento da diferença encontramos a possibilidade de resistir a uma historicidade que continua a oprimir e discriminar a existência da homossexualidade.

1.4. A homossexualidade e sua presença no espaço escolar

Os seres humanos, por nascerem em um contexto histórico e cultural, buscam atender a determinado tipo de gênero e sexualidade que foram construídos socialmente e que são vistos como normas aceitas por determinados grupos sociais (LOURO, 2000). Assim, historicamente foram propagados pelas gerações que a

homossexualidade deveria ser oprimida por não corresponder às normas vigentes. Conseqüentemente, as pessoas que:

[...] assumem uma orientação homossexual, assumem uma identidade não aprovada socialmente. Ainda hoje, quando se vivencia a liberdade de ser, de ir e vir, a homossexualidade preserva uma identidade “camuflada” e muitos destes, não ousam revelar-se, com o receio do preconceito gerador da exclusão na família, na escola, no mundo do trabalho e nos grupos sociais. (KERN; SILVA, 2009, p. 512).

Trata-se de um tipo de exclusão que permeia todas as extensões sociais, que seleciona e distribui papéis que serão executados pelos sujeitos que se encontram inseridos em determinados grupos da sociedade. E até o momento ainda há repressões à homossexualidade, principalmente quando os sujeitos homossexuais são professores. Entendemos assim que os mesmos apresentarão riscos à formação e propagação da “sexualidade normal” e para que se mantenha uma profissão, pode surgir a assunção de uma identidade camuflada, pois declarar certa identidade é “[...] um ato político e, nas atuais condições, um ato que ainda pode cobrar o alto preço da estigmatização” (LOURO, 2000, p. 24).

É possível afirmar que se trata de um preço pago por sujeitos que se encontram oprimidos porque “[...] as pessoas têm dificuldade de incorporar novas formas de representações sociais e, portanto, de comportamentos” (GONÇALVES, 2017, p. 7). Nesse caso, há uma evidente dificuldade de aceitação da homossexualidade, pois há muito tempo foi reprimida pelas culturas ocidentais. Cabe neste momento expor que,

[...] nada é mais exemplar disso do que o ocultamento ou a negação dos/as homossexuais – e da homossexualidade – pela escola. Ao não se falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda “eliminá-los/as”, ou pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas “normais” os/as conheçam e possam desejá-los/as. Aqui o silenciamento – a ausência da fala – aparece como uma espécie de garantia da “norma” (LOURO, 2014, p. 71-72).

É importante ressaltar também que buscamos na escola um espaço de possibilidade de respeito às diferenças, as formas dignas de vida humana e das múltiplas possibilidades de se existir, visando construir, conforme João Nemi Neto (2015, p. 29),

[...] um espaço amplo de expressão das diversas possibilidades humanas em relação à sexualidade e gênero mantendo um ambiente diverso em que alunos, professores e outros participantes do processo educativo possam manifestar-se de maneira livre. (NEMI NETO, 2015, p. 29)

E são, portanto, essas possibilidades de construção de um local onde reconhecemos e existimos nas diferenças, que dignifique e respeite as formas de vida e suas construções de seus sujeitos, uma vez que entendemos que a educação escolar,

[...] não pode jamais ser neutra, tanto pode estar a serviço da decisão, da transformação do mundo, da inserção crítica nele, quanto a serviço da imobilização, da permanência possível das estruturas injustas, da acomodação dos seres humanos à realidade tida como intocável (FREIRE, 2000, p. 27).

Reconhecemos então que o sistema atual não inclui a todos, que este sistema não basta. Pois, as formas de Ser são múltiplas para que se atenda apenas a uma norma. A presença e o convívio com a multiplicidade sejam de gênero, identidade de gênero e orientação sexual, habitua e constrói o respeito e dignifica a forma de vida destes sujeitos diferentes. A diferença existe a nossa volta, não cabe a nós selecionarmos espaços onde ela tenha direito de ir e vir. Portanto,

Faz-se necessário reconhecer e valorizar a capacidade humana e antes de tudo, entender a existência do humano como ser presente nas relações, numa crença de que este se autocapacita para sua própria realização. Pode parecer fácil apresentar um discurso que defende a valorização da capacidade humana, mas quando se está diante de pessoas rotuladas com preconceitos, esquecidas e marginalizadas sofrendo a exclusão social, o valor da vida cria limites, principalmente quando estamos falando da homossexualidade e suas representações sociais. (KERN; SILVA, 2009, p. 508-509).

Limites que se tornam claros ao se identificar como homossexual em uma sociedade historicamente opressora e esta mesma que dispõe ao seu alcance de inúmeros mecanismos que visam enquadrar e conseguir que uma maioria atenda, viva e execute suas imposições.

Quando dizemos que o sistema escolar não inclui a todos, acreditamos que essa postura não é correta, principalmente em face da dignificação à existência da sexualidade de sujeitos homossexuais. Assim, entendemos que a iniciativa adequada é aquela que:

[...] exigirá das escolas e dos sistemas de ensino o desenvolvimento de políticas de formação centradas nas dimensões pessoal e profissional do professor, mais especificamente as que tomam as histórias de vida e as narrativas docentes como eixos de formação, visto que podem contribuir para construção de modos de trabalho e desenvolvimento de projetos de ensino que mobilizam múltiplas linguagens nos processos de conhecimento e aprendizagens na sala de aula. (SOUZA, 2015, p. 209).

A vivência de quem existe e se constrói cotidianamente dentro da opressão serve de base para que as desigualdades influenciem no processo de aprendizagem da multiplicidade e das diferenças. Ademais, não nos despimos de quem somos no exercício da função docente, tampouco o posicionamento da ignorância à homossexualidade por e pela escola é correto, porque a diversidade sexual se encontra na escola, nos sujeitos que permeiam suas estruturas e a constituem.

Cabe então buscar orientações nos parâmetros curriculares, documentos elaborados na década de noventa e que ainda apresentam possibilidades da integração do debate sobre gênero e sexualidade como tema transversal, e que visam por meio deste como transversal dispor diretrizes para abordar as possibilidades de trabalhar a multiplicidade de gênero, identidades de gênero e de sexualidade, em face dos marcadores sociais que constituem a sociedade e buscam a garantia de continuarem se propagando de forma que garantam a existência da inclusão e exclusão, da continuidade do “nós e eles”.

2. TEMAS TRANSVERSAIS COMO POSSIBILIDADE DE PROBLEMATIZAÇÃO DA SEXUALIDADE

Compreendido a conceituação de gênero, identidade de gênero e orientação sexual/ sexualidade, como construções históricas dentro de um contexto social e cultural, contextos esses que determinam e delimitam as significações de cada um desses termos. Assim, urge salientar que gênero se dá pela determinação da dicotomia do se constituir a ser homem ou mulher para cada determinada cultura, identidade de gênero são as construções identitárias destes papéis sociais desenvolvidos pelos sujeitos. E a sexualidade está no contexto da expressão das afetividades e prazeres, sendo que algumas formas de expressão da sexualidade se encontram marcadas por preconceitos e discriminação.

Este capítulo tem por objetivo analisar as proposições de um Parâmetro Curricular Nacional, que são diretrizes elaboradas pelo Governo Federal para orientar educadores/as fatores fundamentais que levem os educandos/as a adquirir conhecimentos necessários para o exercício da cidadania. Neste sentido, o capítulo de orientação sexual apresenta à inclusão dos debates e problematizações sobre gênero, sexualidade e educação sexual tomados como posicionamento de debate e inclusão dentro de uma matriz curricular pedagógica na escola.

Explicitamos a necessidade de se pautar estas questões pertinentes a sexualidade para que os discentes venham a ter o reconhecimento de si e do outro, buscando a dignificação e quebra de preconceitos enraizados a algumas possibilidades de sexualidade, ressaltando a homossexualidade.

Tal postura é necessária a fim de que, a partir destas problematizações, com a inclusão da sexualidade como pauta na Educação, haja a compreensão de quais determinações de gênero são dispostas ao nosso momento histórico, a compreensão de por quais identidades de gênero elas são expressas e quais são as possibilidades afetivas da sexualidade, construindo um pensamento crítico sem fundamentos de preconceito e/ou discriminação.

O debate da sexualidade no currículo escolar possibilita o respeito da diversidade, das possibilidades de problematizar crenças e valores propagados a um posicionamento excludente e discriminatório. Constrói o respeito e a dignificação das diferentes formas de atração sexual.

2.1. Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação sexual e sua abordagem pela Educação

Os Parâmetros Curriculares Nacionais são documentos elaborados com a intenção de ampliar e aprofundar os debates educacionais que envolvam a comunidade escolar, pais, governos e sociedade. Para que assim se promova a transformação positiva das discussões e problematizações do sistema educativo brasileiro. Devido à ênfase desse capítulo sobre o PCN estar voltada para a transversalidade da temática da Orientação Sexual, destacamos que o objetivo do referido parâmetro curricular consiste em:

[...] promover reflexões e discussões de técnicos, professores, equipes pedagógicas, bem como de pais e responsáveis, com a finalidade de sistematizar a ação pedagógica da escola no trato de questões da sexualidade. (BRASIL, 1998, p. 287).

E são exatamente estas problematizações e discussões às quais a estrutura escolar se mantém distante, como se os sujeitos se dessexualizam para conviver dentro das estruturas da escola. Demandando compreender que os sujeitos que constituem a comunidade escolar já estão permeados por um sistema cultural e já possuem conhecimentos dos conceitos propagados em uma cultura.

E neste sentido concordamos com Louro (2014), por afirmar que em nossa sociedade o que é a maioria social considerada como a “norma” se dá pelo cidadão branco, heterossexual, cristão. Estes são os modelos que ditam como diferentes todos os que não se enquadram nesses atributos.

A presença deste currículo que busca adaptar as crianças para que elas venham atender a esta norma, está presente na escola, como ressalta Érica Renata de Souza (2006) que há:

[...] a existência de um “currículo oculto” (*hidden curriculum*) que transforma crianças que apresentam movimentos similares do corpo em “garotos” e “garotas”, ou seja, em crianças cujas práticas do corpo diferem. Esse “currículo oculto”, além de criar as diferenças entre gênero e facilitar o processo já iniciado na família, faz com que tais diferenças apareçam e sejam “naturais”. (SOUZA, 2006, p. 176).

A autora explicita a existência das diferenças que são internalizadas no processo educacional, que dispõe e continua a propagar as determinações culturais

das normas tidas como naturais socialmente, as normas de se constituir como homem e mulher e neste sentido, que a homossexualidade se encontra estigmatizada com a discriminação. Pois é neste âmbito que Louro (2014, p. 26-27) analisa: “Na medida em que o conceito afirma o caráter social do feminino e masculino, obriga aquelas/es que o empregam a levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos de que estão tratando”.

E os conceitos que formavam e delimitava o que significava ser homem ou mulher socialmente não cabem como as representações destes mesmos papéis atualmente. Não cabe propagar preconceitos e discriminações quanto à formação de gênero, identidade de gênero e sexualidade, pois a visibilidade da diferença da pluralidade destes conceitos se faz presente na vida dos sujeitos.

O padrão de ser homem e constituir sua masculinidade está enraizado a conceitos que delimitam este significado do Ser homem na sociedade e “[...] aqueles homens que se afastam da forma de masculinidade hegemônica são considerados diferentes, são representados como o outro é, usualmente, experimentam práticas de discriminação ou subordinação.” (LOURO, 2014, p. 52).

É importante ressaltar que a homossexualidade se encontra posicionada a disposição da discriminação, tendo em vista que por anos foi concebida como uma patologia, um pecado, vista como um erro, não tratando seus sujeitos como equivalentes àqueles que atendem as normas, mas sim como desiguais. Tal fato ocorre porque:

Cada sociedade desenvolve regras que se constituem em parâmetros fundamentais para o comportamento sexual das pessoas. Isso se dá num processo social que passa pelos interesses dos agrupamentos socialmente organizados e das classes sociais, que é mediado pela ciência, pela religião e pela mídia, e sua resultante é expressa tanto pelo imaginário coletivo quanto pelas políticas públicas, coordenadas pelo Estado. (BRASIL, 1998. p. 295).

Cabe então saber quais os interesses sociais, que neste momento em que nos encontramos, estão sendo estudados e questionados pela ciência, quais são manipulados e propagados pelas mídias e pela religião, reconhecendo que o conservadorismo busca que a norma “natural” continue a ser mantida.

Marcos da discriminação homossexual podem se desconstruir a partir de que um projeto pedagógico integre a estrutura da formação educacional da escola, na medida que

[...] incluir a discussão da sexualidade no eu projeto pedagógico estará se habilitando a interagir com os jovens a partir da linguagem e do foco de interesse que marca essa etapa de suas vidas e que é tão importante para a construção de sua identidade. (BRASIL, 1998, p. 297).

Compreender que a sexualidade faz parte de cada sujeito, que ela está intrínseca a constituição de cada Ser, assim como seu gênero, sua representação visual de gênero através de sua identidade de gênero e pela expressão de suas afetividades e prazeres na sexualidade.

Assim, os sujeitos sociais “[...] masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc.)” (LOURO, 2014, p. 31). São diversos os marcadores sociais que operam e diferenciam os sujeitos da norma propagada pelo interesse social que visa enquadrar a todos no que é tido como a hegemonia heterossexual.

E tudo que, coercitivamente, se instaura como natural e inato é uma possibilidade de problematização pela Educação, pois “[...] a educação, como instituição social, se funda na luta, se mantém viva através da luta, e esta luta deve incluir amor, conciliação, liberdade e esperança.” (FREIRE, 2014, p. 23). A luta da inclusão da compreensão da diferença tão digna quanto à “norma”.

Liberdade para se reconhecer a existência plural da diversidade, esperança de que através do pensamento crítico e problematizações as discriminações sejam alvo de um novo posicionamento em face da sua manutenção e propagação, e conciliação da compreensão de que o que se difere não é subordinado aos que atendam as normas, mas sim sua parte integrante da constituição da diferença.

Portanto, “[...] a escola precisa estar consciente da necessidade de abrir um espaço para reflexão como parte do processo de formação permanente de todos os envolvidos no processo educativo.” (BRASIL, 1998, p. 299). Essa formação é necessária para que a luta da dignificação da existência da homossexualidade seja problematizada através da integração de debates sobre sexualidade no espaço escolar.

Ao manter-se distante destas questões da possibilidade de debates sobre a sexualidade, principalmente quanto à existência da homossexualidade, Souza (2008, p. 183) alerta que no: “[...] contexto escolar temos percepções de classe,

raça, gênero, sexualidade e estética inseridas nas relações de um sistema que [...] apesar do discurso da igualdade de oportunidades, reproduz e legitima diferenças”.

Reproduz e legitima as diferenças de gênero ao trato e constituição do que é ser feminino ou masculino, conceitos que já estão operando no que a família ensina para este sujeito em formação sobre as distinções dos mesmos; sobre a identidade que difere e atenda a heteronormatividade vigente e sobre sexualidade ao que concerne a propagação do que é correto, inato.

Estes posicionamentos são carregados de processos históricos que continuam moldando os sujeitos até hoje, assim como nos constituímos em um momento histórico, atendendo ao que se é disposto a nós enquanto nossa formação, e quanto a nossa formação ser um processo de construção e desconstrução. Assim, podemos afirmar que:

[...] a educação é absolutamente necessária, dada a natureza dos seres humanos, como seres inconclusos e conscientes disto, mas precisamente porque os seres humanos são seres históricos a educação é também um evento histórico. Isto quer dizer que a educação muda no tempo e no espaço. (FREIRE, 2014, p. 26).

E nosso tempo e espaço são de nos posicionarmos ao questionar as definições discriminatórias quanto às diferenças sexuais, quanto ao preconceito e discriminação vivenciados ou não por sujeitos homossexuais, quanto ao questionamento da manutenção das desigualdades de gênero, quanto a possibilidade de debater a constituição das identidades de gênero.

Sabemos que todos estes conceitos estão em operação e vivência na constituição de todos os Seres que constituem a escola, que permeiam sua estrutura e as dificuldades de integrar o debate destes tópicos necessários de problematizações se encontram fundamentados no receio de não se contemplar a “norma” vigente. Portanto, a partir desse cenário, acreditamos que a postura dos educadores e das educadoras

[...] precisam se mostrar disponíveis para conversar a respeito dos temas propostos e abordar as questões de forma direta e esclarecedora, exceção feita às informações que se refiram à intimidade do educador. Informações concretas do ponto de vista científico ou esclarecimentos sobre as questões trazidas pelos alunos são fundamentais para seu bem-estar e tranquilidade, para uma maior consciência de seu próprio corpo, elevação de sua autoestima e, portanto, melhores condições de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada e abuso sexual. (BRASIL, 1998, p. 302).

É neste sentido que é importante haver a presença de professores homossexuais e transexuais, um corpo docente plural, que inclua a diversidade das possibilidades de existência, que venha pautar e saber responder com a realidade vivida e científica para sanar os questionamentos dos discentes. Que esse quadro diversificado de professores demonstra que existem identidades divergentes, sexualidades distintas e que a diferença se encontra oprimida. Pois tudo que se é propagado como norma é e deve ser pauta de problematização, como salienta Louro (2014, p. 66): “[...] a escola continua imprimindo sua ‘marca distintiva’ sobre os sujeitos. Através de mecanismos, escolarizam-se e distinguem-se os corpos e as mentes”. E a presença de sujeitos que destoam das normas é uma possibilidade da dignificação do olhar marginalizado que marcam e distinguem os sujeitos. Sendo assim,

[...] necessário que os professores possam reconhecer os valores que regem seus próprios comportamentos e orientam sua visão de mundo, assim como reconhecer a legitimidade de valores e comportamentos diversos dos seus. Tal postura cria condições favoráveis para o esclarecimento, a informação e o debate sem imposição de valores específicos. A postura dos educadores precisa refletir os valores democráticos e pluralistas propostos e os objetivos gerais a serem alcançados. (BRASIL, 1998, p. 303).

Uma postura baseada sempre no respeito e dignificação da existência plural dos sujeitos, nas palavras de Paulo Freire (2014, p. 32), educar traz a consequência de pensar “[...] em favor de quem, em favor de quê, em favor de qual sonho”.

E neste sentido que a problematização da sexualidade se dá em favor do reconhecimento da diversidade sexual dos sujeitos sociais, para que assim se compreenda a pluralidade das possibilidades de Ser, com o sonho de uma sociedade mais crítica que ponha em pauta e questione os tabus e preconceitos historicamente construídos. Diante desse processo,

[...] a homofobia, o sexismo e o racismo são preconceitos operantes nas relações sociais no interior da escola, destacando a necessidade de erradicá-los através da promoção de valores democráticos – pautados pelos direitos humanos, de uma cultura de paz e de respeito à diversidade humana e cultural. (SOUZA, 2015, p. 203).

Assim, problematizar o discurso da sexualidade humana como pertinente a cada sujeito, a constituição de identidades e de seres e saberes, a sexualidade se forma diferente, plural e carrega as marcas operantes de toda a construção histórica em torno dela. Por isso que o debate acerca da sexualidade deve ser pautado

[...] por meio do diálogo, da reflexão e da possibilidade de reconstruir as informações, pautando-se sempre pelo respeito a si próprio e ao outro, que o aluno conseguirá transformar ou reafirmar, concepções e princípios, construindo de maneira significativa seu próprio código de valores. (BRASIL, 1998, p. 307).

Assim, reconstruir então todo o processo de afirmação e assunção de uma naturalidade, reconstruir os preconceitos e posicionamentos discriminatórios que são propagados. Para que diante do conhecimento da existência plural o mesmo possa questionar e ter conhecimento sobre as diferenças de gênero, identidade de gênero e orientação sexual.

É neste sentido do reconhecimento de si e do outro, das diferenças de gênero e suas identidades, da existência de orientações sexuais que expressam afetividade com outras possibilidades que o PCN tem como objetivo de denotar que:

Esse tema vincula-se ao exercício da cidadania na medida que propõe o desenvolvimento do respeito a si e ao outro e contribui para garantir direitos básicos a todos, como saúde, a informação e o conhecimento, elementos fundamentais para a formação de cidadão responsáveis e conscientes de suas capacidades. (BRASIL, 1998, p. 311).

Trata-se de cidadãos responsáveis e que devem saber que atitudes individuais influenciam a si e ao outro, conscientes, a saber, se posicionar criticamente em face de atitudes naturalizadas e discriminatórias na relação com a diversidade sexual. De acordo com Souza (2006, p. 197), “[...] a ignorância sobre a homossexualidade corresponde à ignorância do processo de construção sexual da heterossexualidade”.

É neste sentido da ignorância que o capítulo do PCN, apresenta a possibilidade de “[...] identificar e repensar tabus e preconceitos referentes à sexualidade, evitando comportamentos discriminatórios e intolerantes e analisando criticamente os estereótipos.” (BRASIL, 1998, p. 311). Estereótipos propagados de definições do ser homem ou ser mulher.

Da postura de cada sujeito feminino ou masculino, da distinção das identidades de gênero que venham a responder a genitália do sujeito, tabus quanto à sexualidade que propagam preconceitos para as diferentes orientações sexuais. Tal postura é importante para que, através deste conhecimento, de repensar as atitudes propagadas pelos mecanismos de escolarização possa-se “[...] reconhecer como construções culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e

ao feminino, posicionando-se contra discriminações a eles associadas.” (BRASIL, 1998. p. 311). O problema é que ainda predomina nas escolas a ideia de normatividade que não reconhece a existência da masculinidade na feminilidade e vice e versa.

Nesse cenário, os posicionamentos que buscam legitimar a norma criam raízes na distinção dos gêneros, na distinção das suas identidades e, conseqüentemente, define o que é de menino e o que é de meninas, reforçando a produção inata da sexualidade para com o sexo oposto.

A visibilidade e distinção de sujeitos se confundem e questionam as determinações dos conceitos, emergindo a compreensão das diferenças do que é gênero, identidade de gênero e sexualidade. Além do mais, é importante considerar que no âmbito da sexualidade há ainda outras possibilidades e conceitos que nomeiam seus sujeitos e, como ressalta Souza (2006), ao explicitar a confusão entre gênero e sexualidade quando os corpos que vivem tais não conseguem serem “lidos” dentro dos moldes da universalidade e da natureza.

À medida que não se conseguem mais encaixar os corpos nos padrões impostos pela hegemonia vigente, de modo que os oprimidos passam a questionar e problematizar as opressões por eles vivenciadas, se reconhece que a sexualidade é apenas uma dimensão da existência humana e que tanto gênero quanto sexualidade se encontram definidos e propagados por sistemas culturais.

Segundo o PCN (1998), a legitimação destes debates, a resposta à possibilidade de aplicação de seus objetivos será capaz de construir uma consciência crítica na assunção da sexualidade de cada discente, compreendendo a mesma e suas possibilidades dentro da cultura na qual se insere. Ao refletir sobre o contexto cultural, Freire (2014, p. 39) salienta: “É por isso que ser um educador ou um administrador da educação implica em que se tem que, constantemente, aumentar o seu próprio entendimento de outras culturas, para se ter mais e mais leituras de mundo mais abertas, mais críticas”.

Nota-se assim que é necessário investir na formação continuada, para então compreender que o sistema cultural atual é excludente àqueles e àquelas que não atendem a norma e que não se adequam no pensamento inato de uma sexualidade “natural”. Este posicionamento crítico do reconhecimento do que está posto e dissipado na nossa cultura deve ser elemento de debate em âmbito escolar, para que assim se possa:

Respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos à sexualidade, reconhecendo e respeitando as diferentes formas de atração sexual e o seu direito à expressão, garantida a dignidade do ser humano. (BRASIL, 1998, p. 311).

O respeito à dignidade de vida do ser humano e a sua diferença sexual está como primeiro objetivo de um Parâmetro curricular elaborado na década de 1990, mas ainda nos encontramos propagando valores e travando batalhas que visam dignificar a existência destas diferenças sexuais.

Ainda, no presente cenário social brasileiro, é preciso demonstrar que a existência da homossexualidade não é uma desigualdade ou anomalia como propagada historicamente, que esta existência é tão digna quanto à existência da heterossexualidade. Direitos demandados pela comunidade LGBT não são privilégios exigidos por um grupo de minoria, mas sim o respaldo de se reconhecerem com equidade aos que se encontra dentro das “normas” e que desfrutam destes direitos.

É neste sentido que a urgência dos debates sobre sexualidade no espaço escolar já está posta desde anos anteriores, para a prevenção de uma vida sexual despreparada e sem conhecimento dos discentes, para o respeito de si e do outro, para compreensão do que se é abuso sexual. Assim, será possível construir o conhecimento crítico da sua própria sexualidade e dos outros com o qual a estrutura escolar se institui.

Debater sexualidade significa compreender o que se conceitua como gênero, identidade de gênero e orientação sexual na cultura em que esta escolarização se encontra, quais seus marcadores sociais e as influências que os mesmos operam nestes termos, quais as dificuldades de compreender que a existência dos diferentes não se dá pela desigualdade, mas sim pela possibilidade da existência da multiplicidade da vida humana, da multiplicidade de afetividades, ou seja, orientações sexuais.

2.2. Orientação sexual e suas relações com o parâmetro curricular escolar

Nos encontramos em meio a um sistema de construções sociais, que nos identificam e nos diferem, que nos formam enquanto sujeitos sociais. Estes

processos de formação são carregados de significações de vários conceitos e determinações propagados por processos históricos.

Processos que determinam e delimitam no plano da cultura o que se define de conhecimento por gênero, pelas identidades de gênero, pela orientação sexual e os mesmos processos tentam instaurar mecanismos de relações de poder que tentam “naturalizar” alguns comportamentos e discriminam outros.

Gênero está no plano da cultura, visto que ela dispõe ao meio o que se define como mulher ou homem no determinado momento deste meio social, quais são as identificações e corporificações destas terminologias. Corporificação que se apresenta pelas identidades de gênero, que executam a identificação de cada ator social com o ser homem ou ser mulher.

As identidades de gênero que aproximam e expressam as feminilidades ou masculinidades e urge no momento a relevância de se compreender aqueles e aquelas que transitam entre a existência de masculinidades com feminilidades e feminilidades com masculinidades.

A sexualidade também está posta no plano cultural, pois a mesma se encontra enraizada em pensamentos e *tabus* propagados socialmente que buscam e dispõem de diversos mecanismos para instaurar uma norma, uma regra, uma naturalização para a sexualidade de uma maioria, discriminando e tomando como erro quaisquer desvios desta “sexualidade normal”.

Um destes mecanismos se faz presente na constituição da escola, visto que essa instituição educativa se apresenta com um distanciamento a diferença e se dispõe de ferramentas para se continuar distante da problematização sobre sexualidade que promova o pensamento crítico e apresente aos discentes a vida como a realidade plural e diversa.

A escola se mantém como o lugar do desconhecido e da ignorância em face dos assuntos da diversidade de orientações sexuais, mas o tema de orientação sexual é reconhecido como um tema transversal e oriundo de uma estrutura de abordagem da temática em sala de aula. O que nos leva a questionar: Se há a existência deste material, por que a escola silencia e ignora assuntos da sexualidade? Qual a real funcionalidade destes parâmetros curriculares em face da atual Educação? Como se respaldar deste documento para problematizar e incluir a sexualidade no cotidiano escolar?

E é neste sentido que buscaremos compreender como o Parâmetro Curricular Nacional (1998), elaborado pela Secretaria de Educação Fundamental do Brasil, que apresenta a abordagem da Orientação sexual e suas possibilidades de problematizações no espaço escolar, colocando em pauta questionamentos sobre as relações das influências sociais que ainda consolidam o distanciamento destas problematizações e afastam a instituição escolar a atender os objetivos propostos pelo mesmo.

Cabe salientar que o Parâmetro Curricular Nacional foi um documento elaborado no final da década de 1990, sendo pioneiro na dedicação de um capítulo completo de proposição da inclusão do assunto da sexualidade e sua abordagem em um contexto escolar. Porém, é necessário ressaltar que a terminologia de orientação sexual neste momento visava expressar a educação sexual porque no contexto em que este documento foi elaborado era necessária à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência, prevenção a HIV etc. Atualmente o termo orientação sexual se destina a expressar a sexualidade, a relação afetiva, podendo ela ser vivenciada como homo, hétero ou bissexual.

Apesar da definição do termo não expressar diretamente a significação dada à orientação sexual no momento de origem desta presente pesquisa, sua relevância se dá pelo fato de ser um material que já de décadas anteriores propunha a inclusão do debate e problematização a cerca da sexualidade. Assim, podemos relacionar a escola atual e sua constituição, na relação com os debates sobre sexualidade com o que já está posto e proposto por este PCN desde 1998.

2.3. Para além dos Parâmetros Curriculares Nacional

A ciência de um referencial norteador de propostas para a problematização de gênero e sexualidade está posta à Educação desde 1998, mesmo que no momento de sua elaboração o PCN não problematizasse estes conceitos como são teorizados e analisados no contexto atual, aponta assim a relevância histórica de ser um dos pioneiros a propor a inclusão destas problematizações para o espaço escolar.

E qual respaldo em questões didáticas e de propostas para esta inclusão? Há acesso e disponibilidade para o contexto histórico atual? Neste momento se faz a necessidade de reflexão sobre qual momento e contexto social nos inserimos e

pensamos tais questões. Passamos a vivenciar uma frente governamental tendenciosa aos ideais conservadores e normativos, um governo eleito pela disseminação das ditas *fake news* e com inúmeras declarações homofóbicas e contrárias a minoria LGBT.

As ideias conservadoras predominantes no Brasil exerceram influências no processo de construção da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), homologada em 20 de dezembro de 2017 (BRASIL, 2017). Inicialmente a primeira versão do documento normativo passou por consulta pública *online* e recebeu mais de 12 milhões de contribuições. A segunda versão foi discutida em seminários realizados em todo o país, os quais foram organizados pelo Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed) e pela União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) e reuniu sugestões de muitos professores (MOVIMENTO, 2017). A terceira versão da BNCC foi entregue ao Conselho Nacional de Educação (CNE) no dia 6 de abril de 2017, porém, o CNE decidiu por acatar as sugestões do Ministério da Educação e retirou da BNCC temas relacionados a gênero e a orientação sexual (APUFPR, 2017).

Importante enfatizar que, diferentemente dos PCNs, que possui um volume dedicado a sexualidade e a gênero, a BNCC desconsiderou essa temática, como afirma Ettrich (2019, p. 6): “Ao buscar uma menção no documento ao tema transversal destinado à sexualidade, como constava nos PCNs, percebe-se que a Base não possui parte específica destinada a esse tema”. Evidencia-se assim a afirmação de um posicionamento predominante no contexto atual, que visa ignorar e silenciar as discussões acerca da realidade plural de possibilidades de sujeitos, especialmente no que tange as questões de gênero e sexualidade, e que a BNCC desconsiderou. Para além dessa posição omissa que resultou nesse silenciamento, Freitas, Silva e Leite (2018) expõem que as proposições do documento

[...] trazem consigo as ideias de inovação e melhoria da educação [...] aliada a uma ideia de igualdade de oportunidades, isto é, a política curricular tem a premissa de que vai garantir que todos poderão ingressar e aprender, minimamente, as mesmas habilidades. Tal ensejo garantiria a diminuição das desigualdades, o aumento das oportunidades e o avanço das oportunidades. (FREITAS; LEITE, 2018, p. 858).

Neste sentido, o que está posto pela BNCC se torna um vislumbre de utopia que desconsidera fatores que atuam além da realidade escolar, como a realidade

econômica de cada discente, o desempenho e o fracasso escolar, questões de raça, de gênero e de sexualidade, entre outros. Nesse sentido, Ettrich (2019) enfatiza que:

[...] a escola não pode se omitir de discussões que envolvam questões sociais. Se lá é o local onde essas relações ocorrem, é importante que a educação englobe questões de respeito às diferenças. A escola é diversa, as pessoas que a compõem são diferentes, e isso não pode ser ignorado. (ETTRICH, 2019, p. 4).

Trata-se então de reconhecer que um documento proposto e aprovado como norteador de um currículo pedagógico público legitima a busca pela garantia de um sistema opressor que continua encontrando mecanismos de silenciamento à diferença, às possibilidades de existência na diversidade. Ademais, a busca desta retomada de opressões é que caracterizam os movimentos de reflexões contrários a estas coerções propagadas, pois a “[...] diversidade nos demonstra, mais do que nunca, que a história e as lutas de um grupo cultural são atravessadas e contingenciadas por experiências e lutas conflitantes, protagonizadas por outros grupos” (LOURO, 2017, p. 53).

Grupos estes que, em face dos silenciamentos propostos pela BNCC, se encontrem fora dos padrões conservadores, ou seja, fora dos padrões de um ideal heteronormativo e binário, propagado e reforçado por décadas. Trata-se de um contexto social que começava a se desconstruir em direção a democratização e questionamentos de verdades postas, mas que atualmente tem sofrido impactos desta retomada de um senso discriminatório, pois

[...] o currículo é campo político que envolve tensões, negociações e acordos culturais e econômicos, o que acaba por legitimar determinados saberes e dar respaldo a certos grupos. Aqueles que ganham visibilidade acabam por produzir um discurso de dominação que ofusca os outros saberes e os atribui um caráter ilegítimo ou de menor valia. (FREITAS; SILVA; LEITE, 2019, p. 859).

O que está proposto então pela BNCC se torna a retomada a menor valia às questões que pontuam as diferenças, que marcam a existência plural dos diferentes discentes e seus contextos enquanto sujeitos atuantes de uma determinada sociedade. Mais especificamente, quando o objeto se torna gênero ou sexualidade, mesmo que minimamente o documento denote uma mínima preocupação com estas problematizações, elas se demonstram como

[...] prezar pelo respeito à diversidade, não tolerando os diferentes tipos de preconceitos presentes na sociedade, não dá enfoque para questões específicas como homofobia e preconceitos contra o público LGBT. Carece, portanto, de uma abordagem específica sobre estes temas – que poderia ficar a cargo de todas as disciplinas, por exemplo – bem como de uma contextualização de sua discussão em uma perspectiva sociológica. (ETTRICH, 2019, p. 7).

Observa-se então uma elaboração generalizada contra as faces de existência dos preconceitos, mas o mesmo documento não denota os caminhos pedagógicos de como executar as proposições que nele constam. Ou seja, “[...] ela não diz como fazer aquilo que ela quer que se faça” (FREITAS; SILVA; LEITE, 2018, p. 863), visto que a BNCC se faz escrita por uma gramática no tempo presencial do futuro, esperando que suas diretrizes sejam cumpridas em expectativas, sem trilhar possibilidades concretas de como fazer suas propostas.

Consequentemente, esta falta de compreensão da realidade escolar e a quem a mesma atende, desconsidera o contexto histórico e cultural em que os sujeitos que compõe a comunidade escolar encontram-se inseridos, como refletem Freitas, Silva e Leite (2018):

Quando o documento faz menção à pessoa humana, não o faz na condição de estudante, aluno ou aprendente, ela não alude a um sujeito histórico e socialmente localizado. A BNCC fala de um indivíduo desprovido de cultura e história. O planejamento educativo é voltado para um indivíduo genérico e que não apresenta subjetividade, particularidades ou identidade. (FREITAS; SILVA; LEITE, 2018, p. 864).

Situa-se assim o sujeito para o qual sua escrita define como desprovido da realidade, distante de um contexto social, cultural e que influencia a realidade de cada discente, ou seja, “[...] a BNCC não fala na inclusão, pois ela nem se propõe a discuti-la.” (FREITAS; SILVA; LEITE, 2018. p. 864). Também Ettrich (2019) salienta que mesmo em partes do documento ocorra menção superficial de respeito e reconhecimento do próprio corpo e de outros ao redor, uma vez que:

[...]a Base Nacional Comum Curricular sofreu perdas quando comparada aos Parâmetros Curriculares Nacionais, pois deixa de ser contemplada em sua especificidade uma importante discussão, que permanece vinculada às questões sociais que envolvem gênero e sexualidade. (ETTRICH, 2019, p. 8).

Ao analisar as perdas equiparadas aos PCNs, elaborados há quase duas décadas antes da BNCC, inferimos que no momento atual há a desvalorização de

pautas pertinentes às reflexões de gênero e de sexualidade, ao mesmo modo que se renega

[...] aceitar que a verdade é plural, que ela é definida pelo local, pelo particular, pelo limitado, temporário, provisório. Temos de aprender a ser modestos e, ao mesmo tempo, a estamos atentos em relação ao caráter político de nossas ações cotidianas. Precisamos prestar atenção às estratégias públicas e privadas que são postas em ação, cotidianamente, para garantir a estabilidade da identidade “normal” e de todas as formas culturais a ela associadas; prestar atenção às estratégias que são mobilizadas para marcar as identidades “diferentes” e aquelas que buscam superar o medo e a atração que nos provocam as identidades “excêntricas”. (LOURO, 2017, p. 53).

O que predomina na BNCC é o silenciamento de questões do cotidiano, da retomada da garantia de que a normalidade seja posta como uma verdade e único caminho, ao mesmo tempo em que se afasta das problematizações da diferença, da sexualidade e de gênero. Entretanto, urge compreender que, no que tange ao documento normativo vigente,

[...] o seu processo de construção não foi sustentado no diálogo com profissionais da escola, não há como pensar que se comuniquem ou que há intenção de comunicação. Entende-se que a BNCC é boa e bem-feita para si mesma. Ela pensa a escola sem falar com a escola ou com as demandas da escola. Aquilo que é valorado na BNCC é o discurso científico enquanto os professores esperam que um currículo valora seus cotidianos e enfrente seus problemas diários de sala de aula. Para estas questões, a BNCC não tem, nem quer ter, resposta. (FREITAS; SILVA; LEITE, 2018. p.869).

Ou seja, o documento, apesar de elaborado em momento de visibilidade, reflexão e possibilidade de problematização, se mantém distante de discussões ou posicionamentos frente a discussão de gênero, sexualidade, identidades ou de quaisquer realidades que venham a permear de fato a escola. Operando a manutenção da escola distante a estas questões, mantendo-a ignorando e silenciando pontos necessários à existência da diversidade.

O contexto de governo atual se faz e constrói ataques à Educação, seja por meio de cortes, de incentivo a privatização ou ainda por meio de um documento que não dialoga com a realidade da vida escolar. Pois se trata de um levante a retomada de um posicionamento da educação mínima e que forme sujeitos a atender as demandas de produção. Logo, ao não denotar visibilidade a gênero e sexualidade, espera-se que esses debates deixem de ocorrer nas salas de aula, mas como dito anteriormente, a história e a cultura se fazem por lutas de diferentes grupos e a

diversidade predominante no país continuará se fazendo presente no contexto escolar.

É neste sentido que os avanços e lutas de movimentos, como LGBT, feministas, de raça entre outros, trilharam caminho e possibilidade de se questionar e problematizar as opressões e discriminações postas e arrastadas durante anos. As proposições de um documento produzido em um contexto atual remontam preconceitos e silenciamentos de anos, até mesmo anteriores que o PCN. Se a BNCC se faz na exclusão e no tocante superficial de refletir sobre pautas da realidade, cabe se desdobrar em modos de pontuar que essa mesma realidade não se desmonta e nem se desfaz na tentativa de silenciar respostas a diversidade e as diferenças.

3. A HOMOSSEXUALIDADE COMO POSSIBILIDADE INVESTIGATIVA DA EDUCAÇÃO: CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este capítulo tem por objetivo apresentar os caminhos metodológicos que nortearam a construção investigativa desta pesquisa. Assim como os caminhos trilhados para a constituição do método de pesquisa e a abordagem utilizada, também a apresentação e definição dos participantes selecionados para a coleta de dados.

3.1. Definição do campo teórico metodológico

A pesquisa realizada pertence às investigações do campo das ciências humanas e sociais e se caracteriza por sua natureza qualitativa, concordando com Chizzotti que define esta perspectiva como:

[...] um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivadas do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, e adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, [...] procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles (CHIZZOTTI, 2014, p. 28).

Neste sentido, a realização de pesquisa em Educação pressupõe dispor de índices investigativos qualitativos, pois permite que nos caminhos trilhados pela pesquisa possa-se experimentar e definir qual a diretriz metodológica, mais condizente com o que se é proposto de problema e objetivo investigativo, quais as maneiras mais fidedignas de se compreender os sentidos e significados atribuídos pelos participantes da investigação.

Assim, inicia-se a problemática pelo questionamento de **Como se dá a presença de professores homossexuais nas escolas da capital de Mato Grosso do Sul?** Para encontrar possíveis respostas a este questionamento é que nos propomos investigar sobre gênero, identidade de gênero e orientação sexual nas vivências docentes, tendo por base a experiências preconceituosas, ou não, contra homens homossexuais na docência.

Portanto, a pesquisa define seus colaboradores como os professores homossexuais, a fim de que seja possível analisar a compreensão dos significados

de suas vivências enquanto exercem sua prática docente, pois este tipo de pesquisa “[...] implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem os objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível.” (CHIZOTTI, 2014, p. 28).

Sob essa ótica, buscaremos na singularidade de cada sujeito, o professor homossexual, encontrar as particularidades que permeiam a execução de sua prática docente, no espaço escolar, para que assim possamos analisar e desvelar dados que fomentem as discussões sobre a presença de docentes homossexuais e o contexto dos sentidos e significados atribuídos a suas vivências, expressadas verbalmente pelos mesmos.

3.2. Levantamento e análise dos dados

Tendo em vista que para a análise dos dados utilizaremos a análise de conteúdo de Laurence Bardin (2002), para a coleta de dados sobre a vivência de professores homossexuais, optamos por utilizar como instrumento de pesquisa a gravação de entrevistas individualizadas, visto que a escolha deste instrumento se mostra significativa, uma vez que:

[...] o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeito-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que esta sendo focalizada. (CRUZ NETO, 1999, p. 57).

Essas entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro semiestruturado, pois garante maior “[...] flexibilidade para introduzir, alterar ou eliminar questões, de acordo com as necessidades da pesquisa, identificadas ao longo da entrevista.” (BERTUCCI, 2014, p. 63). Para que assim, ao serem transcritos os relatos dos participantes, venham a ser

[...] recortadas em redor de cada tema-objeto, quer dizer, “tudo o que foi afirmado acerca de cada objecto preciso no decorrer da entrevista, foi transcrito para uma ficha, seja qual for o momento em que a afirmação tenha tido lugar”. (BARDIN, 2002, p. 66).

Estes recortes operam como as unidades de significados contidas em cada agrupamento de ideias expressas e respondidas a cada questão da entrevista.

Sendo neste sentido que o cunho investigativo se baseia nos relatos das opiniões e vivências dos entrevistados, pois é mediante esses relatos que se busca:

[...] identificar, descrever e analisar as questões pesquisadas na perspectiva dos indivíduos que vivenciam determinadas situações ou experiências. Importa aqui a ótica do indivíduo: o que ele percebe, pensa e sente. (BERTUCCI, 2014, p. 60).

Entendemos então que “[...] as vivências são muito mais complexas e ricas do que parecem”, conforme Aguiar e Ozella (2006, p. 229), e são os relatos das mesmas que serão transcritas e recortadas para que possamos desvelar os fenômenos e seus significados. Para que aja assim a sistematização dos dados, processo este que, para Bardin (2002), trata-se de um

[...] esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor da objectividade e da fecundidade da subjectividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito (do não-dito), retido por qualquer mensagem. Tarefa paciente de “desocultação”, responde a esta atitude voyeur de que o analista não ousa confessar-se e justifica sua preocupação honesta, de rigor científico. (BARDIN, 2002, p. 9).

É por meio dos teóricos abordados, dos conceitos teorizados, da estruturação pedagógica em face a homossexualidade que “[...] os dados brutos são sistematicamente reunidos e condensados em unidades que permitam a descrição objetiva das características mais relevantes do conteúdo” (CHIZZOTTI, 2014, p.118).

Procuramos então por uma metodologia que nos permitisse abordar os dados coletados em sua riqueza de informações e respeitando a forma que eles foram coletados e posteriormente transcritos, sob a ótica de atender a problemática investigada. E a análise de conteúdo “[...] pressupõe, portanto, que um texto contém sentidos e significados, patentes ou ocultos, que podem ser apreendidos por um leitor que interpreta a mensagem contida nele por meio de técnicas sistemáticas apropriadas.” (CHIZZOTTI, 2014, p. 115).

De acordo com Bardin (2002, p. 38), “[...] a análise do conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens.” Ao optar por utilizar essa técnica, entendemos que é será possível analisar cada unidade de significado e qual a relação entre as teorias da abordagem de gênero, identidade de gênero e orientação sexual e quais são as experiências vividas por

profissionais da educação em face ao preconceito, ou não, contra sua presença na constituição da comunidade escolar, sua função social de educador.

3.3. Definição dos participantes

Foram convidados a colaborar com a coleta de dados desta pesquisa, cuja temática é a homossexualidade, sete professores homossexuais que trabalham ou trabalharam na educação escolarizada, independentemente das etapas de atuação escolar em que exerce sua regência. Também não foi considerada a área disciplinar de atuação, visto que foi priorizado a vivência e não a determinação de uma disciplina.

Fizemos então a opção de incluir àqueles professores que possuíssem tempo de atuação docente igual ou superior a três anos, por considerarmos uma base de maior experiência e adaptação a atuação como docente superior a este recorte. Deixando explícito que os riscos da participação na pesquisa poderiam surgir mediante algum desconforto originado durante a entrevista ao recordar alguma memória e os benefícios seriam o fomento da pesquisa na área da Educação, através da experiência de um sujeito homossexual e sua prática docente como fomento de dados de análise.

Tendo em vista que a pesquisa envolveu seres humanos, tornou-se necessário a elaboração de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assim como submeter o projeto para a apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFMS, o qual recebeu parecer favorável para a realização da coleta de dados com os sete professores homossexuais de Campo Grande/MS.

3.3.1. Dificuldades e soluções

A princípio, idealizávamos como participantes desta pesquisa, professores homossexuais, na docência somente para o ensino médio, e seus coordenadores pedagógicos. Possuíamos um “pré-acordo” com um coordenador pedagógico e seríamos indicados para os professores desta mesma escola de atuação deste coordenador, o que seria um número suficiente de entrevistados. Porém, este acordo foi desfeito por alegarem não querer comprometer ou serem invasivo com os professores e com o cotidiano e comunidade escolar.

A partir de então, a busca se fez através de indicações, ou seja, pessoas conhecidas mediavam à comunicação com os professores homossexuais e dado o interesse e disposição se confirmava a participação na coleta de dados. Porém, se tornou evidente o baixo número de docentes somente do nível do ensino médio, o que nos levou a remover esta condição de participação, deixando viável a inserção de docentes de qualquer nível de atuação na Educação.

Assim como existiu a dificuldade de se encontrar professores que atuassem apenas em instituições públicas, por conta de se existir o contato mediado por pessoas que conheciam estes professores, voltamos a readaptar a busca e deixamos de considerar o fomento das instituições. Assim, os participantes da pesquisa poderiam atuar como docentes em instituições públicas, privadas, ou em ambas.

Ao fazer contato com os professores homossexuais, eles se demonstravam desconforto em relação a participação dos seus coordenadores pedagógicos, por motivos variados, seja por trabalharem em mais de uma instituição escolar ou até mesmo por os coordenadores não possuírem conhecimento de sua orientação sexual. Então, como se trata de uma investigação da vivência do professor homossexual em âmbito escolar, optamos por renunciar à participação dos coordenadores pedagógicos e aumentar, de quatro professores para sete, o número total de entrevistados, ou seja, de professores homossexuais.

3.3.2. Sobre os participantes

Firmados então os sete participantes desta pesquisa, estipulamos a necessidade e obrigatoriedade do anonimato deles. Sendo assim, neste estudo eles foram identificados por pseudônimos. Como símbolo do movimento LGBT, que representa resistência e identificação deste movimento, os participantes desta pesquisa foram identificados pelas sete cores que formam o arco-íris.

Dessa forma, os participantes da pesquisa foram denominados respectivamente pelas cores: Verde, Anil, Violeta, Laranja, Vermelho, Azul e Amarelo, aqui apresentados pela ordem em que foram entrevistados, mas representados nos quadros na ordem do arco-íris símbolo do orgulho LGBT em viés de militância. Os sete possuem tempo de docência distintos, além de diferentes

níveis de atuação e formações e, para melhor ilustrarmos estas distinções, apresentamos o Quadro 1 abaixo:

Quadro 3 – Identificação dos participantes da pesquisa

IDENTIFICAÇÃO	IDADE	FORMAÇÃO	NÍVEL DE ENSINO	TEMPO DE ATUAÇÃO	TIPO DE INSTITUIÇÃO
VERMELHO	32	História	Educação de Jovens e Adultos – EJA; Ensino Superior	7 anos	Pública
LARANJA	23	Ciências Biológicas	Ensino Fundamental II ao Ensino Médio	3 anos	Privada
AMARELO	30	Letras, pedagogia	Educação infantil ao Ensino Médio; Ensino Superior	9 anos	Pública
VERDE	31	História	Ensino Médio	11 anos	Pública e Privada
AZUL	22	Biologia	Ensino Médio	3 anos	Pública
ANIL	29	Artes Visuais	Ed. Inf. ao Ensino Fund. I e II	4 anos	Pública
VIOLETA	31	Magistério em Educação. Lic. Em Teatro e dança	Ensino Fundamental I ao Ensino Médio	4 anos	Pública e Privada

Fonte: Organizado pelo pesquisador, 2019.

Como podemos notar as informações contidas no Quadro 3, os participantes tinham idade que variava entre 22 a 32 anos, com formação na área de ciências humanas sendo: dois formados em história, dois no âmbito pedagógico, dois na área das ciências biológicas e um em artes visuais.

Eles atuavam em diversos níveis de ensino, desde a Educação Infantil até a Educação de Jovens e Adultos. O tempo de atuação profissional como docentes era de 3 anos a 11 anos. Seus vínculos empregatícios eram quatro em instituições de ensino público, um em instituição de ensino privado e dois que atuavam tanto em instituições públicas quanto privadas.

Torna-se oportuno expor que tanto o professor Vermelho, quanto o professor Amarelo não atuavam mais na Educação Básica, por terem priorizado o ensino superior. Contudo, os relatos desses dois participantes referiam-se às vivências experienciadas no período em que atuaram como docentes no ensino básico.

Dessa forma, entendemos que a pluralidade de níveis, instituições e formações servem de fomento para constituir realidades distintas e singulares de cada professor. Para realização das entrevistas foi realizado o contato com cada um dos sete professores e confirmada a sua disponibilidade e interesse de participação na pesquisa.

Para o processo de coleta de dados e gravação da entrevista, foi combinado que o encontro ocorreria em local de escolha do participante, para que fosse um local onde o mesmo se sentisse confortável e pudesse falar livremente sem interrupções ou influências. Nenhum dos educadores escolheu ou sugeriu o encontro no espaço da instituição escolar onde atuavam como professores.

Durante o encontro no local combinado, comentamos primeiramente sobre o objetivo geral da pesquisa e denotamos a relevância de sua participação e então lhes apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As gravações das entrevistas ocorreram em um tempo médio de 15 minutos e foram realizadas de forma individualizada.

Os dados foram transcritos, sistematizados e categorizados em unidades de significados, para que assim fossem realizadas a análise dos sentidos e significados presentes nos relatos das vivências de professores homossexuais e suas práticas docentes.

4. AS VIVÊNCIAS DOS PROFESSORES HOMOSSEXUAIS NA ESCOLA: ANÁLISE DOS DADOS

A partir do levantamento bibliográfico dos capítulos anteriores é possível compreender os conceitos chaves para a construção analítica desta pesquisa, principalmente sobre o conceito de gênero como definido pelo contexto histórico, não ligado diretamente ao sexo biológico e diferenciado em cada cultura.

O gênero marca nos sujeitos sociais as identidades de gênero, que são as possibilidades de identificação de si com as definições de masculinidades ou feminilidades no contexto social em que os sujeitos se inserem. Enquanto a sexualidade, a afetividade e os desejos são direcionados a outra pessoa, podendo ser alguém do mesmo sexo, sexo oposto, ambos ou nenhum.

Interessa a nós a afetividade homossexual, marcada e estigmatizada historicamente e até a atualidade é vivenciada em face a discriminação, preconceito e silenciamentos. A temática nos conduziu a selecionar docentes masculinos e homossexuais a conceder entrevistas relatando como se dão suas vivências enquanto mediadores de conhecimento no espaço escola.

Após as transcrições dos dados, da realização de sistematizações e categorizações das unidades de significados, desvelaram-se seis categorias de análises, sendo que cada categoria com suas unidades de significados retiradas dos relatos dos participantes das entrevistas aos tocarem em tópicos em comum.

A organização dos dados pode ser evidenciada por meio do Quadro 4, mediante o mapeamento de cada unidade de significado dentro da categoria a qual se encontra e pela qual será analisada no decorrer deste capítulo.

Quadro 4 – Identificação das categorias e unidades de significado¹

Part. / Cat.	Professores gays e sua relação com a escola: “sou gay e vou dar aula aqui”	Homossexualidade e sua abordagem pelas diferentes escolas: “algumas escolas públicas e algumas escolas privadas”	Gênero, identidade de gênero e sexualidade enquanto conteúdo: “é essencial, mas é difícil”	A relação com discentes: “eles gostam bastante de mim”	A relação com responsáveis: “sem agredir esse conservadorismo familiar”	A vivência para além dos muros da escola: “tem colegas que sofrem mais do que eu soffro”
VERMELHO	2; 3; 4; 10; 13; 14; 25; 26; 27;	1;	17; 19; 28d.	5; 6; 7; 9;	15; 16; 18; 20;	8; 11; 12; 21; 22; 23; 24;
LARANJA	1; 3; 4; 6; 8;	-----	7; 9; 14; 15;	2; 5; 10;	11; 12;	13; 16.
AMARELO	1; 2; 6; 23;31;32;33	3; 4; 11; 12; 13; 14; 18;	20; 21; 22;	5; 7; 8; 17; 18; 19; 24; 30;34;3536.	9; 10; 15; 16; 25;	26; 27; 28; 29;
VERDE	2; 3; 9; 11; 18;	-----	10; 12; 14; 15; 16; 17; 19.	1; 4; 5; 8;	6; 7; 12; 13;	-----
AZUL	1; 3; 6; 7;	-----	4; 11; 14;	5; 12;	8; 15.	2; 9; 10; 13;
ANIL	1; 8; 9; 10; 16;	-----	13; 15;	3; 5; 6; 12;	2; 11; 14;	4; 7; 17.
VIOLETA	1; 2; 3; 15;	4; 5; 6; 7; 12;	21; 22; 23; 24; 25;	8; 9; 10; 11; 16; 17; 18; 19; 20; 26;	13; 14;	27; 28; 29; 30; 31; 32; 33; 34.

Fonte: Organizado pelo pesquisador, 2019.

A continuidade deste capítulo tem por objetivo a análise de dados contidas em cada categoria expressas acima através das unidades de significado desveladas em cada uma delas, que foram expressas pelas falas dos participantes ao relatarem suas vivências enquanto docente homossexual.

¹ Os números existentes nas categorias do Quadro 4 expressam as unidades de significado que estão presentes em cada uma das entrevistas realizadas com os seis professores homossexuais. Esses números poderão ser conferidos nos seguintes Apêndices: D e K - entrevista do Amarelo; E – entrevista do Anil; F – entrevista do Azul; G – entrevista do Laranja; H – entrevista do verde; I – entrevista do Vermelho; J – entrevistas do Violeta.

4.1. Professores gays e sua relação com a escola: “sou gay e vou dar aula aqui”

Esta categoria de agrupamento de unidades de significados intitulada “Sou gay e vou dar aula aqui”, tem por objetivo explicitar as relações que se desvelam na presença de um docente homossexual se manter atuando nos espaços escolares, seja em quaisquer níveis de atuação. Essas relações se concretizam pela atuação com o corpo docente, equipe pedagógica e toda a comunidade escolar. E quanto a se posicionar a declarar ou não sua sexualidade em âmbito escolar, o professor Violeta afirma que o conhecimento de sua sexualidade se dá:

Não por mim [...] não que eu me sinta assim, completamente... é... a vontade de poder falar da minha vida assim, até porque é uma postura minha assim..., na verdade eu não estou nem me recolhendo de nada assim, sabe? [...] Eu prefiro uma coisa mais privativa assim mesmo, mas como esses profissionais que eu acabo tendo uma relação mais de amizade do que propriamente do vínculo profissional, é... em algum momento ou outro por... por alguns assuntos mais pessoais, eu chego a falar de questões de relacionamento ou de pensamentos, né? [...] não que eu precise colocar um crachá para as pessoas saberem, mas também não tenho problema nenhum em falar. (VIOLETA 1).

É no sentido de conhecer, ganhar proximidade, intimidade e com o passar do tempo e de convivência que o professor Violeta afirma como se desvela a assunção da sua sexualidade. A identificação sobre a sua formação enquanto sujeito social, não somente como professor, as pessoas com as quais se mantêm a relação com ele no espaço escolar, tornam-se cientes de sua homossexualidade, pois

A sexualidade está presente como uma espécie de atmosfera. Se o ser humano é definido pela sua experiência social, o mesmo sem sistema sexual é tão inconcebível quanto não ter pensamentos. Da mesma forma como se discute a sexualidade humana, discute-se também a liberdade enquanto uma condição de ser. Não se consegue pensar, explicar, ou reduzir a sexualidade a outra coisa além de si mesma, a não ser ela mesma. (KERN; SILVA, 2009, p. 510).

Discutir a sexualidade significa também discutir a liberdade pela possibilidade de escolher, de posicionar-se, de decidir declarar ou não sua sexualidade no contexto em que se insere. Neste sentido, que os professores

Vermelho e Azul afirmam que as instituições em que atuam possuem conhecimento claro de suas orientações sexuais.

[...] sim, as pessoas sabem da minha... da minha orientação sexual, porque... eu..., eu procuro deixar claro, não no sentido de na hora da contratação ou na hora de assumir o concurso público eu fala que sou, né? Mas quanto a isso, agi com bastante naturalidade (VERMELHO 2).

Sabem... Mas assim..., a escola que eu dou aula é uma escola que eu fui aluno, né? (AZUL 1).

Ambos os professores vivenciam suas sexualidades de modos abertos e com conhecimento da comunidade escolar sobre sua afetividade. O posicionamento distinto quanto a declaração ou não de suas sexualidades ao ambiente escolar recai de encontro com a assunção de uma identidade “camuflada”, como expõem Kern e Silva (2009), identidade esta marcada pelo receio a vivenciar a exclusão quando se ousa revelar a homossexualidade.

Portanto que o convívio, a habitualidade, já ter vivido como aluno desta escola, expressam o posicionamento destes professores em face de declarar ou não sua sexualidade, visto que a sexualidade homossexual é marcada social e historicamente como passível de exclusão e discriminação.

Neste sentido que o conhecimento declarado de professores homossexuais no espaço escolar denota um comportamento de vigilância constante, como destaca Louro (2000), porque a vigilância costuma ser constante sobre aqueles e aquelas que irão formar sujeitos que venham a atender as normas vigentes socialmente impostas, uma vez que:

Redobra-se e renova-se a vigilância sobre a sexualidade, mas essa vigilância não sufoca a curiosidade e o interesse, conseguindo, apenas, limitar sua manifestação desembaraçada e sua expressão franca. As perguntas, as fantasias, as dúvidas e a experimentação do prazer são remetidas ao segredo e ao privado. Através de múltiplas estratégias de disciplinamento, aprendemos a vergonha e a culpa; experimentamos a censura e o controle. Acreditando que as questões da sexualidade são assuntos privados, deixamos de perceber sua dimensão social e política. (LOURO, 2000, p. 21).

Portanto, é neste sentido que a vigilância se faz presente, atuando como um mecanismo de disciplinamento e enquadro dos sujeitos formados e em formação que se voltem constantemente a reproduzir as normas coercitivamente postas.

Marcas postas sobre a sexualidade homossexual que carregam preconceitos, como salienta o Violeta:

[...] nessa escola também tem algumas pessoas que em momento algum eu cheguei a comentar mais intimamente assim, sobre essas questões, mas você percebe que tem uma análise, né? Que a pessoa propriamente faz, alguns até com cunho, né [...] de preconceitos. (VIOLETA 2).

Por preconceito compreendemos qualquer juízo de valor sem razão objetiva se manifestando através da intolerância, então se o preconceito se faz presente, como afirma Violeta, atuando em parte integrante da constituição daqueles e daquelas que formam sua comunidade escolar, torna-se relevante entrar em concordância com Jane Felipe de Souza (2012), por afirmar que:

[...] a escola é constituída de vários “atores sociais”, que têm um papel muito importante a cumprir, promovendo o debate, ampliando o conhecimento dos alunos e alunas, bem como de si mesmos, como seres em constante transformação. Neste sentido, a escola pode ser um espaço promotor da ética, do respeito às diferenças e de esperança. (SOUZA, 2012, p. 225).

É sobre tornar o espaço da escola em um espaço da presença da ética, de respeito às e pelas diferenças e promovedor da esperança, que o professor Verde se posiciona em relação ao processo de formação, por entender que as pessoas:

[...] precisam aprender que a capacidade intelectual não tem a ver aí com o seu desejo sexual. Não tem a ver com suas escolhas extra muros da escola e quanto mais essa questão de gênero se neutralizar dentro dos ambientes escolares, de saúde, da segurança... Eu acho que a gente vai fazer mais democracia assim, sabe? (VERDE 9).

Ou seja, é necessário explicitar de fato que o espaço escolar é um local plural onde a “[...] produção dos sujeitos é um processo plural e também permanente.” (LOURO, 2000, p. 19-20). Mas reconhecendo que o momento comum à formação deste espaço o torna “[...] um dos espaços mais difíceis para que alguém ‘assuma’ sua condição de homossexual ou bissexual.” (LOURO, 2000, p. 23). É neste sentido da presença homossexual que Azul relata sobre sua relação com o corpo docente:

[...] com alguns deles a gente tem um pouco de estranhamento assim, inclusive um que também é homossexual... porque as nossas ideias elas não... não se batem muito bem assim, porque ele acha que a pessoa sendo gay ela tem que se esconder, que você não pode beijar seu parceiro na frente de outra pessoa, que é falta de respeito... E a minha cabeça é totalmente ao contrário, que a gente tem que ter os mesmo direitos, tem que

fazer as mesmas coisas, né? E a gente acaba entrando em conflito com isso. (AZUL 6).

Uma construção social comum a intolerância com a diversidade de sexualidades é expressa por Azul, no que o mesmo afirma o “se esconder”, posicionamento este pertinente ao conservadorismo que compreende tudo o que não se adequa a uma “norma” vivida pela maioria social como errado, logo o que é errado não deve ser visto, deve ser vivido “escondido”. E antes de se compreender enquanto um sujeito homossexual e quais são os posicionamentos do movimento LGBT na busca por uma equidade social, todo sujeito homossexual é construído nestas normativas da heteronormatividade e como todo processo de des-construção não ocorre instantaneamente, mas sim através de desconstruções de verdades postas e ditas como o “normal”.

Portanto, este fator de diferentes homossexuais defendendo diferentes posicionamentos enquanto possibilidade de existência, se difere enquanto posicionamento de existência de igualdade de direitos entre os sujeitos sociais e na compreensão e respeito da diversidade, ainda em afirmação a resistência de seus posicionamentos e ideais, Azul ainda relata que:

E têm dois professores, uma professora e um professor que eles são evangélicos, então essa questão da religião meio que acaba atrapalhando a nossa comunicação assim, sabe? Eu vejo que com todo mundo eles conseguem desenvolver mais as coisas, mas comigo meio que sempre tem aquele pé atrás para conversar sobre certas coisas, né? Principalmente quando vai falar sobre... feminismo... é, comunismo... essas coisas que eu começo a me empolgar para falar, eles já não gostam, sabe? Eles preferem ficar na deles assim... e eles me evitam assim, eu percebo isso. (AZUL 7).

Outra frente comum de resistência a compreensão da homossexualidade enquanto uma forma digna e passível de respeito, é a frente religiosa. A homossexualidade neste sentido, conservador religioso, é vista como pecado, impureza e todos os conceitos já anteriormente abordados. Conceitos estes que se baseiam em um senso comum fundamentando sem posicionamento crítico de que houve a criação de homens e mulheres e, portanto, esta binaridade deve ser compreendida como o modelo correto de vida, mais uma vez exemplificando outra construção social disseminadora da intolerância.

Tais posicionamentos confirmam que há na escola a presença da diferença, tanto de sujeitos, quanto de sexualidades, até mesmo de posicionamentos e de

visões de mundo e são estas concepções que “[...] estão tão arraigadas nas nossas visões de mundo, que muitas vezes não nos damos conta de que nossos comportamentos são extremamente discriminatórios e preconceituosos, no que se refere às relações de gênero” (SOUZA, 2012, p. 220).

Portanto, se o processo de formação se respalda na sustentação de comportamentos e visões de mundo que continuarão a propagar e perpetuar ações discriminatórias e confirmarão preconceitos, que se torna necessário revistar os processos formativos enquanto uma instituição educacional. Sobre esse aspecto, o Amarelo relata que a escola em que trabalhava se estruturou em um projeto que visasse desmistificar essa cultura discriminatória.

[...] nós tínhamos um público muito grande de homossexuais, alunos e professores, então esse projeto que teve ao longo dos anos lá, dos últimos anos em que eu fiquei... foi importante para isso, para desmistificar essa cultura de preconceito e que foi sendo aceito realmente, foi... foi um projeto muito bom, que foi desenvolvido. (AMARELO 6).

[...] quando ela chegou a um nível em que a... o preconceito, a violência estava muito grande em relação aos alunos héteros e não héteros, a escola teve que tomar essa postura e falar. “Não..., nós precisamos conversar sobre isso, os professores precisam conversar sobre isso!” E aí criou esse projeto. Que é o que eu... que eu acho interessante que outras escolas poderiam criar, porque aí é nesse diálogo que a gente vai abrindo não a cabeça, mas nós vamos abrindo a reflexão desses alunos ou de outros alunos que não se consideram que tenham essa xenofobia, essa aversão... ao grupo. (AMARELO 23).

É neste sentido exemplificado pelo professor Amarelo que explicita o fato da presença homossexual se fazer presente e ser problemática na escola tanto nos professores, quanto nos discentes e explicita um projeto pedagógico que visava a desmitificação da cultura discriminatória que se apresenta enraizada na existência da homossexualidade. E explicando sobre o projeto, Amarelo afirma que:

[...]o projeto se chamava... acho que era “chuva de cidadania”, se eu não me engano. Era um projeto feito pela professora de arte e... tinha como objetivo é... trazer as diversas, nas diversas linguagens artísticas [...]com as diversas linguagens o projeto tinha como objetivo debater essas questões contemporâneas, sobre o *bullying*, violência, homofobia que eram coisas que eram cotidianas da escola. (AMARELO 31).

O projeto trabalhava questões que estavam se desvelando nas relações entre diferentes alunos e alunas no espaço escolar, comportamentos discriminatórios, chegando até a violência física entre os estudantes. Dessa forma, o

projeto problematizava reflexivamente sobre estas questões e o professor ainda expõe de que maneira este pensamento crítico sobre as ações que aconteciam eram problematizadas pelo projeto:

Como é que esse projeto funcionava? A professora de arte trabalhava no primeiro bimestre a... algumas temáticas, né? Essas que eu citei, violência, *bullying*, homofobia entre outras coisas... e aí a... os alunos desenvolviam trabalhos artísticos e esses trabalhos tinham que ser sobre forma de intervenção... hã... então eles faziam intervenções artísticas mostrando pros... pros estudantes o que que acontecia na escola, de que maneira aquilo podia ser... ser trabalhado, tá? (AMARELO 32).

Assim os alunos e alunas eram instigados a refletir sobre as ações na relação entre seus pares e que estavam acontecendo neste espaço, refletir sobre elas, procurar soluções de como trabalhar e operar diante daquilo e em forma de expressão artística expor estes fatos para a comunidade escolar. E expondo as motivações que fomentaram a intensificação para a criação deste projeto, o professor expõe:

E por que que há demanda desse projeto? [...] a professora ela intensificou o projeto depois que ela... depois que nós tivemos na escola alguns casos de tentativas de suicídio e depressão por parte dos nossos alunos e também nós tivemos um caso de um ataque homofóbico e... a professora teve essa ideia, né? De um aluno contra o outro e aí a professora teve essa ideia de fazer o projeto. (AMARELO 33).

Como expos Amarelo, a situação em uma escola que reconheceu a existência da homossexualidade e lidou na forma da construção de um projeto pedagógico que visava de fato a problematização das situações que se desvelavam por conta da presença desta sexualidade em sua constituição e tornando a mesma ponto de partida para problematizações e reflexões, neste sentido, Anderson Ferrari (2012) afirma que:

As homossexualidades invadem as escolas e estão presentes cotidianamente, seja como fato ou como assunto. Como fato quando temos casos de alunos/as classificados/as como homossexuais na sala de aula. Ou ainda como assunto quanto não há casos como o anterior, mas o assunto emerge, seja como piada, como agressão, como deboche, enfim, é trazido para organizar alguma situação, para posicionar meninos e meninas numa relação de poder e força. (FERRARI, 2012, p. 120).

O autor confirma o fato exemplificado por Amarelo, em que a situação discriminatória tomava proporções físicas que a escola passou a encarar a presença

da homossexualidade como fato que integrava sua estrutura. Ademais, “[...] nascemos e somos educados/as nesse tipo de sociedade e isso nos constitui, de forma que é muito difícil fugir.” (FERRARI, 2012, p. 121). É neste sentido de nos inserirmos em uma sociedade que cultua a discriminação que Joan Wallach Scott (1995) pondera que:

[...] não é a sexualidade que assombra a sociedade, mas antes a sociedade que assombra a sexualidade do corpo. As diferenças entre os corpos, relacionadas ao sexo, são constantemente solicitadas a testemunhar as relações sociais e as realidades que não têm nada a ver com a sexualidade. Não somente testemunhar, mas testemunhar para [...] legitimar. (SCOTT, 1995, p. 89).

É culturalmente que se legitimam sobre corpos, os comportamentos determinados sobre constituições dos diferentes papéis sociais e as diferentes formas de se constituir como homem/mulher. Sobre estas cobranças sociais esperadas para legitimar uma propagação de heteronormatividade vigente, o professor Anil relata que:

Sempre falam assim: “Ah! Vocês já viram o jeitinho daquele aluno lá da série tal?”. Aí fala e debocha ou fala de algumas meninas também. Isso eu vejo esses deboches dos professores que trabalham no integral, eu não tenho contato com a galera do integral, então eu não tenho coragem de conversar sabe? (ANIL 10).

Sobre o que explicita Anil em relação aos deboches e cobranças por parte da constituição dos sujeitos, Louro (2014) explicita que seriam papéis devido a se propagarem

[...] padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas. (LOURO, 2014, p. 28).

A presença da diversidade então no espaço escolar tende a proporcionar a problematização e o conhecimento da diferença, do questionamento destes padrões, das inquietações dos diferentes papéis em atuação no contato com o outro. Mas ressaltando como nos expõe o Amarelo, o professor Laranja diz que: “[...] não é o professor estando na escola que vai resolver os problemas ou que vai piorar os

problemas. É o trabalho que esse grupo pedagógico faz com os alunos que vai mudar a realidade, né? [...] é muito do grupo pedagógico ali”.

O professor Laranja explicita a necessidade de haver um trabalho conjunto, trazendo a luz para reflexão que o professor homossexual sozinho e apenas sua presença sem suporte pedagógico, em relação com a comunidade escolar, não é suficiente. É preciso haver um trabalho coletivo que busque cada vez mais a inserção destes profissionais a ocuparem os espaços educacionais sem estarem sujeitos à discriminação. E sobre conquistar espaços de possibilidade de fala e inserção, o professor Vermelho aponta que:

Nós estamos um momento muito complicado da sociedade, nós estamos num momento em que a sociedade tá muito intolerante com uma série de questões, então se a gente também bate completamente de frente nesse momento, eu digo que a correlação de forças é muito desigual. Entre o que tá acontecendo e nós, né? Então também não temos que recuar, mas nós temos que ir ocupando espaço com estratégia, com inteligência e acredito que a escola é um dos lugares pra ocuparmos esses espaços, a escola é um dos lugares pra nos colocarmos nosso trabalho, nossa competência, mostrarmos que sabemos, que somos... somos competentes, dentro de uma forma natural, dentro de uma forma que [...] não bata de frente com todos aqueles... aquelas arduas que existem hoje na nossa sociedade e no próprio ambiente escolar. (VERMELHO 26).

Colocarmo-nos e nos posicionarmos de maneira a não travar embates em face às relações de poder que constituem a sociedade em si, logo constituem a escola, mas sim como afirma Vermelho, ocupar os espaços com estratégias e

Dispostas/os a implodir a ideia de um binarismo rígido nas relações de gênero, teremos de ser capazes de um olhar mais aberto, de uma problematização mais ampla (e também mais complexa), uma problematização que terá de lidar, necessariamente, com múltiplas e complicadas combinações de gênero, sexualidade, classe, raça, etnia. Se essas dimensões estão presentes em todos os arranjos escolares, se estamos nós próprias/os envolvidas/os nesses arranjos, não há como negar que essa é uma tarefa difícil. (LOURO, 2014, p. 68- 69).

É uma tarefa difícil, pois lidar com questionamentos sobre o que se está imposto sobre a constituição das normatividades sobre o que socialmente se opera nas relações de gênero, quais os preconceitos que operam sobre as sexualidades, quais as discriminações atuantes em relações às raças, são questões diretamente ligados a valores operantes e constituintes de uma determinada cultura. No que tange a resistência destas questões em espaço escolar, o professor Verde aponta que:

[...] a questão da resistência da escola, é que são os professores..., é que às vezes os professores também não querem dar a cara a tapa, né? Porque muitas vezes esses professores são os cidadãos do bem, né? São religiosos hipócritas que dizem “Não, porque aqui na escola a gente tem que ensinar valores!” Mas tipo meu... que tipo de valor você quer ensinar? Tipo, valor do preconceito. Isso é valor? (VERDE 18).

E são valores que possuem uma instauração histórica forte na sociedade, mas a possibilidade de se debater estes valores se dá pelo reconhecimento de que estão de fato em vigor e operante na constituição das relações entre os sujeitos. É neste sentido que Freire (2018) reflete:

O que quero dizer é o seguinte: que alguém se torne machista, racista, classista, sei lá o quê, mas se assuma como transgressor da natureza humana. Não me venha com justificativas genéricas, sociológicas ou históricas ou filosóficas para explicar a superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados. Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. A boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar. (FREIRE, 2018, p. 58).

Podemos inferir que se pautar contrária à propagação da discriminação, da dissipação de valores imorais que não dignificam a possibilidade de diferentes existências humanas, diferentes relações de gênero, diferentes constituições de identidades de gênero e diferentes atrações e realizações de sexualidade que se deve brigar, se deve questionar, se posicionar. Contudo, o professor Vermelho indaga e argumenta:

[...] isso é muito difícil, né? Por que como fazer isso sem recuar? Porque recuar também não dá, né? Se colocar no armário novamente também não dá. Passar por um outro tipo de, de identificação, só porque a sociedade está pedindo isso, também não dá. Isso de forma alguma, né? Nós temos que ter as nossas identidades, nós temos que ter as nossas convivências, nós temos que ter as nossas vidas e então essa linha é muito tênue, né? Então, é difícil bater de frente, mas também não dá para recuar, né? Essa linha é muito tênue, mas eu acredito que vale a pena o esforço, em tentar ocupar esses espaços sem... é..., é..., é mostrando, no caso, como tem uma questão do professor, mostrando que somos professores, que também temos o nosso valor e que sim, somos homossexuais e que é isso que vai... não é isso que vai nos levar a ter um bom trabalho ou não. É um caminho difícil, mas é um caminho que a gente não tem escolha, né? Ou é isso ou a gente volta... a gente retrocede, o que não deve, não deve nunca acontecer. (VERMELHO 27).

A dificuldade de assumir a discriminação e perceber que aqueles e aquelas que a vivenciam não aceitam retroceder, se dá talvez pelo fato de “[...] admitir que

todas as posições podem se mover, que nenhuma é natural ou estável e que mesmo as fronteiras entre elas estão se desvanecendo.” (LOURO, 2013, p. 50). Reconhece-se assim que o que carregamos e movemos minimamente em relação a

[...] homossexualidade não é um valor para nós, herdeiros de uma modernidade que entendeu primeiramente a homossexualidade como uma doença ou mesmo como um pecado e que, portanto, merecem ou a cura ou a condenação, além de ser analisada como sem-vergonhice, opção, de maneira que essas posturas acabam por conduzir as pessoas ao redor a um processo de vigilância, classificação e tentativa de trazer as pessoas ao redor para a orientação correta, num investimento a heteronormatividade. (FERRARI, 2012, p. 122–123).

Portanto, carregamos este preceito histórico que primeiramente assumia a homossexualidade como patologia, em seguida por um pecado ou um erro. É neste sentido que o direito de Ser quem se é, com respeito a sua identidade de gênero, com respeito a sua orientação sexual e pela dignificação do respeito e da multiplicidade de existência que a

[...] educação é absolutamente necessária, dada a natureza dos seres humanos, como seres inconclusos e conscientes disto, mas precisamente porque os seres humanos são seres históricos a educação é também um evento histórico. Isto quer dizer que a educação muda no tempo e no espaço. (FREIRE, 2014, p. 26).

A educação, os humanos, os sistemas culturais que nos interpelam são processos históricos, são constituídos de avanços e não por retrocessos. Cabe a presença de um professor homossexual representar ser gay sim e dar aula, ter a dignificação e respeito por sua existência, por sua ocupação docente, pois se sendo a educação, quanto os Seres são situados no tempo e no espaço, nosso tempo e espaço é o de não retroceder e não trancar a visibilidade e luta pelo respeito da diferença de volta “nos armários”.

Principalmente no contexto político social em qual esta pesquisa se estrutura, momento de uma frente conservadora fundamentada no retrocesso de ideais se baseando no discurso conservador respaldado pela defesa da família, valores e religião. Uma frente de intolerância enraizada em fundamentações supérfluas que almejam a garantia de uma padronização em face da existência da diversidade.

Consequentemente, são estes posicionamentos que levam professores homoafetivos a viverem o receio da exclusão, o receio da intolerância, o receio da

vida marcada pelo preconceito. Pois quando se declara uma sexualidade principalmente a homossexualidade, se declara a vivência de todos os preconceitos, discriminações, intolerância construídos socialmente durante anos contra a mesma e a busca de que esta diferente sexualidade se adeque a normativa de uma maioria social, assim como seus sujeitos se adequem aos padrões coercivos sociais.

Padrões estes que são postos em questionamentos quando se há de fato um professor homossexual, um sujeito homossexual que se posicione de modo a afirmar “sou gay sim e aqui estou” pois é este posicionamento que se encontra com a representatividade. Porque o momento emergente das diferentes identidades de gênero, das diferentes sexualidades, das diferentes possibilidades de vida está se construindo e se estruturando contrário à frente conservadora da garantia de uma norma; neste sentido viver com a diferença e problematizar as normas torna possível questionar toda a discriminação tornada comum e corriqueira propagada pelas naturalizações do que é dito “normal”.

4.2. Homossexualidade e sua abordagens pelas diferentes escolas: “algumas escolas públicas e algumas escolas privadas”

Esta categoria de unidades de significados denominada “Algumas escolas públicas e algumas escolas privadas”, onde os professores que possuem vínculo em diferentes instituições de ramos públicos/privado expõem como se dá esta diferença entre as diferentes instituições e principalmente, como se dá esta diferença no trato da homossexualidade.

Esta categoria não foi mencionada por todos os participantes pelo fato de que alguns atuavam somente em uma das duas instâncias. Porém, aqui se encontram expressas os relatos das vivências dos professores acabaram destacando a diferença destas duas instâncias, no que concerne a sua presença homossexual neste espaço. Sobre a instituição privada na qual o professor Violeta integra o corpo docente, ele reconhece que:

[...] existe um discurso de empatia, de respeito, todas essas questões assim, mas a gente percebe que ela é genérica até certo ponto. [...] As pessoas responsáveis pela instituição... você acaba sabendo que elas têm é... um perfil de alguns pré-conceitos assim, entendeu? E algumas visões bem pejorativas, sabe? Mas até então, já que têm esse discurso dentro da própria instituição, é... meio que se mantém um, um convívio, né? De boa vizinhança, assim, entendeu? (VIOLETA 4).

Sobre esta discriminação velada respaldada pelo discurso de empatia, o professor Amarelo também posiciona o tratamento das instituições privadas pelas quais lecionou, afirmando que:

As escolas particulares tinham um pouco de preconceito, então eles acabavam velando quando ocorria... Nos alunos era frequente, eles acabavam também velando no próprio aluno e nos docentes, isso não podia acontecer. (AMARELO 3).

Em ambas as falas o apontamento de um preconceito velado existente e constituinte presente nas instituições particulares se faz presente, exigindo até mesmo uma postura da qual a homossexualidade não transparecesse neste professor homossexual que ali se faz como parte integrante do corpo docente destas instituições. Neste sentido, de um discurso empático que tolera até certo ponto a presença da diferença na escola, Louro (2013) postula que:

Uma noção singular de gênero e sexualidade vem sustentando currículos e práticas de nossas escolas. Mesmo que se admita que existem muitas formas de viver os gêneros e sexualidades, é consenso que a instituição escolar tem obrigação de nortear suas ações por um padrão: haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidades e de feminilidades e uma única forma sadia e normal de sexualidade, a heterossexualidade. (LOURO, 2013, p. 45-46).

Então, o que afirmam os professores Amarelo e Violeta representa a propagação deste currículo, de um padrão assumido como natural, o modo legítimo e “normal” de se existir em gêneros e sexualidades expressos e executados pelas instituições citadas pelos mesmos. Já em contra ponto com este posicionamento conservador das redes privadas, o professor Amarelo, no que tange a sua vivência em instituições públicas, desvela que:

Nas públicas, de todas as [escolas] que eu passei, todas eu fui muito bem aceito e as questões foram muito bem trabalhadas... é... na última em que eu estive, teve um projeto para lidar com isso... para mostrar essa diversidade para esses alunos, para os alunos héteros e não héteros, vamos classificar assim. Então era muito tranquilo, não tive nenhum problema ou nenhum embate com relação a isso dentro das escolas em que eu trabalhei, do ramo público. (AMARELO 4).

O professor Amarelo descreve sua vivência mais aberta junto à instituição anterior citada, já o Violeta utiliza exemplos de outros professores homossexuais que passaram pela mesma instituição pública onde ele se encontrava em atuação:

Eu sei de uma história de outros dois profissionais professores que também são homossexuais que já passaram e tiveram até uma longa carreira dentro dessa instituição que é pública, que eu leciono no período vespertino. Eles são duas pessoas muito queridas até hoje dentro da instituição, pelas pessoas que foram daquela época e lá ainda estão, inclusive a direção, as coordenações, a orientação educacional, inclusive esses profissionais eles passam pela escola de vez em quando, como uma forma de rever os amigos assim, sabe? (VIOLETA 6).

Os dois exemplos demonstram como esta diferença curricular, expressa pelas instituições privadas, se diferencia na vivência de instituições públicas destes professores. Na escola pública existe uma maior abertura em relação à liberdade de Ser destes profissionais que ali atuam e que neste espaço se fazem presentes, enquanto sujeitos no mundo e formadores de consciência crítica, como sinaliza Freire (2018):

[...] nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso nos fazemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós, para ser. Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou, pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. (FREIRE, 2018. p. 34).

Entendemos que é importante compreender que na educação escolar a formação ocorre não somente com base em um modelo reducionista tecnicista, mas também pelo contato com a pluralidade e com a diversidade, não sendo possível, portanto, evitar o contato com a homossexualidade. Nesse sentido, o professor Amarelo relata uma situação de a instituição privada, na qual atuava, em que teve que lidar com a presença de um discente homossexual, ou que demonstrasse traços tidos como de sujeitos homossexuais. Assim o docente enfatiza sobre a atitude da escola em lidar com este aluno:

[...] para que não motivasse os demais ou que não, não, não... fosse... am... como é que eu vou dizer? Não fosse vexatório, para o próprio aluno, né? Algumas escolas particulares pensavam nesse aluno, mas acabavam

proibindo, acabavam retraindo ele para falar “olha é para o seu bem.”, de uma maneira velada ficava isso, né? “Vou retrair você porque é para seu bem, para você não sofrer as... os preconceitos da comunidade hétero que têm aqui na escola.” E como eram escolas que ofereciam ensino fundamental, ensino médio, no ensino médio isso era muito atenuado. (AMARELO 11).

O posicionamento desta instituição traz a luz o despreparo da visibilidade de questões pertinentes a gênero e sexualidade como parte constituintes e necessárias de reflexões em um contexto escolar, por consequência de que:

Não dispomos de referências ou de tradições para lidar com os desafios aí implicados. Não podemos mais simplesmente “encaminhá-los” para os serviços de orientação psicológica para que sejam corrigidos, nem podemos aplicar-lhes um sermão para que sejam reconduzidos ao “bom caminho”. Mas certamente é impossível continuar ignorando-os. Talvez tenhamos que admitir que sua presença é parte de nosso tempo. (LOURO, 2013, p. 51).

A visibilidade é algo do nosso tempo, a assunção da identidade homossexual é algo emergente em contexto social, está posto que a escola não dispõe do trato para com esta temática por consequência de, como afirmado nos capítulos anteriores, manter-se distante e ignorando a sexualidade, as relações e formações de gênero. Outrossim, não cabem, no momento de construção da dignificação existencial de sujeitos LGBT, posicionamentos que mantenham e sustentem ainda esse local de ignorância, como afirma Violeta:

Assim, que você acha que só se mantém a convivência por conta de um diálogo que tá dentro da missão da instituição assim, mas você percebe que tem alguns julgamentos, alguns posicionamentos assim das pessoas que já vêm com um, com, com cunhozinho de preconceito mesmo. (VIOLETA 7).

O preconceito em face do processo de formação educativa possibilita a problematização histórica de sua formação, a propagação cultural dos mesmos e as consequências sociais experienciadas por aqueles e aquelas que a ele estão sujeitos. As relações de silenciamento de gênero, identidades de gênero e sexualidades não expressam respeito e nem dignificam a compreensão da presença da diferença no espaço escolar, mesmo reconhecendo que:

Todas essas relações estão construindo e estão reconstruindo o que é ser menino, o que é ser menina, o eu é ser professor/a, o que é ser pai/mãe, o que é ser homossexual, o que é escola, enfim, estão construindo coisas e pessoas. (FERRARI, 2012, p. 126-127).

São estes processos de construção que se tornam relevantes, como as instituições constroem os diferentes posicionamentos no trato da homossexualidade, como constroem os silenciamentos e distanciamentos das discussões de gêneros e sexualidade, principalmente como enquanto educadores/as estaremos

[...] equipados para lidar com um mundo permeado de diferenças. Não podemos nos isentar da responsabilidade e do compromisso de gerar espaços mais democráticos e seguros. Por isso, quebrar o silêncio e encarar questões de diversidade e direitos não devem ser ações realizadas somente em situações de exceção ou problemáticas, mas cotidianamente e por todas/os as/os profissionais da escola. (LINS, 2016, p. 67).

É neste sentido que esta categoria de posicionamentos das diferentes instituições proporciona uma conexão expressa da exemplificação destes professores que atuam nas diferentes instâncias, e como as escolas lidam com estas temáticas ignoradas e que somente esporadicamente emergem no cotidiano escolar.

Válido pontuar que as instituições públicas atendem diretamente ao que se propõe por documentos elaborados pelo Estado, ou seja, documentos como PCN e mais atual a conflituosa BNCC. Já as instituições privadas partem do diálogo com estes documentos pedagógicos somados a construção do projeto pedagógico de cada escola privada, que visa desdobramentos a atender o público que nela se mantem.

Baseado no que dizem os participantes com experiências nestas diferentes instâncias, a de se pontuar que apesar do ensino público estar respaldado por um documento que vise o silenciamento de posicionamentos de gênero e sexualidade, o mesmo se apresenta na realidade como aberto a possibilidade de desconstrução em busca da promoção de uma criticidade que venha desconstruir a disseminação da discriminação. Já os espaços privados, buscam se manter no comodismo ignorando a existência destas pautas dentro de sua realidade.

Com base em tais pressupostos, a próxima categoria refere-se à necessidade da reflexão de gênero, identidade de gênero e sexualidade enquanto discussão no processo educacional, que embora sendo essencial é difícil de ocorrer em âmbito educativo.

4.3. Gênero, identidade de gênero e sexualidade enquanto conteúdo: “é essencial, mas é difícil”

Esta categoria de análise se origina na menção dos professores ao serem indagados sobre a importância de se problematizar e debater questões pertinentes a gênero, identidade de gênero e orientação sexual em sala de aula. Afirmam que “é essencial, mas é difícil”, por conta de inúmeros fatores que permeiam o cotidiano escolar, mas principalmente como afirma o professor Vermelho:

É essencial, mas é difícil. Era difícil antes, imagina agora. É essencial. Por... por que eu acredito que seja difícil? Porque... nenhum de nós, quando eu digo nenhum de nós da sociedade organizada, estamos plenamente preparados pra esse debate, dentro de sala de aula, nós não fomos ensinados... Você foi ensinado na sua licenciatura a fazer isso? Eu não fui na minha. Eu na minha licenciatura, já faz mais tempo que a sua, me formei em 2007, né? Mas... eu não fui ensinado na minha, na minha licenciatura a ter esse tipo de abordagem em sala de aula. (VERMELHO 17).

O professor Vermelho traz à tona à questão do preparo e desenvolvimento enquanto formação de professores para o debate de questões emergentes da sociedade. Pois como expresso na categoria anterior, há diferentes tipos de sujeitos; há quem se posicione, há quem se retraia, há os que propagam preconceitos. E enquanto conteúdo existe a repressão de tratar do assunto, de problematizar acerca da homossexualidade, demandando desde abertura no projeto pedagógico da escola até ao preparo docente de se des-construir e ressignificar as construções já vivenciadas.

Neste sentido, torna-se relevante pontuar, como já anteriormente, a importância dos temas transversais pautados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que desde 1998 a temática sobre orientação sexual, sexualidade e gênero, possuem problematizações sugeridas para sua abordagem dentro do espaço escola, pois

As manifestações da sexualidade afloram em todas as faixas etárias. Ignorar, ocultar ou reprimir são respostas habituais dadas por profissionais da escola, baseados na ideia de que a sexualidade é assunto para ser lido pela família. (BRASIL, 1998, p. 291).

As respostas comuns então ao espaço escolar se tornam este local onde as discussões sobre gênero, identidade de gênero e sexualidade são ignoradas,

ocultadas ou reprimidas, restando espaço para que estes questionamentos e conhecimentos sejam sanados pela família. Porém, o professor Amarelo pontua que muitas vezes nem a família está preparada a lidar com estas indagações.

[...] a gente sabe que a família ela acaba negando muita coisa, a família acaba... tapando os olhos pra muitas realidades e é na escola que esses indivíduos buscam essas respostas. Então a escola tem sim que dar esse suporte, tem sim que dar essa é... essa mão, deixa se fazer ouvir, porque há uma série de vozes que são caladas lá dentro, que não podem é... de maneira alguma, eles não podem falar na família, eles não podem expor na sociedade, dizer o que eles têm a dizer... E a escola acaba sendo esse palco. (AMARELO 21).

O professor Amarelo destaca que quando não há na família o espaço para tal problematização, para tal conhecimento, a escola representa o espaço para o contato e para a descoberta destas diferenças. Portanto, o posicionamento da ignorância da escola urge neste momento a ser posto a parte, uma vez que:

[...] as curiosidades das crianças a respeito da sexualidade são questões muito significativas para a subjetividade, na medida em que se relacionam com o conhecimento das origens de cada um e com o desejo de saber. A satisfação dessas curiosidades contribui para que o desejo de saber seja impulsionado ao longo da vida, enquanto a não-satisfação gera ansiedade, tensão e, eventualmente, inibição da capacidade investigativa. (BRASIL, 1998, p. 292).

Múltiplos são os questionamentos que permeiam a curiosidade sobre a sexualidade e podem fomentar ganchos a outras problematizações, como o professor Verde explica que ao problematizar acerca da sexualidade, utiliza deste momento como uma ferramenta propulsora de outros questionamentos, sobre outras realidades, outras possibilidades.

[...] eu sempre faço isso quando eu discuto atualidades, quando eu discuto violência, né? Não só especificamente com as comunidades LGBT, mas principalmente com a questão da mulher, né? Com a questão dos negros, com a questão dos indígenas e eu sempre pergunto, né? Tipo, nas escolas onde eu trabalho... “Vocês entendem o que é minoria?” Ai falam “Ah! Entendemos.” E ai eu pergunto: “Quantos negros nós temos aqui? Quantos professores mulheres vocês têm no ensino médio, né? Quantas professoras travestis vocês tiveram?” E aí eu digo, eles não são... é, é... pouquíssimas pessoas na cidade onde a gente vive, mas vamos... onde é que eles estão? Eles estão apartados dos meios ai onde eles podem se desenvolver intelectualmente, né? Porque é uma coisa que segrega, né? (VERDE 15).

A partir do exemplo do professor Verde podemos compreender os desdobramentos problematizados a partir das questões de gênero, quando ele pontua a questão da mulher, questões de raça ao citar negros e indígenas, além da marginalização das travestis. Tratam-se de conhecimentos impulsionados e originados dentro de outras questões que fazem parte da estrutura social a qual se inscreve a escola, a qual continua a omitir e ignorar respostas a essas indagações.

Ao perceber que o posicionamento da escola é o de ignorar essa temática, “[...] significa re-conhecer que a História é tempo de possibilidade e não de determinismo, que o futuro é problemático e não inexorável.” (FREIRE, 2000, p. 51). E neste tempo que nos inserimos há a possibilidade da problematização sobre gênero, identidade de gênero e sexualidade, principalmente por conta da maior visibilidade, como afirma o professor Azul:

[...] porque as pessoas elas... elas não tem noção de que aquilo existe, né? Que é uma coisa normal é que... a pessoa na verdade eu acho que a gente tem que construir na cabeça dela... levar a pessoa a chegar a isso, né? Que... se a pessoa não te fez nenhum mal, por que você vai odiá-la, né? Não faz sentido nenhum. Então acho que é muito importante... pela questão da visibilidade, né? Porque muita gente não é enxergada. E muitas vezes as pessoas também... Não... assim, ai é como eu na minha infância, se eu tivesse uma noção de que estava tudo bem eu ser gay, que eu não teria problema, que existem outras pessoas como eu que eram felizes e eram... e estavam bem de vida, eu não teria medo de me aceitar, entendeu? Então eu acho que esse receio foi porque eu não tinha uma referência mesmo, você olha para criança você não tem isso... agora que você está começando a ver isso na... nas mídias... nas novelas, né? Nos reality shows, então eu acho importante à gente trabalhar isso. (AZUL 11).

O professor Azul aponta a problematização sobre a temática como um aporte a fazer os indivíduos, que muitas vezes marginalizados, são excluídos dos holofotes do cotidiano social. E como essa problematização possibilita a dignificação de compreender que “está tudo bem” existir dentro desta possibilidade de Ser. O Azul continua afirmando em qual momento ele consegue encontrar o gancho entre discutir o social em conjunção com a proposta didática de suas aulas

[...] na minha disciplina assim [...] não é que é complicado... mas assim..., eu consigo trabalhar quando eu escuto eles falando alguma coisa, eu tento interferir e tentar esclarecer algumas dúvidas deles, tipo..., deixa eu tentar lembrar um exemplo... é... quando entra muito nessa questão da discussão biológica sobre a homossexualidade, se é uma coisa biológica ou... ou se não é... eu esclareço... hum... a gente estava falando uma vez sobre evolução e tal e eu comentei assim para eles [alunos] que todo... a... a biologia ela se... se configura no impulso da reprodução, né? Então todos os seres vivos eles existem é... e eles existem com o objetivo de se reproduzir

porque não faz sentido na natureza se você não deixam descendentes, né? Aí eles naturalmente já pensaram nessa questão, né? Mas e os gays, as lésbicas, né? Eles não vão deixar descendentes, então não tem sentido? Aí eu falei que não é que é uma coisa... que eu um desvio padrão que normalmente acontece na... nas... entre os indivíduos, inclusive. Em espécies de aves é comum encontrar [homossexuais], por exemplo os pinguins é um bem comum de ter... entre os cães também é muito comum... então eu mostrei pra eles que é uma coisa natural, que acontece, né? (AZUL 4).

Já o professor Laranja, pontua em qual momento ele consegue inserir a problemática em seu trabalho pedagógico, seja em contexto de sala de aula, seja em projetos de educação sexual desenvolvidos na escola:

[...] na minha aula de ciências quando pega aquela questão do sistema reprodutor, vai trabalhar o sistema genital, enfim... acaba vindo essas discussões e eu gosto de focar muito, eu trabalho também independente... da série... eu trabalho também projetos paralelos de educação sexual. E quando a gente acaba falando de educação sexual, a gente acaba entrando nessa questão da homossexualidade, das questões de gênero, das diferenças de gênero que isso existe, né? (LARANJA 9).

Os professores Azul e Laranja demonstram uma maior facilidade em tratar das questões pertinentes a homossexualidade, pois ambos abordam pela área biológica devido a disciplina em que atuam. Contudo, não cabe deixar estes debates somente para as aulas de biologia e ciências, visto que é importante encarar as questões de gênero, identidade de gênero e sexualidade como “[...] uma tarefa que exige reafirmação de novas e constantes opções que cruzam e entrecruzam a compreensão do mundo, da vida, da sexualidade, da homossexualidade e da adolescência na contemporaneidade.” (SOUZA, 2015, p. 211).

Já o professor Anil expressa uma maior dificuldade no trato das questões pertinentes a homossexualidade, ou questões de gênero, identidade de gênero e sexualidade. Ele afirma que:

Acho extremamente importante... [...] Eu não sei como seria lidar isso com os menores, porque eu sempre trabalhei com os menores do primeiro, segundo, terceiro ano, quarto... É... Acho difícil você ter um diálogo com os menores, né? (ANIL 13).

[...] eu vejo que a maioria das professoras não fala justamente por causa da família, sabe? Mas, aí com os alunos maiores fica super tranquilo falar, com o oitavo, nono ano, sabe? Dá para você ter um diálogo bacana e tal. (ANIL 15).

O professor expõe duas preocupações, primeiramente com a faixa etária dos discentes com os quais atua e posteriormente citando a família como outro impasse que o inibe de tocar em assuntos pertinentes a gênero e sexualidade. Em contrapartida das afirmações de Anil, concordamos com Souza (2012) por afirmar que:

[...] o trabalho desenvolvido na escola, desde a Educação Infantil, torna-se imprescindível para o aprofundamento dessas discussões em torno das relações de gênero e da forma pela qual vamos gerenciando nossos desejos e prazeres afetivo-sexuais. Penso ser importante desenvolvermos sempre um trabalho de cooperação entre as crianças e jamais de competição entre meninos e meninas, por exemplo. [...] Um ponto fundamental é trabalharmos com a literatura infantil que ajude a problematizar as relações desiguais de gênero, levantando situações do cotidiano, fazendo com que as crianças reflitam sobre elas. (SOUZA, 2012, p. 224-225).

É importante considerar que na escola as crianças não estão em um contexto neutro, mas sim em contato com o social e que diversas problematizações se fazem presentes na sociedade e conseqüentemente na escola. Assim, entende-se que é necessário problematizar o que é de conhecimento das crianças, embora as famílias se apresentem como um obstáculo à presença destas questões, como afirma Anil. Entretanto, é importante que a escola trabalhe com as crianças questões inerentes a sexualidade, porque o “[...] trabalho de Orientação Sexual também contribui para a prevenção de problemas graves, como o abuso sexual e a gravidez indesejada.” (BRASIL, 1998, p. 295). O professor Amarelo concorda com essa perspectiva e acredita que se trata de temáticas que devem ser trabalhadas em forma de tema transversal e não como uma disciplina separa. Assim ele analisa:

[...] não creio que uma disciplina ou como um... um item integrante do currículo fixo seja necessário porque a gente tem outras prioridades, né? Dentro de uma... de uma perspectiva de currículo, de legislação e de política educacional, outras disciplinas têm que ganhar espaço. Mas como um tema transversal que já é proposto nos PCNs de 1998, nas diretrizes curriculares, nas orientações curriculares e isso tem que ser feito com frequência. (AMARELO 22).

O professor Amarelo traz ao questionamento o que está postulado em um tema transversal desde a década de 1990 para as problematizações acerca de gênero, identidade de gênero e sexualidade, e que ainda não se conseguiu instaurar um diálogo inclusivo sobre essas questões no espaço escolar. O debate deste tema ainda não conseguiu se dissipar e propor, como posto pelo PCN, que a

[...] escola aborde com as crianças e os jovens as repercussões das mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pelas demais instituições da sociedade. Trata-se de preencher lacunas de informações que a criança e o adolescente já possuem e, principalmente, criar a possibilidade de formar opinião a respeito do que lhes é ou foi apresentado. (BRASIL, 1998, p. 300).

Um exemplo que contextualize o que está proposto, enquanto proposta de questionamento do que existe em âmbito social, de refletir sobre mensagens transmitidas e principalmente se habituar a dialetos desconhecidos, aparecem no relato do professor Violeta, quando ele foi questionado pelos alunos sobre uma questão existente no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

[...] eles quiseram trazer para roda, para discussão a tal questão a respeito do pajubá, entendeu? Da, da, da questão sociolinguística, né? Das, das gírias e dos verbetes usados pela é... pela classe LGBT. Eles quiseram trazer porque, por exemplo, ele... eles estão vendo também assim como nós os ataques a essa questão, por ser uma sociolinguística relacionada a questão de gênero, mas para eles o que pesou mais é porque a questão era muito difícil enquanto interpretação, então tipo assim, ninguém parou para fazer uma refacção com eles enquanto questão teórica de interpretação de texto, entendeu? Os outros professores, inclusive os professores que deveriam ter feito a refacção de interpretação, de literatura, já voltaram-se para eles atacando a questão é... enquanto conteúdo sabe? (VIOLETA 22).

O professor comenta sobre uma questão presente na prova de linguagens do ENEM 2018 (conforme Figura 1), que apresentava um dialeto utilizado comumente por pessoas do grupo de minoria LGBT, o qual era entendido como um patrimônio linguístico.

Figura 1 – Questão Enem 2018.

QUESTÃO 31

“Acuenda o Pajubá”: conheça o “dialeto secreto” utilizado por gays e travestis

Com origem no iorubá, linguagem foi adotada por travestis e ganhou a comunidade

“Nhaí, amapô! Não faça a loka e pague meu acué, deixe de equê se não eu puxo teu picumã!” Entendeu as palavras dessa frase? Se sim, é porque você manja alguma coisa de pajubá, o “dialeto secreto” dos gays e travestis.

Adepto do uso das expressões, mesmo nos ambientes mais formais, um advogado afirma: “É claro que eu não vou falar durante uma audiência ou numa reunião, mas na firma, com meus colegas de trabalho, eu falo de ‘acué’ o tempo inteiro”, brinca. “A gente tem que ter cuidado de falar outras palavras porque hoje o pessoal já entende, né? Tá na internet, tem até dicionário...”, comenta.

O dicionário a que ele se refere é o *Aurélia, a dicionária da língua afiada*, lançado no ano de 2006 e escrito pelo jornalista Angelo Vip e por Fred Libi. Na obra, há mais de 1 300 verbetes revelando o significado das palavras do pajubá.

Não se sabe ao certo quando essa linguagem surgiu, mas sabe-se que há claramente uma relação entre o pajubá e a cultura africana, numa costura iniciada ainda na época do Brasil colonial.

Disponível em: www.midiamax.com.br. Acesso em: 4 abr. 2017 (adaptado).

Da perspectiva do usuário, o pajubá ganha *status* de dialeto, caracterizando-se como elemento de patrimônio linguístico, especialmente por

- A ter mais de mil palavras conhecidas.
- B ter palavras diferentes de uma linguagem secreta.
- C ser consolidado por objetos formais de registro.
- D ser utilizado por advogados em situações formais.
- E ser comum em conversas no ambiente de trabalho.

Fonte: G1 (2018).

A questão em si recebeu críticas pela internet por estar presente no exame e como expõe Violeta, estava presente nas discussões em sala de aula. Ainda diz que:

Eles não iam estar nesse fogo cruzado de tentar resolver a questão enquanto os professores mesmo estão atacando o conteúdo sabe, assim? E aí para poder ajudá-los a entender a pergunta, é obvio que você tem que falar sobre a questão de gênero, entendeu? Assim, até onde esses verbetes, entendeu? É, é, estão mesmo enquanto qualificação de fala para essa classe, de que maneira eles teriam que ter olhado a... a questão sem pré-julgar de onde vêm entendeu? (VIOLETA 23).

As indagações levantadas por Violeta dizem respeito a como os educadores/as não problematizaram a questão enquanto conteúdo linguístico, enquanto um texto de suporte a um questionamento e sim discriminado pela classe

em que se expressa este dialeto. Pois mais comum se torna mais uma vez ignorar e silenciar a presença destes debates eles se caracterizam por:

[...] práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamentos e, em especial, de desconfiança. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como “natural”. (LOURO, 2014, p. 67).

Na escola existe uma prática rotineira de já previamente se discriminar um conteúdo por não expressar o que está comum ao social, a “naturalidade”. O professor Vermelho, voltando ao tocante de preparo para abordar questões como esta pautada por Violeta, expõe como plausível o reforço de leituras e discussões em sala de aula:

[...] com leituras e tudo mais a gente constrói o nosso próprio conhecimento pra ser discutido em sala de aula, né? Mas eu ainda vejo isso como uma situação extremamente delicada e agora no momento que nós estamos mais ainda onde tudo pode ser acusado de doutrinação, né? (VERMELHO 19).

É por meio de leituras sobre gênero, identidade de gênero e sexualidade que o docente estará munido de argumento para enfim ter presente e constituinte as discussões sobre este tópico em sala de aula. Para que, através de um tema transversal proposto desde 1998, possa-se construir a

[...] consciência do outro e de si como um ser no mundo, com o mundo e com os outros, sem a qual seria apenas um ser aí, um ser no suporte. Por isso, repita-se, mais do que a um ser no mundo, o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como o “não eu”, se reconhece como “si própria”. Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha; que constata, que compara, avalia, valora, que decide, que rompe. (FREIRE, 2000, p. 51).

É por meio da presença do diálogo sobre a diferença de gênero, a diversidade das identidades de gênero e a pluralidade de sexualidades que constata o rompimento com o que é tido como “natural” e preservado pela postura de ignorar, valorar e negar, estes debates, na escola. Como afirma Louro (2014), que se faz necessário desconfiar do que é tido como “natural”, para assim se esboçar uma possibilidade de se romper com a instauração de uma naturalidade, propagada

historicamente, baseada na discriminação. Neste sentido o professor Verde afirma que:

[...] é raro. Você ver tipo essas discussões tipo, sérias de gênero mesmo chegar ao ambiente do ensino médio, né? E quanto... e existem, né? As meninas que são feministas, né? Alguns grupos aí... tipo LGBT é que tentam fazer alguma coisa, mas infelizmente isso não está na pauta da maioria dos professores, que muitas vezes são desinformados também, né? (VERDE 19).

Como já afirmado por outros participantes da pesquisa, e agora reforçado pelo professor Verde, há a necessidade de um trabalho pedagógico sobre a proposta de se debater e construir pensamento crítico sobre gênero, identidade de gênero e sexualidade para integrar e fomentar debates no contexto da sala de aula, a fim de que possamos, enquanto uma prática docente propulsora de rompimentos com o tido como “natural”,

[...] nos voltar para práticas que desestabilizem e desconstruam a naturalidade, a universalidade e a unidade do centro e que reafirmem o caráter construído, movente e plural de todas as posições. É possível, então, que a história, o movimento e as mudanças nos pareçam menos ameaçadoras. (LOURO, 2013, p. 53).

Nota-se que é devido a necessidade de desestabilizar e desconstruir o pensamento do “natural” que a proposta de se debater gênero, identidade de gênero e sexualidade se integra como uma proposição de conteúdo no espaço escolar, pois gênero e sexualidade permeiam todas as partes constituintes desta estrutura social e se fazem presente nos atores sociais que nela atuam.

Portanto, quando se afirma que esta imersão e integração enquanto conteúdo é essencial, mas é difícil, se dá pela falta de preparo no trato das questões de gênero e sexualidade, pelo desconhecimento da proposta transversal elaborada desde 1998, mas na situação polarizada na qual nos realizamos e nos inserimos, se dá pela possibilidade da Educação como ferramenta de dignificação das diferenças, dos diferentes e da necessidade de romper com um modelo “natural” de se progredir.

4.4. A relação com discentes: “eles gostam bastante de mim”

Esta categoria, denominada “Eles gostam bastante de mim”, se desvela dos posicionamentos dos professores participantes ao se referirem à relação que

possuem com os discentes. Foram indagados de como se dá esta relação, se existe alguma forma de repressão ou rejeição a até se houve ocorrências de alunos e alunas os procurarem para sanar dúvidas sobre suas construções sobre gênero, identidade de gênero e sexualidade. Ao responder sobre a ciência de sua sexualidade por parte do corpo discente da escola, o professor Verde ressalta que:

[...] às vezes os alunos perguntavam assim pra mim “Professor, você é gay?” e eu dizia a eles “De vez em quando.”, aí eles diziam “Você é bi?”, “De vez em quando.”. Então eu sempre fiz uma coisa de mistério, nunca me importei se as pessoas sabiam ou não porque, como eu fui aluno da UFMS, as pessoas sempre me viam e tal. Então acho que as pessoas sempre sabiam e geralmente quando me perguntavam era aquela coisa de adolescente para ter certeza. (Verde 1).

Apesar de se respaldar de um dito “mistério”, o professor ressalta que desde sua vida acadêmica lida com sua sexualidade expressa de forma natural, ainda que seja marcado por ele deixar sua sexualidade como um mistério, afirmando ser uma curiosidade a ser sanada por partes dos estudantes. Já o professor Vermelho, que se revelou como abertamente e declaradamente enquanto afirmar sua sexualidade a equipe pedagógica, diz que:

Bom, vamos lá, é... tá muito claro isso é... da minha orientação sexual dentro do grupo docente, do corpo técnico, com os alunos a questão não é tão clara, né? [...] porque a gente lida com todo tipo, todas as especificidades de alunos, então em nenhum momento eu minto, em nenhum momento eu minto, né? Mas, se me perguntarem.. am... aí sim eu falo, se não me perguntarem, eu não falo nada, né? (Vermelho 5).

Ou seja, um posicionamento a não esconder ou “camuflar” sua identidade, sexualidade, mas, assim como Verde, responder com naturalidade quando se há o questionamento direto sobre sua sexualidade. Já o professor Azul se posiciona em consonância com o professor Verde, ao afirmar que ainda não houve a necessidade aberta de expor sua sexualidade, mas que ao seu ver os estudantes possuem uma inferência de sua sexualidade. Ele menciona que:

[...] eu nunca falei pra eles assim, né? Abertamente. Mas..., mas eu acho que eles sabem assim, né? Por... eu acho que é uma coisa visível, mas assim... de chegar e falar para eles assim... “Eu sou gay”, eu nunca cheguei... porque também a gente nunca teve esse [...] essa discussão, né? Nunca precisou. Mas eu sou bem próximo dos alunos assim, eles gostam bastante de mim. Nunca tive problema. (Azul 5).

Relato que intitula esta categoria, Azul reitera que apesar de não ter verbalizado sua sexualidade, que a mesma é perceptível e que portanto os alunos/as são capazes de distinguir a mesma. Consequentemente, é válido pontuar que professores e professoras são também sujeitos sociais, marcados e formados por contextos sociais, ou seja,

Professores e professoras – como qualquer outro grupo social – foram e são objeto de representações. [...] Essas representações não são, contudo, meras descrições que “refletem” as práticas desses sujeitos; elas são, de fato, descrições que os “constroem”, que os produzem. (LOURO, 2017, p. 103).

Ou seja, estes sujeitos se constituem enquanto atores sociais e como profissionais da educação, local este que arrastava um pré-conceito de que “[...] sua vida pessoal, além de irretocável, deve ser discreta e reservada”. (LOURO, 2017. p. 110). Apresentava-se como um modelo de se constituir enquanto professor/a, mas como já salientado, gênero, identidade de gênero e sexualidade, são processos identitários os quais não há possibilidade de se despir para a execução de uma função social.

Já para o professor Violeta esta questão, ao se posicionar quanto a ciência por parte dos discentes, afirma que na escola pública que atua, não há este conhecimento, porque ele trabalha com a educação infantil e sobre a outra escola privada ele afirma que:

[...] eu pego fundamental II até ensino médio, é, por conta de ser uma instituição privada, entendeu? É... então também têm essa postura de... eu não querer ser tão aberto e essas coisas assim. Você percebe às vezes com ingenuidade, às vezes também com algum preconceito, mas dos alunos tentarem fazer algumas perguntas, né? Ou alguns questionamentos pra tentar levar a conversa para um outro lado assim, mas nós somos orientados e não é só por conta da questão de gênero, mas por conta de questão religiosa, política, assim, de não desenvolver com os alunos questionamentos é... de... de outros quesitos, né? Assim, culturais e sociais que não esteja ligado propriamente com o trabalho em sala de aula. Então a gente já é orientado a podar. (Violeta 9).

Novamente aqui expondo o quanto a instituição privada busca modos de silenciar as questões que se aproximem da sexualidade, seja nos alunos ou seja pela curiosidade dos mesmos ao saber da existência de um professor homossexual no quadro docente da escola. Posicionamento este que entra em concordância com Meyer (2013, p. 19), ao afirmar que os “[...] processos educativos envolvem

estratégias sutis e refinadas de naturalização que precisam ser reconhecidas e problematizadas”. Ou seja,

Na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras. (LOURO, 2000, p. 24).

Infere-se então que a escola, assim como outros locais de socialização, dispõe de mecanismos de controle e repressão de sexualidades. Apesar de os alunos e alunas gostarem e se relacionarem bem com os professores entrevistados, nem todos os relatos denotam somente um convívio amistoso. Violeta, ao relembrar um caso de homofobia que o tornou alvo de rumores e piadas pela escola, reconhece que:

[...] por mais que seja piadas de criança, mas providas por um preconceito, provavelmente deve ter sido por conta de estereótipos, né? De ou... de como se vestir, de como se falar, se portar, essas coisas do tipo assim, é então porque pela escola eu fui orientado a não mudar nada com eles assim (Violeta 10).

Os relatos de possibilidades que levaram o professor a ser alvo de opressão por parte dos discentes, remontam ao posicionamento enraizado na constituição da escola e que se faz presente, a busca da garantia da sexualidade “normal” (LOURO, 2017) e que detalhado por Junqueira (2012), ao expor que a

[...] escola brasileira estruturou-se a partir de pressupostos fortemente tributários de um conjunto dinâmico de valores, normas e crenças responsável por reduzir a figura do “outro” (considerando “estranho”, “inferior”, “pecador”, “doente”, “pervertido”, “criminoso” ou “contagioso”) todos aqueles e aquelas que não se sintonizassem com os arsenais cujas referências eram e são centradas no adulto, masculino, branco, heterossexual, urbano, burguês, física e mentalmente “normal”. A escola tornou-se, por conseguinte, um espaço em que rotineiramente circulam preconceitos que colocam em movimento discriminações de classe, cor, raça, sexo, gênero, orientação sexual etc. (JUNQUEIRA, 2012, p. 60).

O que os professores afirmam como modos de os alunos saberem sem mesmo eles terem a necessidade de expor verbalmente suas sexualidades se faz por estes mecanismos que o espaço escola dispõe na constituição de um padrão, uma dita regra “normal”. Regra esta que se evidencia no relato de Violeta ao expor a

repressão sofrida por ele, ou até mesmo ao contextualizar uma situação de agressão vivenciada por Amarelo:

No meu primeiro ano de sala de aula na escola pública, foi uma coisa muito grave, é... eu tomei posse no concurso, e aí fu... eu substitui uma professora que era convocada... am... de uma escola da periferia e a professora, como a escola era uma escola bastante marginalizada, a escola era um pouco esquecida pelo poder público e a professora de certa maneira ela deixava os alunos se conduzirem da maneira como, como eles bem entendiam. Então ela passava no quadro, uma atividade, um conteúdo, não, não tinha essa... esse vínculo com a docência e aí quando eu entrei já fui colocando numa rédea, não uma rédea fui colocando dentro de um... de um padrão que a escola realmente exige, explicava o conteúdo, pedir seminário, leitura de livros e num desses dias enquanto eu passava no quadro algumas orientações... Um dos alunos fazendo bagunça, eu pedi que ele se sentasse com toda a educação possível, é... ele me xingou e quando eu virei, eu, eu fingi que não ouvi, eu virei para o quadro para continuar passando, ele me deu uma cadeirada nas costas e que então eu fui repensando a minha carreira docente a partir dali. Logo no... no primeiro ano, eu mudei de escola, fui para uma outra, mas aquilo foi me fazendo muito mal, foi aí que eu resolvi me afastar do meu concurso e trabalhar em escolas privadas porque eu sabia que a pública era muito perigosa para mim naquela época. (Amarelo 17).

Ainda além do exposto, contextualizando uma situação com um aluno em uma escola sem um padrão de rotina em sala de aula e que teve uma atitude violenta em relação ao docente, o Amarelo considera que

[...] a agressão não teve nenhum motivo... hã... eu não me lembro de ter tido algum, algum tipo de motivo (Amarelo 34). [...] eu vi, né? Na verdade, como um fato isolado de um aluno que não tinha instrução, que não... não... não sabia é... discernir o que ele, o que ele fazia, o que ele sentia e como ele tinha, né? Esse empoderamento machista, e esse empoderamento de ser o...o... ganhão da escola, de ser o macho alfa da escola. Porque ele tinha essa... essa postura. Acabou meio que contribuindo, sabe? (Amarelo 35).

Este posicionamento de ter a necessidade de se firmar com sua identidade masculina, de ser o macho mais dominante em relação aos outros, bem como em relação a sua postura escolar, fica evidente no esclarecimento de Amarelo sobre a agressão física sofrida em sala de aula. O que fica evidente então, pelos relatos do Amarelo, aparenta não se tratar somente de um caso isolado de agressão, por uma tentativa de “controle”, mas sim um caso de homofobia, pois o docente relata que:

[...] e na verdade assim, não só eu como outros professores da escola, às vezes a gente ouvia nos corredores assim “Ah!” ... comentário de aluno, né? “Esse professor veadinho que me deu nota baixa; esse professor veadinho que vai dar uma prova difícil!”, coisas que a gente sabe que aluno de escola tem muito essa prática, tem muito essa... essa coisa, né? Ainda mais

aqueles que não tem dimensão, aqueles que não tem é... noção das relações étnico-raciais, das questões LGBT e assim por diante. (Amarelo 36).

Outra característica comum da afirmação da masculinidade em âmbito escolar, apresenta-se por essas conotações pejorativas que partem de alunos, comumente, destinados a outros alunos; o que se denomina *bullying*, por se tratar de discriminação entre similares. E estes processos de afirmação de uma masculinidade e comportamentos agressivos se dá por

Processos de construção de sujeitos masculinos obrigatoriamente heterossexuais se fazem acompanhar pela rejeição da feminilidade e da homossexualidade, por meio de atitudes, discursos e comportamentos, não raro, abertamente homofóbicos. Tais processos produzem e alimentam a homofobia e a misoginia, especificamente entre meninos e rapazes. Para eles, o “outro” passa a ser principalmente as mulheres e os gays e, para merecerem suas identidades masculinas e heterossexuais, deverão dar mostras contínuas de terem exorcizado de si mesmos a feminilidade e a homossexualidade. À disposição deles estará um imensurável arsenal “inofensivo” de piadas e brincadeiras (racistas, misóginas e homofóbicas). (JUNQUEIRA, 2012, p. 64-65).

Ou seja, na construção de uma identidade masculina que se mantenha fortemente distanciada de feminilidades e de trejeitos homofóbicos estes alunos se respaldam na garantia de uma formação homofóbica e misógina, para se garantir como um homem dentro da “norma”. Pelos relatos de Amarelo e na relação com Junqueira (2012), podemos ressaltar que o caso denota os comentários “inofensivos” pelas ofensas verbais, até a culminação da agressão física.

Ainda segundo Junqueira (2012), esta construção se dá entre pares, ou seja, entre rapazes e jovens do mesmo nível, entre pares. O que expõe o Amarelo trata-se então de homofobia e por este conceito concordamos com os pressupostos de Reis (2015), ao afirmar que a homofobia

[...] se caracteriza como uma atitude hostil que marca a homossexualidade como sendo invertida, inferior ou anormal, e segundo a qual as pessoas com práticas homossexuais seriam pecadoras, delinquentes ou doentes, podendo, às vezes, esta hostilidade chegar ao extremo de resultar no assassinato de homossexuais, ou de pessoas que são percebidas como tal. A homofobia pode se expressar em diferentes formas de violência física ou verbal contra pessoas homossexuais, na sua exclusão estrutural e institucional e na restrição de seu acesso a direitos, espaços e reconhecimento. (REIS, 2015, p. 30).

Conseqüentemente, no relato exposto há a presença dos dois tipos de homofobia, partindo de comentários verbais dirigidos aos professores até culminar no ataque físico ao docente. Comum do relato dos professores, a percepção dos alunos e alunas sobre sua sexualidade, já diferente em um caso da sexualidade homossexual, mas que o sujeito atenda as expectativas sociais dos padrões masculinos, o Vermelho aponta que:

[...] eu não senti um preconceito tão grande por parte dos alunos, mas o que que eu penso em relação a isso? Eu acredito que seja muito pela minha identidade de gênero, né? Eu tenho... eu tenho, uma [...] aparência, uma identidade masculina, mais masculinizada, vamos dizer assim, né? Que eu acho que isso é mais palatável para os alunos. (Vermelho 6).

Se torna “mais palatável” pelo fato exposto acima, a constituição de uma identidade que o enquadre dentro das determinações coercivas em contextos sociais de como se constitui as identidades masculinas e femininas, como se fazem homens e mulheres presentes no nosso contexto social. E além da observação da relação comportamental na relação entre os discentes, ele afirma que:

[...] agora entre eles, eu vejo uma questão mais tensa... eu tenho inclusive na educação de jovens e adultos uma aluna transexual, que... e ela é muito respeitosa com todos... mas... é... a gente vê que ela sempre tá nos mesmos grupos, com as mesmas pessoas, ela não consegue se inserir amplamente na escola, então eu vejo a relação entre os alunos, uma relação mais tensa, do que uma relação dos alunos comigo. (Vermelho 7).

Esta relação se apresenta tencionada justamente pela condição de subordinação dadas às pessoas LGBT no contexto escolar, o mesmo contexto que garante a livre construção e atividade da homofobia. Portanto, o fato de reconhecer que a aluna transexual tem um espaço delimitado e passível de problematização em âmbito pedagógico, corresponde a possibilidade do “[...] reconhecimento da legitimidade da transgeneridade é um passo importante para assegurar-lhes direito à autodeterminação de gênero e dignidade humana.” (JUNQUEIRA, 2012, p. 73).

Já o professor Anil relata uma vivência em seu trabalho docente com a educação infantil, em relação ao comportamento de uma criança de outra sala, e de como as professoras agiam em relação ao aluno.

Nunca aconteceu comigo [preconceito], mas assim, [...] Já vi professoras falando coisas, sabe? Eu lembro uma vez que eu estava com um aluno no segundo ano, eu dava aula de Arte, aí a professora ficava falando dele o tempo todo, não deixava os outros meninos ficarem encostando nele...

Porque a criança gosta de se abraçar, ficar se tocando e ela não deixava os meninos chegarem rente... Sei lá, os alunos não chegavam perto dele, sabe? E aí, às vezes eu falava alguma coisa para ela..., que ele era criança, que isso não estava formado ainda [...] Que ele ia descobrir isso [orientação sexual] quando ficasse mais velho e tal, e que não tinha sentido ela falar isso, mas mesmo assim, né? Ela sempre soltava umas coisas bem preconceituosas e tal... (ANIL 12).

O que se apresenta neste relato evidencia mais uma tentativa da busca da legitimação da constituição de uma masculinidade vista como inata, que renegue toda e quaisquer possibilidade do feminino, do sensível; falas expressas por outro profissional de Educação, tais como afirmam os autores que entramos em concordância, que a escola dispõe de vários mecanismos da busca da garantia deste padrão e da ignorância de compreender que

[...] não existe apenas este modelo (o da masculinidade hegemônica), mas uma gama de possibilidades de construção e de expressão de masculinidades, que representam distintas posições de poder nas relações quer entre homens e mulheres, quer entre os próprios homens. (JUNQUEIRA, 2012, p. 67).

O que existe nesta situação é a imposição da garantia da tida sexualidade “normal” (LOURO, 2015), e o pré-julgamento de uma criança em fase de reconhecimento de si e do outro. Urge salientar que este processo de desconstrução do pensamento propagado por esta educadora, necessita de problematizações que sejam aplicadas continuamente, como o Amarelo cita na categoria 4.1, em relação a escola que desenvolveu um projeto pedagógico, que reestruturou e visualizou a homossexualidade como passível de reflexão crítica.

E sobre a relação com os estudantes desta escola, o Amarelo ressalta que, após a agressão, ele se manteve distanciado dos alunos e alunas, mas por conta da presença deste projeto sua postura passou a ser outra:

Quando eu fui pra essa última escola pública, que eu era convocado, porque era uma escola do poder público, mas de outra instância é... e que eu começo a receber esses alunos, que se identificavam homossexuais ou que estavam nesse processo de identificação, eu tive que mudar minha postura porque muitas vezes... é, na turma deles, eu era o único professor que conseguia compreendê-los... Em virtude dos outros, a escola era muito grande, então eram vários professores, então eu acabei mudando um pouco, mas não 100%...(AMARELO 19). [...] os alunos passaram a ser mais receptivos, aos alunos homossexuais e a outras, né? Classificações de gênero, aos bissexuais, enfim, aos próprios professores também, é... os que não eram, os professores héteros passaram a compreender um pouco melhor esses alunos. (AMARELO 24).

A presença de alunos e alunas LGBT que somavam vivências e necessitavam de amparo de professores homossexuais ou não, denota o desmonte da postura mais rígida deste professor pois como o mesmo ressalta, “[...] a família não dava esse apoio, não dava essas respostas a eles e eles acabavam encontrando na escola que tinha essa abertura pra poder desenvolver esse trabalho, eles encontravam na escola essa forma de... é, de apoio.” (AMARELO 7).

Em contexto diferente do professor Amarelo, o qual estava inserido em um projeto pedagógico que visava esta interação entre professores e alunos/as no quesito dialogar sobre problemáticas de gênero e sexualidade, o professor Azul, relata a fala de um aluno ao dizer a ele que:

[...] ele achava importante, de ele ter eu professor... um professor assim porque ele falou que ele nunca tinha visto uma pessoa gay que era tipo bem-sucedida assim, ele usou essa palavra na época, mas eu sei do que ele quis dizer, né? A gente não é bem-sucedido assim... (AZUL 12).

Podemos observar a importância da visibilidade. De demonstrar e experienciar com alunos e alunas essa construção arrastada histórica e culturalmente da marginalização de pessoas LGBT. Uma pauta emergente e que urge ocupar cargos de profissionais da educação, ocupar espaço na escola e ir contra a propagação da homofobia disseminada e existente na cultura escolar, pois,

[...] a escola cultiva a homofobia, não só repercutindo o que se reproduz em outros âmbitos, mas oferecendo uma contribuição decisiva para a sua atualização e o seu enraizamento. E mais: não raro também informada pelo racismo e pelo classismo e sempre atrelada às concepções postas pela heteronormatividade, a homofobia atua na estruturação deste espaço e de suas práticas – o que produz efeitos em todos/as que o povoam, inclusive no que concerne ao rendimento escolar. (JUNQUEIRA, 2012, p. 82).

Rever esta estruturação que legitima a continuidade da construção de padrões de masculinidades, da segregação dos que não se enquadram a ela; da garantia e livre continuidade da homofobia são tópicos passíveis de problematização e desconstrução em sua estruturação e manutenção.

Com a retomada de um posicionamento conservador ganhando espaço em contexto social, os silenciamentos em propostas pedagógicas que desconhecem a realidade escolar – como a BNCC – e a emergente visibilidade e maior discussão de pautas LGBT, este momento se apresenta favorável ao levante e desmonte de preconceitos enraizados na constituição escolar (BRASIL, 2017).

As discussões são necessárias, em âmbito escolar, para que o processo de questionar verdades postas, modelos naturalizados e padrões a serem seguidos sejam passíveis de desmistificações, de serem vistos como verdades absolutas. Esperamos que assim se apresente, como para o aluno de Anil, a visibilidade fora da marginalização, a existência das diferentes formas de masculinidades, das diferentes possibilidades de afetividades, além das diferentes relações e construções de gênero. Que as discussões sobre essas temáticas possam contribuir para quebrar os paradigmas que ditam e anseiam pela continuidade de serem tidos como “normal”, a fim de que possam existir relações mais equitativas, no que tange as questões de gênero e sexualidade em âmbito escolar.

4.5. A relação com responsáveis: “sem agredir esse conservadorismo familiar”

Sequencialmente, a categoria que aborda as relações dos professores participantes com seus alunos e alunas, a quinta categoria de análises se faz pelos relatos da vivências destes profissionais com os pais ou responsáveis por estes estudantes.

Ponto comum na fala dos professores participantes se torna o relato de os pais ou responsáveis pelos discentes não serem ativos na participação e interação com a vida escolar dos mesmos, como ressalta o Amarelo:

[...] a gente não tinha contato com o pai (risos), porque o pai geralmente não vai, né, à escola. Então, as que iam... as mães que iam nunca demonstraram nenhuma apatia ou nenhuma empatia, simplesmente elas iam, é... elas iam, ouviam o que tinha para ouvir e iam embora. (Amarelo 15).

Além de pontuar a ausência dos responsáveis na escola, o professor ainda chama à atenção para a distinção do posicionamento entre pais e mães, deixando claro o maior interesse pelo contato com a escola por parte das mães e que mesmo neste sentido, se torna apenas ouvinte. Já o Vermelho ressalta também não ter contato, mas que mesmo antes de lidar com a Educação de Jovens e Adultos, já não tinha contato com os responsáveis.

Uma coisa que eu achei que eu iria lutar muito, né? Que eu ia lutar muito, não. Só que o que que acontece, é... eu deixei de dar aula para o ensino fundamental antes dessa loucura desses últimos dois anos, né? Três anos aí, sabe? Eu não sei como é que estaria agora dentro [...] da docência com

adolescentes, né? Então porque, quando eu lecionava pra adolescentes, é eu lecionei para adolescentes até dois mil e... treze para 2014 era completamente diferente do que tá hoje em dia... do que é essa histeria que virou da criminalização do professor, né? O professor não era criminalizado, né? É... então hoje tá uma histeria muito maior, eu não vou conseguir te responder é... essa questão dos pais atualmente por que eu só lido... agora eu só lido com adultos. Seja no ensino superior, onde pai e mãe não vai e na educação de jovens e adultos, mesmo que têm, que os pais é... são presentes na escola são alunos de 16, 17 anos, 18... né? Mas a grande maioria dos meus alunos são adultos, eles não são nem adolescentes. Então quase ... eu quase não tenho contato com os pais, tem aí... um ano e meio pra dois anos que eu não tenho contato com pai nenhum. (Vermelho 15).

A menção de Vermelho se refere ao período eleitoral de 2018, quando o projeto de campanha de um dos candidatos à presidência do país se baseava na distribuição massiva de notícias falsas, uma das mais famosas o dito “kit gay” que supostamente era distribuído nas escolas. Portanto, que nesse sentido da ausência dos responsáveis a saber o que de fato ocorre no espaço escolar é que a

Luta contra o desrespeito à coisa pública, contra a mentira, contra a falta de escrúpulo. E tudo isso, com momentos, apenas, de desencanto, mas sem jamais perder a esperança. Não importa em que sociedade estejamos e a que pertençamos, urge lutar com esperança e denodo. (FREIRE, 2000, p. 61).

Luta no sentido de combater a mentira na ciência de que “[...] o futuro não nos faz. Nós é que nos refazemos na luta para fazê-lo.” (FREIRE, 2000, p.27). E a luta de professores e professoras se faz em sala de aula na possibilidade de problematização sobre a existência da diferença e da diversidade.

Pensando em diversidade, indagados sobre como se dá a descoberta – e se há – dos responsáveis por um professor homossexual fazer parte do quadro docente da escola, o professor Laranja e Azul reconhecem que:

[...] não tivemos nenhum problema que chegou até mim, que eu saiba não. Até porque os pais lá na escola eles são bem ausentes, [...] é um grupo pequeno de pais que realmente participam da... do dia a dia escolar e esse pequeno grupo eles são assim super [...] abertos, eles aceitam superbem essa questão. (Laranja 11).

[...] se teve ninguém nunca chegou para mim e falou que eu tive... provavelmente alguém deve ter comentado que o pai, a mãe provavelmente não gostou... mas de chegar a ir na escola, reclamar disso ninguém nunca foi não. Eles quase não vão para a escola, né? (Azul 8).

Ambos os professores afirmam não ter conhecimento sobre reclamações provenientes de pais ou responsáveis e reiteram a ausência dos mesmos na relação com a comunidade escolar. Para o professor Violeta, que relatou sofrer preconceito por parte dos alunos, comenta que os pais e responsáveis foram avisados das advertências, mas que nunca teve problema com eles:

Não, com os pais não. E... eu me lembro que nesse, nesse ocorrido, né? Do *bullying*, digamos assim, que foi logo que eu fui contratado, os alunos que co... começaram e movimentaram, né? A... as chacotas, os descasos, é... os pais foram, é... avisados, né? É... colocados a par do porquê das advertências, é... por conta do conteúdo, de tudo assim, mas não, nunca, nunca da parte de famílias assim, não. (Violeta 13).

Já o professor Verde relata uma situação que o levou a ter ciência de reclamações por conta de sua orientação sexual. Inicialmente ele assim contextualiza a situação vivenciada:

[...] eu decidi alugar um lugar e fazer [...] uma festa de final de ano [...] para um terceiro ano e para um nono ano que eles tinham me escolhido para padrinho, né? Então eu falei “Aí, então eu vou pagar o lugar e a gente vai para lá.” E aí teve um menino, né? Que ele... Ele já era maior e tal, ele estava no terceiro ano e ele bebeu bastante e eu falei “Não, eu vou te levar para sua casa”. E aí eu fui, na época eu tinha um companheiro e a gente foi levar esse menino lá na casa dele e ele morava longe... (risos). E aí eu deixei ele na casa dele, ele estava bêbado, eu falei “Você quer que eu converse com seu pai? Você quer que eu converse com alguém?” Ele disse “Não, não, eu me viro, porque se você falar vai ser pior.”. E aí deixei o menino lá, vi que ele entrou e eu fui embora. (Verde 6).

Após essa contextualização, o professor Verde comentou o que aconteceu depois, qual foi a atitude do pai do aluno, e como ele reagiu diante da situação vivenciada.

[...] a diretora da escola me chamou para conversar e falou “Verde, o que que aconteceu?” aí eu falei “Ó, aconteceu isso, né? O aluno tal bebeu, ficou bêbado, tipo ele chegou a vomitar e eu falei vou levar você embora, né meu?” Não vou deixar você aí porque as pessoas já estavam indo embora e ninguém estava se preocupando com ele. Ela falou assim “Não, porque o pai dele veio aqui ontem dizendo assim que onde já se viu que um professor gay, com namorado, fica dando carona para o filho dele e tal.”. E eu falei “Olha, fala que é para ele conversar comigo. Porque se a questão foi de eu levar o filho dele que, tipo estava completamente embriagado no carro, com o meu namorado, né, Se ele acha mais digno eu deixar o filho dele passando mal pelo simples fato de eu ser gay e estar com o meu namorado no carro... é... Tem que falar com esse pai.” Aí ela, “Aí então tá, eu vou falar isso para ele.” E aí o pai não veio, né? Tipo, não veio, mas foi essa coisa aí que quase, né? Soou como um tipo... preconceito, mas enfim, acho que o pai estava tentando encontrar aí um meio para justificar o fato de o filho dele ter ficado bêbado e um gay ter ajudado o filho dele, né? (Verde 7).

A situação apontada pela Verde sugere um comportamento discriminatório por parte do pai do aluno e ainda uma tentativa de aproximação assertiva originada do professor, pois são em situações como esta que, de acordo com Xavier Filha (2012, p. 328), “[...] as formas de diálogo propostas nestas ocasiões devem se preocupar com a aproximação em vez de formar blocos distantes e estanques [...]”.

O diálogo possibilita aqui o entendimento e o caminho para compreender que a questão passou por uma experiência de preconceito, de homofobia, visto que a “Homofobia é um conceito que se refere à hostilidade, à intolerância e ao desprezo a todas as orientações e identidades sexuais diferentes ou divergentes da heterossexual.” (REIS, 2018, p. 29).

Segundo o professor Amarelo, quando a escola convocava um diálogo com os responsáveis por um discente, o mesmo desvelava possibilidades de que este estaria sujeito a alguma violência, como ele afirma:

E aí geralmente o pai [...] punia, coagia, batia no filho. Como nós já ouvimos várias vezes de o pai dizer que ia levar uma surra quando chegasse em casa... é... alguns discursos do tipo: “Ah! Não coordenadora, diretora, chegando em casa ele vai virar homem, ou ela vai virar mulher.” (Amarelo 9). A gente sabia que possivelmente aconteceria alguma violência ali, mas o tratamento da escola era esse, era comunicar a família e solicitar para a família que tentasse controlá-lo, se é que existe isso e eu acredito que não. (Amarelo 10).

O que Amarelo relata entra em concordância com os pressupostos de Reis (2018, p. 230), de que “[...] não está entre as expectativas dos pais que seus filhos sejam gays, lésbicas, bissexuais, travestis ou transexuais.” Ou seja, o que atende a expectativa dos pais seriam os padrões da heteronormatividade, a garantia da norma e propagação da sexualidade “normal” (LOURO, 2015).

É importante ressaltar que o processo de formação continuada pode ajudar os educadores e educadoras a lidarem com situações como estas e assim se apresenta como uma possibilidade para a descontinuidade dos silenciamentos da escola perante a diversidade sexual. É neste sentido, de como quebrar com estes silenciamentos e apreender como realizar um diálogo com os pais e responsáveis, que o Vermelho diz:

Então como é que dentro desse conservadorismo familiar a gente consegue fazer uma ponte dentro dessas discussões, sem agredir esse conservadorismo familiar... se não, se torna completamente ineficaz. Isso a gente ainda não sabe, né? Isso a gente estava aprendendo, agora eu, eu

vejo o futuro de uma forma muito mais tenebrosa, eu acho que esses debates vão ficar cada vez mais difícil de acontecer. (Vermelho 20).

Almeja-se assim obter possibilidades de diálogo que venham a tracejar caminhos para a reflexão do que está internalizado na constituição destas famílias, que naturalizam a discriminação e a homofobia enraizadas nos processos de tornar natural os modelos postos e propagados historicamente. Assim, é importante haver possibilidades de “[...] refletir sobre esse processo de normalização da sociedade e das ideias que organizam nossas ações, discursos, os modos de ser e de relacionar com as diferenças é uma forma de desnaturalizar os conceitos de normalidade e anormalidade.” (FERRARI, 2012, p. 261).

Ademais, é importante haver o preparo de professores e professoras para buscar a capacidade de compreender que nós nos refazemos na luta para fazer o futuro (FREIRE, 2000), que deve nortear os posicionamentos de quem busca a possibilidade para a quebra de paradigmas e construções homofóbicas.

Construções estas que operam e atuam na constituição de currículos escolares que legitimam silenciamentos em questões de encarar a diversidade de sexualidades como possibilidade de conteúdo de integração de um currículo pedagógico, que atua como homofobia dentro da escola, a qual se mantém como um local de ignorância da sexualidade, ainda distante e despreparada para problematizar e desconstruir as opressões instauradas pela heteronormatividade enquanto opressora da homossexualidade.

4.6. A vivência para além dos muros da escola: “tem colegas que sofrem mais do que eu sofro”

A última categoria destas análises diz respeito a identidade homossexual de cada professor convidado a participar desta pesquisa e como eles relatam algumas de suas vivências para além do espaço escolar e de sua constituição enquanto professor.

Urge ressaltar que nenhum dos professores participantes desta pesquisa possuem em suas identidades visuais enquanto sujeitos traços que denotem feminilidades, ou seja, não são afeminados ou marcados visualmente por sua sexualidade homossexual. Como alguns até ressaltam em suas entrevistas, estarem

respaldados por uma identidade de gênero mais masculina, como expõe o Vermelho:

[...] me enquadro mais nesse padrão, vamos dizer de heteronormatividade, embora eu seja um homossexual assumido é... eu não... eu sinto um pouco menos o preconceito do que por exemplo, um aluno transexual ou uma professora transexual, que acho que isso também seria algo que iria causar muita estranheza aos alunos, né? (Vermelho 8).

O que afirma o professor Vermelho refere-se ao sentido de não esconder sua sexualidade, mas vivenciá-la dentro de uma identidade de gênero que contempla os padrões impostos pela heteronormatividade, nos modos de se portar e se constituir dentro dos padrões de masculinidade. É válido ressaltar que a homofobia

[...] é dirigida contra todas aquelas pessoas que se afastam da heteronormatividade, ou seja, aqueles homens que sentem desejo e atração sexual por outros homens e aquelas mulheres que sentem desejo e atração por outras mulheres [...], bem como pessoas que não se enquadram na noção binária de homem e mulher, macho e fêmea, como as(os) travestis e transexuais. (REIS, 2018, p. 29).

Neste sentido, e em concordância com o professor Vermelho e Reis (2018), que compreendemos o local de fala destes professores, que são homens e homossexuais, e que partem do local que se enquadra dentro destas identidades. Ou seja, ainda que esses professores se percebam com uma sexualidade que desvie do padrão, eles se possuem uma identidade de gênero que os caracteriza como masculino.

Mesmo na atualidade, os mesmos entrevistados refletem sobre o passado e afirmam serem produtos das homofobias pontuadas no item 4.4 desta pesquisa, que trata da homofobia e as imposições da masculinidade entre jovens e meninos no espaço escolar, sobre isto Anil discorre que:

Eu lembro que na época da escola meu apelido era “Anilgay”, todo mundo me chamava de “Anilgay”, eu chorava. Ficava super mal, sabe? (Anil 4). Eu lembro que na minha época era mais difícil, as pessoas me zoavam e tal... E eu ficava quieto, ficava meio oprimido, ficava na minha, chorava e tal... (Anil 7).

Anil reafirma o processo de naturalização da homofobia e preconceito dentro da constituição da escola, local onde as imposições da masculinidade que atendam e contemple os padrões são postas em operação sobre aqueles que não respondem

às normas. Atitudes estas que levam a exclusão destes jovens e meninos que não seguem a maioria, como recorda Azul:

Na época do ensino médio, assim eu tinha bastante apelidinho... porque era uma época assim que eu num... eu não me aceitava, né? Então eu me ofendia muito, né? [...] Nas aulas de educação física também, nunca me chamavam para jogar bola, essas coisas, porque eles achavam que eu não ia querer... é eu não..., não me sentia nem pertencente nem ao grupo dos meninos e nem ao grupo das meninas. Então eu acabava sendo excluído por todo mundo da sala, né? Até os meus terce... segundo ano, que aí eu finalmente tinha um colega, que também hoje eu sei que ele é homossexual, mas na época eu não sabia, né? Mas a gente acabou se juntando na sala e foi a partir desse momento que eu tive amigo, mas assim, o resto da vida inteira assim... quando eu era criança sempre teve, deve discriminação, né? Pelas pessoas do grupo social em si, né? (Azul 10).

Azul afirma o condizente a exclusão daqueles e daquelas que não se enquadram nos padrões da binaridade distinta posta em atuação na escola, pois é neste sentido que Junqueira (2012) afirma que a escola

[...] é um espaço obstinado na produção, reprodução e atualização dos parâmetros da heteronormatividade. Esta se refere a um conjunto de disposições (discursos, valores, práticas etc) por meio dos quais a heterossexualidade é instituída e vivenciada como única possibilidade legítima de expressão sexual e de gênero. (JUNQUEIRA, 2012, p. 61).

São os discursos que validam a verbalização dos preconceitos, da homofobia, que preservam os valores da discriminação carregadas pelo contexto social e que resultam na exclusão dos alunos e alunas que não seguem e nem se portam como a maioria dos outros estudantes.

É justamente estes processos de exclusão que estão postos em atuação e que aqui são exemplificados pelos professores Anil e Azul, que atuam como marcas carregadas por estes sujeitos. São esses processos vividos na experiência escolar que serão

[...] as marcas permanentes que atribuímos às escolas não se referem aos conteúdos programáticos que elas possam os ter apresentado, mas sim referem a situações do dia-a-dia, experiências comuns ou extraordinárias que vivemos no seu interior, com colegas, com professoras e professores. As marcas que nos fazem lembrar, ainda hoje, dessas instituições têm a ver com as formas como construímos nossas identidades sociais, especialmente nossa identidade de gênero e sexual. (LOURO, 2000, p. 18-19).

Ou seja, são estas experiências que tendem a marcar a constituição de sujeitos homossexuais, os apelidos, as gozações, as exclusões que tendem a

moldar e caracterizar como os mesmos sairão da escola e se constituirão na possibilidade ou não da desconstrução destes preconceitos contra a identidade de gênero e sexualidade vivenciadas na escola.

Marcas estas que perpassam não somente estes sujeitos homossexuais como alunos, mas que os marcaram como adultos. O professor Amarelo, comentar sobre a agressão sofrida, por um ato avaliado pelo mesmo como não homofóbico, mas originado de um aluno que reproduzia as atitudes como tal, diz que:

[...] eu tive muito medo de voltar para escola e ser agredido novamente, então eu fiquei esses seis meses de licença refletindo se realmente valia a pena eu voltar... para a sala de aula. Daquela escola ou de alguma outra, porque o que me vinha à cabeça foi, se nessa sala, se nessa escola eu não fui bem aceito, eu poderia não ser aceito nas outras, mas depois eu fui fazendo alguns tratamentos, psicólogo, terapia, psiquiatra, enfim... e foi, foi desmistificando tudo isso, eu fui... ampliando o pensamento e me fez voltar, mas aí, mesmo assim eu pretendia não ficar mais 100% na educação básica, eu fui já... eu fui desde ali pensando em estudar, fazer mestrado, doutorado para poder ir aos poucos indo para a educação superior e é o que eu fui fazendo até 2016, quando eu consegui me desvincular de verdade da educação básica. (Amarelo 28).

As marcas relatadas até o momento representam as vivências de processos da exclusão da diferença, da garantia da norma e da busca pela unificação de identidades masculinas e femininas, o que urge pensar em acordo com Carvalho et al. (2017), que

[...] compete à equipe escolar, composta por professores/as e funcionários/as, romper com os estereótipos e preconceitos ainda fomentados na sociedade em geral. Uma prática pedagógica baseada em valores de igualdade, cidadania e respeito pela diversidade e pelo outro, implica a capacitação e sensibilização dos/as professores/as-coordenadores/as da educação para a saúde e educação sexual e de todos/as docentes que integram estas equipes interdisciplinares nas escolas (LEI N.º60/2009; PORTARIA N.º196-A/2010), para que possam estar preparados/as e sensibilizados/as para a problemática da homofobia em meio escolar. (CRAVALHO et al., 2017, p. 4).

Trata-se de uma prática pedagógica que venha a desmistificar a propagação dos discursos homofóbicos que sustentam os valores sociais que atuam por meio da exclusão por em prática a discriminação contra homens e mulheres homossexuais. Para que assim possa-se problematizar em questões de valores da igualdade a existência das diferenças e da diversidade.

O trabalho pedagógico viria assim a somar com as experiências de mundo para que se possibilitasse a compreensão das diferenças e que não se tornasse

necessário a existência de relatos de se vivenciar a discriminação em todas as extensões de convívio social. Em relação a sua vivencia em espaços sociais, o professor Laranja diz que se dá de maneira

[...] complicada, viu? [...] eu não tive nenhum problema, assim... relevante a respeito da questão de ser homossexual, sabe? Ninguém nunca me falou nada, sempre... eu fui... eu acho, penso dessa maneira, eu respeito o espaço dos outros. para que em retorno eu espero ser respeitado também. Mas assim, quando você vai em um restaurante, a um bar, se você está por exemplo em uma mesa só com outro homem..., ninguém... nunca me falou nada, porém existe olhares para aquele... aqueles... aqueles dois homens sentados juntos a uma mesa, porque percebe-se que é um casal... percebe-se que é um casal. A gente não vai..., a gente não fica se beijando e tal, mas há olhares, há... e esses olhares assim, eu não vou me abater por isso, sabe? É meio constrangedor? É, você está num lugar assim para se divertir, para ficar de boa, e aí a pessoa fica ali... algumas pessoas ficam te olhando de maneira torta, de maneira esquisita, mas... eu... acabo... ligando o modo assim “tô nem aí”. (Laranja 13).

Ou seja, em qualquer situação rotineira a discriminação se faz presente com os vários níveis de constituição da definição de homofobia. Também a somar como formas de discriminação vivenciada por sujeitos homossexuais, o professor Vermelho relata que em suas experiências passa por

[...] discriminação no sentido de às vezes você está... eu por exemplo, gosto muito de andar de mão dada quando estou num relacionamento, por mais que eu também acho que é uma questão política, e a gente sofre discriminação, a gente sofre olhares, a gente sofre reprovações, então sem dúvida nenhuma, eu não... não estou blindado dessa [...] discriminação até porque como uma opção, eu também mostro a minha sexualidade, a minha orientação, a minha condição sexual [...] Aonde estou, no shopping, enfim, na festa de final de ano de colega de trabalho, em casa enfim... então discriminação sim, eu já senti. (Vermelho 11). Agora uma ameaça ou até uma violência mais física, não [...] isso comigo nunca se passou, eu sei, não estou negando, eu sei que isso existe muito, mas não é..., não é minha experiência. (Vermelho 12).

O que os professores relatam são níveis de atuação do preconceito e discriminação, que destinado a mulheres e homens homossexuais são denominados de homofobia (REIS, 2018), podendo se nivelar como uma agressão verbal até mesmo desencadear em um ato de violência física.

Portanto, quando o Vermelho afirma ser um ato político, sua postura de demonstrar sua afetividade, a fim de que as marcas históricas que posicionam a afetividade homossexual como errada ou não “normal” (LOURO 2014), sejam postas em possibilidade de questionamentos. Pois neste sentido, concordando com Silva (2018) a considerar que:

[...] os direitos humanos devem refletir, assim, uma racionalidade de resistência, de caráter emancipatório, a permitir que todo indivíduo desenvolva práticas sociais concretas, visando à construção das condições materiais e imateriais necessárias ao exercício de uma vida digna. (SILVA, 2018, p. 158).

Essas condições para se ter vida digna são necessárias para que se garantam os direitos de ser a todas as pessoas que atuam nas performidades sociais as determinações de gênero, identidade de gênero e sexualidade, as quais constroem espaços e ditam limites para quem está fora de suas regras. As regras socialmente construídas operam enquanto a identificação de um sujeito homossexual, como afirma Violeta:

[...] de uma forma mais, mais ampla enquanto olhar, enquanto julgamento assim, eu posso dizer assim, tem colegas que são é... que sofrem mais do que eu soffro assim, entendeu? (Violeta 28). [...] Eu sei que às vezes tem a ver com a questão da minha postura enquanto indivíduo social, que mesmo sendo homossexual é... e de que jamais eu vou me privar da defesa desses meus iguais assim, mas é... eu... já... não soffro tanto, já vi amigos soffrendo bem mais assim, sabe? (Violeta 29).

Como já afirmamos anteriormente, em concordância com Louro (2014), a vigilância se faz presente, principalmente sobre corpos de professores e professoras que dentro de uma lógica discriminatória da constituição escolar devem continuar garantindo a vigência da norma, da norma de como se dar continuidade de se produzir mulheres e homens.

É, portanto, neste quesito de se ter ciência de que há colegas que sofrem mais ocorre pelo fato de haver homens homossexuais que se constituem com visualidades mais femininas, com corpos marcados por sua sexualidade, assim como mulheres lésbicas com visualidades mais masculinas.

O que soma a instituição escolar, como grande parte de uma formação social e constituinte de sujeitos, é que não deve ficar alheia, visto que é necessário que haja ações em prol da igualdade de gênero. Nesse sentido Carvalho et al (2017, P. 17-18) consideram que as instituições educativas devem “[...] desenvolver ações em meio escolar e acadêmico baseadas em direitos humanos, que promovam uma cultura de paz e que garantam uma educação inclusiva, num ambiente seguro e não violento e, que sejam promotoras de igualdade de gênero”.

A escola deve ser promotora da reflexão sobre a cultura da heteronormatividade que naturaliza silenciamentos e exclusões em sua constituição, pois, assim como sustentado pelos participantes da pesquisa, a manutenção da escola tem se mantido como o local distante das discussões de gênero e de sexualidade. Além do mais, ainda há na estrutura escolar a postura de se garantir a constituição da binária de papéis masculinos e femininos, que visem a performidade de identidades de gênero que se enquadrem nesses dois desdobramentos.

A garantia de uma identidade que atue conforme as normativas de um posicionamento de constituição de homem ou mulher respalda a vivência de direitos e ocupação de espaços que levem a afirmar que há pessoas que sofram menos que outras, pois a discriminação atua sobre àqueles e àquelas que ousam existir e resistir fora das coerções sociais.

Com o fomento dos professores participantes desta pesquisa, que se faz necessário pontuar que há professores gays sim e que irão atuar nas escolas, pois sexualidade não é e nem deve vir a ser uma ferramenta de seleção de desempenho profissional, mas sim deve ser vista como uma possibilidade de contato com a diversidade e a representatividade de pessoas que possam desmistificar a marginalização da sexualidade homossexual.

Levando em conta os diferentes respaldos pelas instâncias públicas ou privadas, no tocante a postura das mesmas com a presença de um professor/a homossexual em sua equipe, assim como as diferenças de encarar esse tópico como possibilidade de problematização em sala de aula.

É neste sentido que, ao falar de homossexualidade enquanto possibilidade de debate enquanto conteúdo, ainda se vê como essencial, mas difícil. Devido a escola e currículos se constituírem ao longo dos anos, distante das temáticas de gênero, identidade de gênero e sexualidade, que cada vez mais são emergentes e necessárias as discussões e questionamento nos espaços de formação.

A formação é importante especialmente para professores que vivenciam diariamente as consequências das exclusões sociais, já que os alunos e alunas tendem a gostar destes profissionais e por vezes estarem mais propícios a ressignificar conceitos enraizados de maneiras discriminatórias no âmbito social. Faz-se então necessário esses debates e ressignificações decorrerem de modos de diálogos de equidade, sem distinções que agridam a formação das famílias que entrem em contato com a escola.

As discussões sobre gênero e sexualidade em âmbito escolar deve proporcionar o pensamento de que o que está posto nos espaços sociais é que algumas pessoas venham a sofrer mais que outras, apenas pelo fato de viverem e ousarem viver sendo quem são, sem se prender a obediência ou serem coagidas a seguir uma norma que vise atender a princípios que não contemplam e nem respaldam as possibilidades de vida, ou seja, a vida enquanto um leque instável, dinâmico, plural, diferente e diverso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que a dissertação teve como objetivo investigar, por meio da vivência de professores homossexuais, como se desvelam as relações de gênero, identidade de gênero e sexualidade, através das experiências discriminatórias ou não, nos espaços escolares, iniciando por um levantamento de dados através de um recorte do estado do conhecimento sobre as pesquisas em Educação, aqui apresentado como um mapeamento destas produções, e a temática da homossexualidade. Desvelando assim a continuidade da confusão entre conceitos de gênero, identidade de gênero e sexualidade, assim como silenciamento sobre os mesmos.

Assim necessário a pontuação e elaboração destes conceitos como aporte da continuidade da pesquisa. Para suporte desta conceituação, se fez necessário pontuar alguns conceitos chave e norteadores, como base investigativa, do que se tem definido enquanto gênero, identidade de gênero e sexualidade e como na sociedade, na qual nos inserimos, estes conceitos estão/são definidos e se encontram em atuação.

Neste sentido, o primeiro capítulo desta investigação se caracteriza por este processo de definir conceitos e, para tanto, trabalhamos com a conceituação da relação de identidade e diferença, sendo a primeira trabalhada como a constituição do Ser como mutável e inacabado, sempre com relação com a diferença que possibilitam as capacidades de incluir/excluir, classificar, assimilar e definir “o eu e o outro”.

Sequencialmente, abordamos o outro como a conceituação de gênero, que socialmente construído opera nos sujeitos como os modos culturais de se moldar os seres dentro do binarismo do que se compreende por “ser homem ou ser mulher” em determinada cultura. Trata-se de hábitos que caracterizam a incorporação dos ensinamentos de se constituir enquanto homem ou mulher não determinados pelo sexo biológico.

Por identidade de gênero compreendemos as construções identitárias dos corpos, construções essas que expressam no sujeito a sua identificação e performidade de um gênero, são os processos de identificação que possuímos com certo gênero e constituímos nossas identidades através deles.

Tendo estes conceitos definidos, o próximo conceito relevante refere-se à sexualidade, que se caracteriza pelas relações afetivas existentes entre os sujeitos, que ultrapassa a questão pessoal, por ser entendida como uma questão social e política. Nesse cenário, a sexualidade se encontra enraizada em um padrão tido como “natural” que é associada à heterossexualidade, mas cabe também denotar que existem as possibilidades heterossexuais, bissexuais e a esta investigação se abordou sobre a construção e repressão entorno da homossexualidade.

A garantia desta “sexualidade normal” está respaldada por vários mecanismos de controle social e formas de se construir novos sujeitos, mas ao nosso tocante nos é relevante à forma de abordagem pela Educação escolarizada, a escola trabalha em um processo de formação de maneira que se garanta e se legitime a continuidade da reprodução desta sexualidade “normal” (LOURO, 2014).

Dessa forma, a ocultação, negação ou silenciamento da homossexualidade na escola se apresentam como a garantia da heterossexualidade como a sexualidade “normal” (LOURO, 2014), a fim de que não se reconheçam as diferenças, a homossexualidade, a pluralidade, para que seja uma forma de concretização desta sexualidade como inata.

A continuidade pelo capítulo dois nos apresenta a maneira pela qual se encontra a abordagem destas problematizações sobre gênero, identidade de gênero e sexualidade como uma possibilidade de tema transversal. Proposta pelo PCN de Orientação Sexual, este debate está objetivado e constituinte para integrar o cotidiano de sala de aula.

A presença do debate sobre questões pertinentes a sexualidade, se apresenta como a possibilidade de respeito à diversidade, problematização de crenças e valores instaurados socialmente, prevenção de gravidez precoce e compreensão de abusos sexuais. Além de possibilitar o entendimento acerca das diferentes sexualidades.

Debater sexualidade significa compreender a diferença das conceituações de gênero, identidade de gênero e sexualidade; assim como quais marcadores sociais atuam na constituição das repressões sociais a qual a escola se inscreve e possibilita a compreensão da existência das diferenças como constituintes de cada sujeito, de cada outro.

Assim como os PCNs foram elaborados há décadas, urge compreender quais são as novas propostas para a abordagem destas discussões na atualidade. E

com um contexto social com a retomada de posturas conservadoras, fica respaldado a ausência de proposições para este debate integrando a denominada BNCC, que aborda o corpo como necessário de cuidados e os preconceitos com abordagem rasa, apenas se delimitando a não tolerância de quaisquer que seja a sua origem.

Então, a fim de compreender como esses mecanismos atuam no espaço escolar, convidamos sete professores homossexuais que estavam atuando ou já atuaram em escolas de educação básica e se dispusessem a relatar suas vivências enquanto sujeito homossexual e a sua relação com aquele espaço. Enquanto símbolo de representação do movimento LGBT, os participantes foram nomeados com as cores do arco-íris que constitui a bandeira deste movimento. Após a realização das entrevistas, transcrições e categorização dos dados, seis categorias de análises se desvelaram e fomentam a análise de dados.

A primeira categoria intitulada “Sou gay e vou dar aula aqui”, apresenta a relação deste professor com o espaço escolar, primeiramente de como os mesmos relatam o processo da declaração sobre sua sexualidade, mais comumente acontecendo com o decorrer do tempo de trabalho deste professor nesse espaço. Também foi analisado a relação com outros docentes que atuam na escola e qual o posicionamento pedagógico em relação a possuir um docente homossexual em atuação neste espaço. Expressa principalmente a necessidade de um professor declaradamente gay em atuação no espaço escolar para que se haja a possibilidade de questionar a marginalização construída sobre esta sexualidade.

Sequencialmente, a categoria “Algumas escolas públicas e algumas escolas privadas”, expressa no relato de alguns professores que pontuam as diferenças específicas do trato da homossexualidade nas diferentes instituições de ensino, apresentam as instituições particulares como um local onde a empatia encobre a constituição e presença de um preconceito velado. Em contraponto com as instituições públicas, a presença de um desconforto enquanto a presença de um docente homossexual foi menos relatada em âmbito das escolas privadas. Denota-se assim que a possibilidade de inserção do debate sobre sexualidade para a problematização histórica da formação de preconceitos, da propagação cultural dos mesmos e as consequências dos que se encontram sujeitados a eles, não cabe um posicionamento apenas empático do posicionamento escolar enquanto espaço de formação de sujeitos sociais.

Assim, na terceira categoria, os participantes da pesquisa relatam que a temática sobre gênero, identidade de gênero e sexualidade, “É essencial, mas é difícil” enquanto abordagem em sala de aula. Esta categoria aborda a dificuldade de se debater um tema que não se há conhecimento, seja desde a formação destes educadores, ou seja, por se posicionarem a favor do silenciamento enquanto tema por parte das escolas. Ressalta a necessidade de se buscar conhecer o assunto, pois a presença do diálogo sobre a diferença de gênero, a diversidade das identidades de gênero e a pluralidade de sexualidades que se constata o rompimento com o que é tido como “natural” e preservado pela postura de ignorar, valorar e negar, estes debates, na escola.

A quarta categoria, denominada “Eles gostam bastante de mim”, aborda a relação destes profissionais com os alunos e alunas, se os mesmo têm ciência da sexualidade do docente, se houve algum caso em que eles foram procurados por ajuda, se sofrem rejeição. Esta categoria apresenta a possibilidade de diálogo aberta e mais propícia a desconstrução de conceitos e preconceitos enraizados e propagados pelo contexto social, mas em contraponto, ainda apresenta comportamentos homofóbicos como naturalizados na constituição desta parcela da comunidade escolar seja entre o grupo de alunos ou até mesmo em atos de violência física contra o professor. Comportamentos estes que não visam seus questionamentos, pois estão respaldados por uma base curricular comum que não os questionam, deixando essa possibilidade para o trabalho pedagógicos de professores e professoras que busquem a construção de um contexto que vise romper com os preconceitos.

Em seguida, a vivência com os discentes, a categoria “Sem agredir esse conservadorismo familiar” expõe a relação destes professores com os pais e/ou responsáveis por estes discentes. Ponto comum na fala destes professores é a ausência do contato e diálogo com os mesmos, pontuando suas presenças apenas em reuniões pedagógicas e se limitando a receber informações, assim como a possibilidade de desmitificação de preconceitos com os discentes, esse processo também pode se trilhar com pais e/ou responsáveis no mesmo fazer pedagógico do diálogo e problematizações dos conceitos que os caracterizam enquanto sujeitos sociais.

E finalizando as análises, no tocante dos sujeitos sociais, com a categoria “Tem colegas que sofrem mais do que eu soffro”, esta por sua vez se monta dos

relatos das vivências para além dos muros da escola, como se dá a relação destes professores enquanto sujeitos sociais homossexuais. Ponto comum aos sete participantes da pesquisa é se formarem em uma identidade de gênero e performarem as regras sociais da masculinidade, mas formados dentro da estrutura de uma sociedade que busca a garantia de uma norma que tende à heterossexualidade. Denota as marcas que se evidenciam da experiência da homofobia enquanto a fase escolar, até a compreensão da discriminação que se inscreve e se faz presente em espaços de convívio social.

Podemos compreender que a escola ainda se define como uma construção social que ainda ignora as questões da sexualidade. E se a temática inerente à sexualidade é afluída ou emergente em debates, geralmente são dadas como assunto de responsabilidade de familiares ou para debates fora do espaço escola. Gênero, identidade de gênero e sexualidade, são construções sociais vividas por sujeitos e seu debate deve encontrar na escola espaço de possibilidade passível de problematização, pois não há como os sujeitos se despirem de suas características e assumirem uma postura neutra que não estejam influenciadas por estas conceituações.

Estas questões emergentes e necessárias para se trazer a dignificação da diversidade que se inscreve em um contexto no qual professores e professoras possuem minimamente conhecimento, são debates que ficam por conta de militâncias enquanto deveriam ser promovidos pela formação de sujeitos sociais que convivem com as diferenças. É neste sentido que ressalto a opinião do professor Vermelho ao dizer sobre de que modos os

[...] debates dentro da sala de aula sobre identidade de gênero, sobre sexualidade, às vezes ficam também essa defesa, fica meio demagógica, né? Porque, como fazer isso? De que forma fazer esses debates? De que forma eu como professor homossexual vou conseguir fazer um debate desse, sem tentar puxar inconscientemente às vezes, né? Já que a ciência não é neutra... vou tentar puxar para o meu lado, né? Ou um professor evangélico que abomina completamente isso, será que ele também vai conseguir fazer as coisas de uma maneira a [...] ter um debate mais amplo ou ele também vai puxar para o lado dele? Então, eu... novamente digo, é essencial termos esse debate em sala, mas é essencial também estarmos minimamente formados para isso, né? (Vermelho 28).

O que se pontua neste momento é como fazer este debate sem respaldo? Como conceituar gênero sem compreender qual a conceituação do mesmo no contexto social em que se constrói esta escola? Como abordar identidade de gênero

sem confundi-la ou reduzi-la a gênero? Como debater sexualidade sem se prender nas amarras de tradicionalismos e conservadorismos? E principalmente, como contextualizar todos estes pontos em um momento político e social que visa repreender estes tópicos que chegam a retirá-los da constituição de um currículo pedagógico?

Trata-se de vários questionamentos que podem e devem continuar gerando inquietações, pois assim como ressalta um dos sete professores, existe a necessidade de um preparo, nem que seja mínimo, para a abordagem destes temas emergentes na sociedade. A necessidade da formação de professores e professoras compreenderem que além de licenciados e aptos a dar aula em certa disciplina, estes profissionais lidarão diretamente com a construção de sujeitos sociais.

Daí a possibilidade de um olhar crítico e necessário de compreender as possibilidades da vida digna e com direito de ser diversa e necessária da diferença, da existência do eu e do outro. Compreender quais os interesses de silenciamento e mecanismos de exclusão continuam operantes e reproduzindo formas de vida que não contemplam e nem dignificam as possibilidades da atualidade.

Com base nos dados, podemos inferir que sujeitos LGBT se constituem dentro de um currículo opressor e excludente. O que levantam marcas na constituição de vida dos mesmos, que pode levar a continuidade de marcar locais e identidades ou a posturas que visem a resistências e a questionamentos, frente as verdades postas como mecanismos de se constituir socialmente.

Portanto, esta pesquisa se inicia na vivência de sete professores homossexuais, está longe de se reduzir a conclusão de que todos homossexuais homens venham a possuir as mesmas vivências, ou que as mesmas possam ser ditas de mulheres homossexuais, ou até mesmos de pessoas transexuais que atuem como profissionais da educação.

A realização da pesquisa parte de uma vivência individual, minha, enquanto marcada por uma identidade claramente homossexual e que questione os modelos binários de masculino e feminino; e se encontra com vivências concretas de sete distintas identidades que relatam a necessidade de se desconstruir e ressignificar o espaço escola distante do modelo da garantia da sexualidade “normal”. (LOURO, 2014).

A possibilidade deste se refazer e repensar pode se apresentar com atenção a formação inicial dos professores e professoras que irão atuar no cotidiano da

formação de novos sujeitos, para que os mesmos tenham de fato contato com materiais que se apresentem como o PCN de orientação sexual, que apesar de antigo não silencia e nem ignora a existência de gênero e sexualidade em atuação na constituição da escola.

Assim como se reconhece a necessidade da existência das problematizações em formações continuadas, não somente para compreender a realidade da diversidade de gênero, identidade de gênero e sexualidade, mas também para estarem preparados diante de questões emergentes e que não se há mais a possibilidade de silenciar e continuar demarcando locais na exclusão, como afirmam os participantes, não tem como voltar para o armário.

Nos performamos em gênero, nos expressamos por nossas identidades de gênero e nos envolvemos por sexualidades. Cabe compreender e remover o silêncio da escola sobre o reconhecimento destas possibilidades, pois a pluralidade da vida não se enquadra mais em conceitos binários, não se silencia e não se ignora, marcando locais como o passado costumava fazer. Visibilidade e representatividade operam como ferramentas contra as discriminações e preconceitos, pois no contexto atual, estas posturas se apresentam como as resistências da dignificação das diferentes sexualidades, da desmistificação de gênero e identidades de gênero como iguais, como a missão de construir o Ser pelo que se é: diferente e diverso.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia, ciência e profissão**, v. 26, n. 2, p. 222–245, 2006.

AMORIM, Aline Diniz de; FERNANDES, Maria José da Silva. A prática docente e a construção da identidade profissional do professor. In: Congresso Nacional de Educação. 8., 2017, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Educere. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23490_13836.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2018.

APUFPR, Associação dos Professores da Universidade Federal do Paraná. **Conselho Nacional de Educação retira gênero e orientação sexual da BNCC**. 2017. Disponível em: <<https://apufpr.org.br/2017/12/14/conselho-nacional-de-educacao-retira-genero-e-orientacao-sexual-da-bncc/>>. Acesso em: 8 jan. 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70 Lda., Lisboa, 2002.

BERTUCCI, Janete L. O. Metodologia. In: Janete L. Bertucci. **Metodologia básica para elaboração de trabalhos de conclusão de cursos (TCC)**: ênfase na elaboração de TCC de pós-graduação Lato Sensu. São Paulo: Atlas, 2014.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Orientação Sexual. In: Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF. p. 287 – 338. 1998.

CARVALHO, Cristiana Pereira; PINHEIRO, Maria do Rosário Moura; MARTINS, Daniela Lopes; SIMÕES, Ana Filipa; MACEIRAS, Maria de Jesus. Atitudes face à homossexualidade: uma proposta de avaliação para a intervenção socioeducativa. **Itinerarius Reflections**, v. 13, n. 2, p. 1-22. 2017.

CHIZZOTTI, Antonio. Análise de conteúdo, análise de narrativa, análise de discurso. In: Antonio Chizzotti. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, p. 113 – 135. 2014.

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa. In: Antonio Chizzotti. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, p. 17 – 33. 2014.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 14. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999. p. 51-66.

ETTRICH, Debóra da Gama. **Construção das identidades de gênero e sexual no ambiente escolar**: percepções, práticas pedagógicas e resolução de conflitos. 2019. 79 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, PUCRS. Rio Grande do Sul, 2019.

FARIA, Adriana Horta de; OLIVEIRA, Leonardo Alves de; GONÇALVES, Josiane Peres. (Re)Pensando gênero: posições da sociedade frente a esse conceito. In: Josiane Peres Gonçalves. **Tempo, gênero e prática docente**: refletindo o trabalho

de professores homens no magistério. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, p.169-185. 2016.

FERRARI, Anderson. Sexualidades, masculinidades, orientação sexual. In: Xavier FILHA, Constantina (Org.). **Sexualidades, gênero e diferenças na educação das infâncias**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS. p. 117 – 131. 2012.

FREIRE, Paulo. Denúncia, anúncio, profecia, utopia e sonho. In: Paulo Freire. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, p. 54-61. 2000.

FREIRE, Paulo. Educação e esperança. In: Paulo Freire. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, p. 51-54. 2000.

FREIRE, Paulo. Ensinar exige estética e ética. In: Paulo Freire. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 57. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018, p. 34-35.

FREIRE, Paulo. Ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando. In: Paulo Freire. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 57. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018, p. 58-60.

FREIRE, Paulo. O papel educativo das igrejas na América Latina. In: Paulo Freire. **Ação cultural para a liberdade: e outros escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1981, p. 95-114.

FREIRE, Paulo. Segunda carta: do direito e dever de mudar o mundo. In: Paulo Freire. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 26-31.

FREITAS, Fabrício Monte; SILVA, João Alberto da; LEITE, Maria Cecília Lorea. Diretrizes invisíveis e regras distributivas nas políticas curriculares da nova BNCC. **Currículo sem fronteiras**, v. 18, n. 3, p. 857 – 870, set./ dez. 2018.

FREIRE, Paulo. Seminário “Educação e justiça social: um diálogo com Paulo Freire”. In: Paulo Freire; Ana Maria Araújo Freire; Walter Ferreira de Oliveira. **Pedagogia da solidariedade**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014, p. 21-40.

GONÇALVES, Josiane. Representações de homens do magistério sobre homens no magistério. **Revista de estudios e investigación en psicología y educación**. UDC/ Uminho, v. 4, n. 1, p. 1–9, 2017.

VEJA resolução de questão do Enem que aborda status do pajubá como ‘dialeto secreto’ dos gay e travestis. **G1**, 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/enem/2018/noticia/2018/11/05/veja-resolucao-de-questao-do-enem-que-aborda-status-do-pajuba-como-dialeto-secreto-dos-gays-e-travestis.ghtml>>. Acesso em: 14, jan. 2020.

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina editora, p. 9-16, 2014.

HALL, Stuart. Nascimento e morte do sujeito moderno. In: Stuart Hall. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2014, p. 17-28.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Cotidiano escolar, heteronormatividade e homofobia: por uma ampliação dos horizontes pedagógicos, ou quem tem medo de novos olhares na escola? In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). **Sexualidades, gênero e diferenças na educação das infâncias**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS. p. 59 - 88. 2012.

KAHHALE, Edna Maria Peters. Subsídios para reflexão sobre sexualidade na adolescência. In: Agnes Mercês Bahia Bock; Maria da Graça Marchina Gonçalves; Odair Furtado. **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva em psicologia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

KERN, Francisco A.; SILVA, Andre Luiz da. A homossexualidade de frente pro espelho. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 40, n. 4, p. 508-515, 2009.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola**. 1. ed. São Paulo Editora reviravolta, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. "Currículo, gênero e sexualidade: o 'normal', o 'diferente' e o 'excêntrico'". In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 41-52.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 7 - 45.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 11- 29.

MOLINA, Luana; FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Professores homossexuais: suas vivências frente à comunidade escolar. **Revista Ibero-Americana de estudos em educação**, São Paulo, v.7, n.2. p. 58-77, 2012.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Estado do conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v.5, n.2, jul.-dez., 2014. , p. 154 – 164.

MOVIMENTO pela base nacional. **A construção da BNCC**. 2017. Disponível em: <<http://movimentopelabase.org.br/a-construcao-da-bncc/>>. Acesso em: 8 jan. 2019.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. O gênero na crise da cultura dominante e na emergência de um novo paradigma civilizacional. In: BOFF, Leonardo; MURARO, Rose Marie. **Feminino e masculino**: uma nova consciência para o encontro das diferenças. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2002. p. 17-28.

NEMI NETO, João. Questões de identidade(s) de gênero(s) e orientação sexual: uma abordagem através da pedagogia *queer*. **Revista espaço acadêmico**, v.14, n.168, p. 27-34. maio. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/27365/14610>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José. **Diferenças, igualdade**. Campinas: Berlendis, 2009, p. 116-150.

REIS, Toni. Diversidade sexual, educação e estado da arte: definições. In: REIS, Toni. **Homofobia no ambiente escolar**: o silêncio está gritando. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2015. p. 27 – 35.

REIS, Toni. Percepção da reação da família de estudantes LGBT. In: REIS, Toni. **Homofobia no ambiente escolar**: o silêncio está gritando. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2015. p. 230 – 239.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, jul.-dez. p. 71-99, 1995.

SILVA, Sandro Groski. Considerações finais. In: SILVA, Sandro Gorski. Direitos humanos LGBTI: história, conquistas e desafios. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018. p. 157 – 162.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 73-113. 2014.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Direitos humanos e diversidade sexual na escola: homofobia, trabalho docente e cotidiano escolar. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caixias do Sul, v. 20, n. especial, p. 198-220, 2015.

SOUZA, Érica Renata de. Marcadores sociais da diferença e infância: relações de poder no contexto escolar. **Cadernos Pagu**, v. 26, janeiro-junho, p.169-199, 2006.

SOUZA, Jane Felipe de. Relações de gênero: construindo feminilidades e masculinidades na cultura. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.) **Sexualidades, gênero e diferenças na educação das infâncias**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2012, p. 217-227.

XAVIER FILHA, Constantina. Família, famílias... representações e práticas educativas. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). **Sexualidades, gênero e**

diferenças na educação das infâncias. Campo Grande, MS: Ed. UFMS. p. 313 - 334.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

1. Este documento oficializa o consentimento de sua participação na pesquisa de Mestrado em Educação do programa de Pós-Graduação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, com o título provisório: **“DIVERSIDADE E EXPERIÊNCIA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE PROFESSORES HOMOSSEXUAIS E SUAS PRÁTICAS DOCENTE”**.
2. Sua experiência durante o ensino básico, sendo pessoa homossexual, é o motivo deste convite e sua participação não é obrigatória.
3. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento.
4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.
5. Essa pesquisa tem como objetivo compreender questões que envolvem os processos e as relações de gênero, identidade de gênero e orientação sexual, vivenciados por professores homossexuais em suas práticas docente no processo de mediação do ensino.
6. Sua colaboração consistirá em participar com uma entrevista gravada em aparelho portátil, visando o alcance do objetivo descrito anteriormente.
7. Os riscos de sua participação na pesquisa podem surgir mediante algum desconforto originado durante a entrevista ao recordar alguma memória.
8. Sua participação não envolve gastos ou pagamentos de qualquer natureza.
9. Os benefícios relacionados com sua participação tem origem em sua experiência existencial como possibilidade para fomento para esta pesquisa sobre a relação da Educação e a homossexualidade.
10. O depoimento, dado em entrevista, poderá ser utilizado para publicações em eventos científicos, livros, websites e periódicos relacionados com Educação.
11. Seu nome será mantido em sigilo, de forma a proteger sua identidade, razão pela qual no decorrer da pesquisa se opta por utilizar um pseudônimo que será apresentado quando for feita alguma referência à suas contribuições para com a pesquisa.
12. Este termo de consentimento será feito em duas vias – sendo uma delas destinada a você, com o telefone e RGA do pesquisador, assim como o nome e telefone profissional da professora orientadora deste trabalho, para que você possa contatar a qualquer momento a fim de tirar dúvidas sobre a pesquisa e sobre sua participação.
13. Caso seja de seu interesse obter mais informações de diretrizes de sua colaboração com esta pesquisa, entrar em contato com o Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da UFMS através do telefone: (67) 3345-7187.

Marllon Caceres Gonçalves
 RGA: 201800013
 marllon.caceres@gmail.com
 (67) 98100-2450
 Educação/PPGEDU/UFMS
 Cidade Universitária – Cx. Postal 549
 Campo Grande – MS, CEP: 79070-900

Profª. Drª. Josiane Peres Gonçalves
 Telefone (Secretaria): (67) 3345-7616/ 3345- 7617

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação nesta pesquisa e concordo em colaborar.

_____, ____ de _____ de 2019

Nome da/o participante: _____
 Documento de Identidade: _____ Telefone: _____
 E-mail: _____



APÊNDICE B – PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO

De: Marllon Caceres Gonçalves sob orientação de Josiane Peres Gonçalves.
UFMS/ Câmpus de Campo Grande – MS.
À Secretaria de Educação de Campo Grande – MS.

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO

Campo Grande – MS, _____ de _____ de 2019.

Solicitamos **autorização** para o desenvolvimento de uma pesquisa de campo, mediante realização de entrevistas individualizadas, referente ao Projeto de Pesquisa de Mestrado em Educação intitulado **Diversidade e experiência: uma investigação sobre professores homossexuais e suas práticas docente** de autoria de Marllon Caceres Gonçalves sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Josiane Peres Gonçalves.

As entrevistas integrarão e serão suporte de dados para elaboração da dissertação de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação, nível de mestrado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

O objetivo da pesquisa é investigar sobre gênero, identidade de gênero e orientação sexual na prática docente, tendo por base a experiências preconceituosas, ou não, contra homens homossexuais que exerçam a profissão em escolas públicas. Para que, através da vivência dos professores colaboradores, aja a possibilidade de compreender como se estrutura os possíveis preconceitos em relação à homossexualidade na prática docente, refletindo sobre suas origens, as práticas que validam a manutenção dessa discriminação e as consequências dessas experiências.

Atenciosamente,

Marllon Caceres Gonçalves
RGA: 201800013
marllon.caceres@gmail.com
(67) 98100-2450
Educação/PPGEDU/UFMS
Cidade Universitária – Cx. Postal 549
Campo Grande – MS, CEP: 79070-900

Prof^a. Dr^a. Josiane Peres Gonçalves
Telefone (Secretaria): (67) 3345-7616/ 3345- 7617

Ciente:
Campo Grande – MS, _____/_____/_____

Secretaria de Educação de Campo Grande/MS

APÊNDICE C – ROTEIRO SEMIESTRUTURADO

Roteiro de questões para entrevista:

1. A comunidade escolar sabe sua orientação sexual? Sim ou não, comente sobre:
2. Em sua opinião, como são as relações de gênero, identidade de gênero e orientação sexual que acontecem dentro do espaço escolar?
3. E sobre sua vivência enquanto homem, professor e homossexual, como ela se desenvolve, há discriminação, preconceitos ou não?
4. E a vivência com os alunos, como eles reagem à presença de um professor homoafetivo?
5. E qual o posicionamento da escola enquanto a sua presença no corpo docente?
6. E a relação com pais e/ou responsáveis?
7. E para além do espaço escolar, como se dá sua vivência enquanto Ser homossexual?
8. Para você, o contato com docentes de gêneros diferentes, sexualidades diferentes teria importância para se conviver com a diversidade?
9. Para além do que já foi explicitado, deseja acrescentar mais alguma coisa?

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA DO PROFESSOR AMARELO

Entrevista professor Amarelo:

Pesquisador: É... A pergunta que inicia todas as entrevistas é... se as comunidades escolares que você trabalhava, elas sabiam da sua orientação sexual se sim ou não e se sim ou não porque que elas sabiam...

Amarelo: Tá... é... trabalhei então em algumas escolas públicas e algumas escolas privadas. Nas escolas públicas, é... elas tinham conhecimento, não de maneira aberta, no momento em que eu chegasse eu dizia: olha eu sou gay e vim dar aula aqui. Mas ao longo desse processo elas... a gente ia tendo algumas conversas, com alguns colegas, coma ges... equipe gestora e acabava ficando claro isso. (1) Nas particulares não, elas... as que eu trabalhei sempre exigiam posturas imparciais dos professores então nós não podíamos... é... nem manifestar se éramos casados, com quem éramos casados, se eram com homens, mulheres ou o que for, então nessas particulares não se tinha essa liberdade pra falar. (2)

Pesquisador: A sim, e na sua opinião como que aconteciam as relações de gênero, de identidade de gênero e de orientação sexual nesses espaços escolares que você trabalhava?

Amarelo: É... com relação a professores ou aos alunos?

Pesquisador: A comunidade em si, a escola como um todo...

Amarelo: Tá... bom nas particulares então com eu falei não tinha essa abertura, né? As escolas particulares tinha um pouco de preconceito até, então eles acabavam velando quando isso... nos alunos era frequente eles acabavam também velando no próprio aluno e nos docentes isso não podia acontecer. (3) Então a gente acabava não dizendo... é... muito. Nas públicas de todas as que eu passei, todas eu fui muito bem aceito e as questões foram muito bem trabalhadas... é... na última em que eu estive teve um projeto, pra lidar com isso... pra... pra mostrar essa diversidade pra esses alunos, para os alunos héteros e não héteros, vamos classificar assim, então era muito tranquilo, não tive nenhum problema ou nenhum embate com relação isso dentro das escolas em que eu trabalhei, do ramo público. (4)

Pesquisador: E quando alguma dessas escolas os prof... é... os alunos chegavam a descob... descobrir da sua orientação sexual, como é que acontecia esse processo, você tinha um diálogo aberto ou só ficava uma coisa implícita, como era?

Amarelo: Na última já tiveram, tiveram essa... essa descoberta, vamos dizer assim... é... mas os alunos como eles já vinham sendo preparados, a própria equipe pedagógica da escola tinha projetos que lidavam com diversidade, com raça, com gênero... eles não tiveram... não foi um impacto, né? Eles entenderam e simplesmente não... não teve muita alteração, em relação a esse... a esse trabalho. Uma ou outra ele saía desse contexto, partia pra uma ofensa, não direcionada, né? Falava num canto da sala, falava de um outro lado, mas sempre era repreendido por algum dos alunos. (5) Como essa... essa última escola era uma escola central, nós tínhamos um público muito grande de homossexuais, alunos e professores, então esse projeto que teve ao longo dos anos lá, dos últimos anos em que eu fiquei... foi importante pra isso, pra desmistificar essa cultura de preconceito e que foi sendo aceito realmente, foi... foi um projeto muito bom, desenvolvido. (6)

Pesquisador: E como que era a relação daí, já que nessa escola que tinha professores e alunos que eram homoafetivos, era umas... eles procuravam os professores pra algumas questões ou era mais distante esse contato?

Amarelo: Não, era muito próximo, né? Era muito íntimo porque... até porque parte deles estavam na... no primeiro ano do ensino médio, então eles tavam é... se reconhecendo, é... buscando a sua identidade então eles iam perguntar muito pra... pra esses professores e até para professores não homossexuais, o que eles podiam fazer, o que que eles deveriam fazer, qual era o posicionamento em que eles tinham que tomar. Porque eles viam é... a família não dava esse apoio, não dava essas respostas à eles e eles acabavam encontrando na escola que tinha essa abertura pra poder desenvolver esse trabalho, eles encontravam na escola essa forma de... é, de apoio. (7)

Pesquisador: E... na escola... nas particulares que você disse como que acontecia esse processo de abafar a sexualidade dos alunos?

Amarelo: Bom, geralmente quando algum aluno apresentava... como eles diziam assim alguma anomalia, que eu já ouvi muito porque eu fiquei como assessor de

coordenação... é, eles chamavam os pais, eles contavam pro pai o que tava acontecendo e pediam pra que o pai segurasse o filho, era bem... era uma conversa bem franca. (8) E aí geralmente o pai... am... punia, coagia, batia no filho. Como nós já ouvimos várias vezes do pai dizer que ia levar uma surra quando chegasse em casa... é... alguns discursos do tipo: “Ah! Não coordenadora, diretora, chegando em casa ele vai virar homem ou ela vai virar mulher.”(9) E, enfim, né? A gente sabia que possivelmente aconteceria alguma violência ali, mas o tratamento da escola era esse, era comunicar a família e solicitar pra família que tentasse controla-lo se é que existe isso e eu acredito que não.(10) É pra que não motivasse os demais ou que não, não, não... fosse... am... como é que eu vou dizer? Não fosse vexatório, pro próprio aluno, né? Algumas escolas particulares pensavam nesse aluno, mas acabavam proibindo, acabavam retraindo ele pra falar “olha é pro seu bem.”, de uma maneira velada ficava isso, né? Vou retraindo você porque é pro seu bem, pra você não sofrer as... os preconceitos da comunidade hétero que têm aqui na escola e como eram escolas que ofereciam ensino fundamental, ensino médio, no ensino médio isso era muito atenuado.(11) Nós tivemos casos até numa das, numa das particulares de uma tentativa de suicídio de um dos alunos porque o pai foi tentando trancá-lo num... num espaço que não era dele, num, num mundo que não era dele e ele acabou tendo algumas questões psiquiátricas muito fortes, alguns problemas psiquiátricos muito fortes e um dia, ele ficou um mês sem aparecer na escola porque ele tentou suicídio e tava internado em tratamento.(12)

Pesquisador: E as relações com as equipes de... o corpo docente, equipe pedagógica, dessas... desses dois ambientes que você frequentava... como eram?

Amarelo: Bom... nas públicas como nós tínhamos colegas... é... também homossexuais, era bacana porque a gente trocava... era uma troca muito importante até com os héteros... am... não tinha nenhum problema, né? Era tudo muito num grau de respeito.(13) Nas particulares nós não tínhamos essa liberdade de conversar com o colega, é... de tomar café com o colega, até porque a sala de professores não tinha esse objetivo.(14) Enquanto na pública tinha uma mesa com café, às vezes nós fazíamos lanches coletivos antes do começo da aula, a gente conseguia conversar além das questões pedagógicas. Na particular não podia, então nós conversávamos às vezes sobre um aluno, sobre uma turma, sobre uma

avaliação a ser aplicada quando o colega era da mesma... da mesma área e não chegava-se a ir além disso.

Pesquisador: E nas relações com os pais dos... e os responsáveis pelos alunos, quando eles chegavam a descobrir que na escola tinha um professor homossexual, como que acontecia esse contato?

Amarelo: Na escola pública, é... a gente não tinha contato com o pai (risos), porque o pai geralmente não vai, né? A escola, então, as que iam... as mães que iam nunca demonstraram nenhuma apatia ou nenhuma empatia, simplesmente elas iam, é... elas iam, ouviam o que tinha pra ouvir e iam embora.(15) Nas particulares eu nunca participei de nenhuma reunião pedagógica, porque geralmente as reuniões pedagógicas, não sei foi... se sorte ou talvez dia, um dia certo ou dia que não... que não era minha vez de ir pra escola, eu nunca consegui estar nas reuniões pedagógicas, então acontecia no segundo bimestre na terça e eu não tinha aula na terça, no outro acontecia na quarta, mas aí o horário mudou e eu não dou aula na quarta, então assim... eu nunca... nesses anos de particular que eu acho que foram cinco, seis, eu nunca fui a nenhuma reunião porque eu não, não era meu dia de dar aula na escola.(16)

Pesquisador: Mas você já sofreu alguma discriminação, quanto a ser quem você é no espaço escolar ou nunca chegou a acontecer?

Amarelo: Já! No meu primeiro ano de sala de aula na escola pública, foi uma coisa muito grave, é... eu tomei posse no concurso, e aí fu... eu substitui uma professora que era convocada... am... de uma escola da periferia e a professora, como a escola era uma escola bastante marginalizada, a escola era um pouco esquecida pelo poder público e a professora de certa maneira ela deixava os alunos se conduzirem da maneira como, como eles bem entendiam. Então ela passava no quadro, uma atividade, um conteúdo, não, não tinha essa... esse vínculo com a docência e aí quando eu entrei já fui colocando numa rédea, não uma rédea fui colocando dentro de um... de um padrão que a escola realmente exige, explicava o conteúdo, pedir seminário, leitura de livros e num desses dias enquanto eu passava no quadro algumas orientações... Um dos alunos fazendo bagunça, eu pedi que ele se sentasse com toda a educação possível, é... ele me xingou e quando eu virei, eu, eu fingi que não ouvi, eu virei pro quadro pra continuar passando ele me deu uma

cadeirada nas costas e que ai eu fui repensando a minha carreira docente a partir dali, logo no... no primeiro ano, eu mudei de escola, fui pra uma outra, mas aquilo foi me fazendo muito mal, foi aí que eu resolvi me afastar do meu concurso e trabalhar em escolas privadas porque eu sabia que a pública era muito perigosa pra mim naquela época.(17)

Pesquisador: E ai isso mudou então o seu posicionamento docente por causa daquela situação...

Amarelo: Sim... mudou muito, é... até então eu tinha uma relação muito forte com os alunos, eu gostava de me envolver nas atividades dos alunos e a partir dali eu passei a ter mais essa relação profissional, eu sou o professor, eles são os alunos e a gente têm essa... a dinâmica é essa. Sem muita, é... sem muita intimidade do meu lado pro deles e nem a do deles pro meu.(18)

Pesquisador: E teve algum momento na sua carreira docente que esse postura chegou a mudar ou ela foi mantida até...

Amarelo: Quando eu fui pra essa última escola pública, que eu era convocado, porque era uma escola do poder público, mas de outra instância é... e que eu começo a receber esses alunos, que se identificavam homossexuais ou que estavam nesse processo de identificação, eu tive que mudar minha postura porque muitas vezes... é, na turma deles, eu era o único professor que conseguia compreendê-los... em virtude dos outros, a escola era muito grande, então eram vários professores, então eu acabei mudando um pouco, mas não 100%...(19) eu mudei muito depois que eu saí da educação básica e vim pro ensino superior, passei a estudar um pouco mais, a ler mais e aí consigo hoje mudar muitas vezes a minha postura, mas antes... até ir pra essa última escola em que eu trabalhei, não. Eu fui bastante sistemático com isso.

Pesquisador: E você acha que é importante à gente ter esses debates sobre gênero, identidade de gênero e orientação sexual nos espaços escolares e como fomento de disciplinas...

Amarelo: Muito, e é um debate que a gente não pode deixar somente pras aulas de ciências sociais, né? Pra filosofia, sociologia, pra história, são debates que têm que ocorrer em outras disciplinas(20) é... a gente sabe que a família ela acaba negando

muita coisa, a família acaba... tapando os olhos pra muitas realidades e é na escola que esses indivíduos buscam essas respostas, então a escola tem sim que dá esse suporte, tem sim que dá essa é... essa mão, deixa se fazer ouvir, porque há uma série de vozes que são caladas lá dentro, que eles não podem é... de maneira alguma, eles não podem na família, eles não podem na sociedade dizer o que eles têm a dizer e a escola acaba sendo esse palco.(21) Então têm que ter sim, não creio que uma disciplina ou como um... um item integrante do currículo fixo porque a gente tem uma outras prioridades, né? Dentro de uma... de uma perspectiva de currículo, de legislação e de política educacional, outras disciplinas têm que ganhar espaço. Mas como um tema transversal que já é proposto nos PCNs de 95, nas diretrizes curriculares, nas orientações curriculares isso tem que ser feito com frequência.(22) E até cito esse última escola que eu trabalhei porque ela criou um projeto, quando ela chegou num nível em que a... o preconceito, a violência tava muito grande em relação aos alunos héteros e não héteros, a escola teve que tomar essa postura e falar, não nós precisamos conversar sobre isso, os professores precisam conversar sobre isso e aí criou esse projeto. Que é o que eu... que eu acho interessante que outras escolas poderiam criar, porque aí é nesse diálogo que a gente vai abrindo não a cabeça, mas nós vamos abrindo a reflexão desses alunos ou de outros alunos que não se consideram que tenham essa xenofobia, essa aversão... ao grupo.(23)

Pesquisador: E com essa... essa abertura desse projeto nessa última escola, mudou o convívio da comunidade escolar, teve algum problema com os responsáveis ou teve alguma coisa na estrutura da escola...

Amarelo: Então, com relação à escola não teve alteração nenhuma, eu acho que os alunos passaram a ser mais receptivos, aos alunos homossexuais e a outras, né? Classificações de gênero, aos bissexuais, enfim aos próprios professores também, é... os que não eram, os professores héteros passaram a compreender um pouco melhor esses alunos.(24) Com relação às famílias eu creio que elas tenham... não tenham aceitado ou tenham um outro pensamento, mas fomentou nesses jovens uma maneira de lidar com a família, uma maneira de falar “olha, já que a família não me entende, eu preciso entender a minha família ou entender o porque que a minha família não me entende.” E isso eu acho que foi muito bom pra eles, até porque

talvez tenham se amenizado dores, se amenizado uma série de fatores que pra eles... é um problema.(25)

Pesquisador: E além dos espaços escolares, como que acontece a sua vivencia enquanto sujeito homossexual...

Amarelo: Bom fora dos espaços escolares, geralmente é... eu tenho ido muito pouco a eventos... am... do meio homossexual, até por... por falta de tempo, até por demanda de estudos. Mas eu tenho lido muitas coisas sobre, né? Nós vivemos num período em que nós temos uma ameaça, num vou mentir com relação ao governo, com relação aos nossos representantes, em relação à comunidade, ao grupo(26), então eu tenho lido muito sobre essas coisas e tenho lido algumas literaturas... am... de homossexuais, de transexuais que tem também se dedicado a isso, né? Eu participei recentemente de uma banca, é... de um aluno, de um aluno transexual e que ele faz uma análise dos transexuais, ele fez psicologia e ele fez uma análise dos transexuais na nossa cidade, como ele se identificava, a identidade, a cultura, o que eles faziam então eu sempre... o meu... o que... o que eu faço fora acaba vinculando um pouco ao trabalho, porque a gente acaba sempre estudando depois que a gente vem pra universidade você tem que meio que forçado a estudar e eu passei a ler mais coisas sobre, passei a me inteirar mais sobre, até uma forma de me calçar, uma forma de ter... um... uma base caso ainda volte a ter um aluno que queira uma orientação, alguém que precise, tenho esse fundamento pra ajudar.(27)

Pesquisador: E você começou falando que acaba vinculando o trabalho com seu meio social, quando aconteceu de você ter sido agredido no primeiro ano do concurso a sua vida teve alguma alteração...

Amarelo: Eu fiquei seis meses de licença... médica... é, eu tive muito medo de voltar pra escola e ser agredido novamente, então eu fiquei esses seis meses de licença refletindo se realmente valia a pena eu voltar... pra sala de aula. Daquela escola ou de alguma outra, porque o que me vinha à cabeça foi, se nessa sala, se nessa escola eu não fui bem aceito eu poderia não ser aceito nas outras, mas depois eu fui fazendo alguns tratamentos, psicólogo, terapia, psiquiatra enfim... e foi, foi desmistificando tudo isso, eu fui... ampliando o pensamento e me fez voltar, mas aí, mesmo assim eu pretendia não ficar mais 100% na educação básica, eu fui já... eu fui desde ali pensando em estudar, fazer mestrado, doutorado pra poder ir aos

poucos indo pra educação superior e é o que eu fui fazendo até 2016 quando eu consegui me desvincular de verdade da educação básica.(28)

Pesquisador: É... e pra além do que já foi declarado ou perguntado tem alguma coisa que você queria acrescentar, algum tópico que ainda não foi comentado, alguma vivencia que não foi lembrada...

Amarelo: Não, acho que o que é muito interessante assim, que acho que é comum a todo mundo, é que nós quando vamos... passamos por esses processo de vida, a gente sempre tem esses *bullyings*, né? Desde o começo e... a... a ser agredido na escola não foi a primeira vez, foi dizer assim, eu já fui agredido como aluno, verbalmente e psicologicamente por todo uma vida. Então acho que muitos de nós acabamos estudando ou dedicando mais os a fazeres em virtude a isso, né? a... de certa maneira a querer mostrar pra sociedade que nós temos aquela competência que muitos acreditam que nós não temos.(29) Então é meio que uma luta constante você... você tentar ser quem você é em qualquer meio, ainda bem que na universidade eu... A gente não tem esse problema, acho que é um público um pouco mais, esclarecido, mas ainda na educação básica nós temos, de maneira velada, ainda várias crianças são “bullyinadas”, vários jovens, adolescentes sofrem vários tipos de violência e é uma coisa que nós precisamos ficar um pouco mais atentos.(30)

Pesquisador: Então acho que é isso... obrigado por ter...

Amarelo: Eu que agradeço! Espero que contribua...

APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA DO PROFESSOR ANIL

Entrevista professor Anil:

Pesquisador: A primeira pergunta é... Se nas escolas que você trabalha, se for mais de uma ou só uma, se elas sabem da sua orientação sexual e se sim ou não, o porquê elas sabem sim ou não.

Anil: A escola da manhã sabe. É uma escola municipal e eles sabem, eles não sabem pela minha boca, mas eles sabem pelos comentários dos alunos do oitavo, nono ano que alguns me têm na... Têm... Eu tenho na rede social e tal, Facebook e o instagram que eles me seguem e ai eles acabaram descobrindo. E é de boa, é bem tranquilo! Com os maiores, mas eu não dou aula pros maiores, eu só dou aula pros menores. Na escola da tarde ninguém sabe.(1)

Pesquisador: E o posicionamento deles ao saber, seria desconfortável?

Anil: Então. Como eu dou aula pros menores, eu dou aula pro primeiro ano, pro segundo e pro terceiro eles tem tipo seis, sete anos e tal... E ai fica um pouco desconfortável, porque os pais... O problema não é nem a criança às vezes, o problema é a família, sabe? Eu vejo como o maior problema geralmente é a família.(2)

Pesquisador: E no espaço da escola, como é que você vê que acontecem essas relações de gênero, das identidades de gênero, das sexualidades...

Anil: Eu acho muito engraçado comparar na minha época da escola e comparar hoje em dia, é... A molecada de hoje em dia tem... Tem... Tem mais expressão sabe? Eles dão à cara a tapa, eles se defendem(3), eles vão... É... Eu lembro que na época da escola meu apelido era “gay”, todo mundo me chamava de “gay”, eu chorava. Ficava super mal, sabe?(4) E ah!... Os gays de hoje em dia não, eu não trabalho com... Eu não tenho contato direto com eles, mas eu vejo as histórias do oitavo, nono ano, do sétimo também, como eles são empoderados, sabe? E tal, é bem bacana ver.(5)

Pesquisador: E no mais nas escolas que você trabalha tem muito essas relações de *bullying* entre os alunos?

Anil: É... Eu trabalho com os menores, eu não percebo tanto, mas entre os grandes, pelos discursos, dos meus amigos, falam que não rola tanto assim não. Rola, mas hoje em dia eles se defendem, sabe?(6) E tal... Eu lembro que na minha época era mais difícil, as pessoas me zoavam e tal... E eu ficava quieto, ficava meio oprimido, ficava na minha, chorava e tal... Mas hoje em dia a criançada é totalmente diferente.(7)

Pesquisador: E na... Nas suas relações com os outros colegas de trabalho, com a equipe pedagógica... Tem uma escola que eles sabem da sua orientação e tem uma escola que não, como é essas relações?

Anil: Na escola da manhã todo mundo sabe. Que eu não converso abertamente com todo mundo, eu não converso abertamente com os... Com os orientadores, com a direção, mas eu converso com todos os professores e eles aceitam isso numa boa, super tranquilo eles defendem e tal... Às vezes rola umas discussões assim onde todo mundo defende e ninguém tem preconceito. Acho bem bacana, na escola da manhã!(8) Na escola da tarde, é uma escola um pouco mais conservadora, então eu fico um pouco mais assim, me seguro um pouco mais pra contar... Porque às vezes eu ouço alguns comentários preconceituosos e tal... Sabe? Eu prefiro ficar na minha e... E tal.(9) Mas assim, de manhã é super tranquilo.

Pesquisador: Que tipo de comentários que rolam nas escolas...

Anil: Ah... Sempre falam assim: “Ah! Vocês já viram o jeitinho daquele aluno lá da série tal?”, ai fala e debocha ou fala de algumas meninas também. Isso eu vejo esses deboches dos professores que trabalham no integral, eu não tenho contato com a galera do integral, então eu não tenho coragem de conversar sabe? Tipo assim é a opinião do integral, eu tenho bem pouco contato com o integral e ai... Tipo assim, a opinião deles fica com eles, mas seria diferente se fosse na da manhã, porque na da manhã eu já trabalho lá há cinco anos, eu já tenho uma certa intimidade com os professores, então é muito mais fácil você dialogar com quem você tem contato e tal, do que com a galera da tarde que eu não tenho contato nenhum.(10)

Pesquisador: E com relação aos pais e responsáveis pelas crianças, já teve algum problema, você já vivenciou alguma coisa do tipo...

Anil: Não, nunca aconteceu nada com os pais, com os alunos não.(11)

Pesquisador: Mas eles são as maiores repressões possíveis?

Anil: Sim, sim eu sei que alguns pais veem problema sim. É... Nunca aconteceu comigo, mas assim, já... Já via alguma... Já vi professoras falando coisas, sabe? Eu lembro uma vez que eu tava com um aluno no segundo ano, eu dava aula de arte, aí a professora ficava falando dele o tempo todo, não deixava os outros meninos ficarem encostando nele... Porque criança gosta de se abraçar, ficar se tocando e ela não deixava os meninos chegarem rente... Sei lá, os alunos não chegavam perto dele, sabe? E aí, às vezes eu falava alguma coisa pra ela... Que ele era criança, que isso não tava formado ainda, que era... Que era... Que ele ia descobrir isso quando ficasse mais velho e tal, e que não tinha sentido ela falar isso, mas mesmo assim, né? Ela sempre soltava umas coisas bem preconceituosas e tal...(12) É porque ela era muito religiosa, fervorosa assim, sabe? E aí é isso.

Pesquisador: E você acha importante ter essas pautas de gênero, identidade de gênero, orientação sexual nas escolas...

Anil: Acho extremamente importante... Assim... Eu não sei como seria lidar isso com os menores, porque eu sempre trabalhei com os menores do primeiro, segundo, terceiro ano, quarto... É... Acho difícil você ter um diálogo com os menores, né?(13) Porque assim, é... Antes de você ter um diálogo com o menor, esse diálogo tem que ter em casa, geralmente eles não têm em casa, aí se você fala qualquer coisa pra uma criança que tá no segundo ano e ela reproduzir aquilo num... Dentro do... É, reproduzir na casa dele e aí complica muito sabe? Você querer conversar com uma criança do segundo ano, por exemplo, sendo que o pai não quer que você tenha essa conversa, sabe?(14) Eu olho esse... Esse impasse, eu vejo que a maioria das professoras não falam justamente por causa da família, sabe? Mas, aí com os alunos maiores fica super tranquilo falar, oitavo, nono ano, sabe? Dá pra você ter um diálogo bacana e tal.(15)

Pesquisador: E agora com essa frente de não a ideologia de gênero... (silêncio por alguns segundos)

Pesquisador: E fora dos espaços escolares como que você vivência a sua identidade de gênero, sua sexualidade e tudo mais...

Anil: Então, eu só deixo isso restrito dentro do espaço escolar justamente porque eu faço... Porque eu trabalho com os menores, eu trabalho com segundo ano, com terceiro e dentro da escola eu tento não comentar e tal(16), mas fora do... Do espaço escolar, eu falo pra todo mundo, todo mundo sabe, todo mundo me respeita, não rola preconceito da parte de ninguém, pelo menos assim, na minha frente. Toda minha família é tranquila, sabe? Todos os meus amigos também é bem de boa.(17)

Pesquisador: Para além do que já foi dito aqui, você tem mais alguma coisa pra contar, alguma coisa que você quer comentar...

Anil: Não, só se você tiver alguma coisa bem específica assim...

Pesquisador: Então é isso... obrigado!

APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA DO PROFESSOR AZUL

Entrevista professor Azul:

Pesquisador: A primeira pergunta é... Se a escola que você trabalha, se eles sabem da sua orientação sexual sim ou não? E se sim ou não o porquê do posicionamento?

Azul: Por que que eles sabem?

Pesquisador: Ou o porquê que eles não sabem...

Azul: Sabem... Mas assim a escola que eu dou aula, é uma escola que eu fui aluno, né?(1) Então, quando eu tava na época da escola, no ensino médio principalmente, eu fiquei muito amigo dos professores porque eu acho que era uma profissão que eu acho que já tinha meio que em mente que eu queria ter, né? E eu tinha mais afinidade por biologia e tal... então foi por isso que eu segui essa área, mas assim... eu... eles já... não, não sabiam porque nem eu meio que sabia de mim mesmo nessa época, né? Eu fui me descobri mesmo na época que eu comecei a entrar na faculdade... que na verdade eu passei pelo processo de me aceitar, né? Porque eu tinha também isso na cabeça de que eu não... não queria ser gay, né?(2) E aí... mas foi... e aí... quando eu voltei pra escola, na época do meu último ano de faculdade foi... em 2017, eu fui fazer o estágio obrigatório e daí eu escolhi a escola que eu fui aluno, claro, né? Porque eu já conhecia os professores, então já tinha aquela questão, né? E aí por eu ter essa... essa... esse vínculo com os professores acho que foi mais fácil, né? De... não que... nunca precisei na verdade chegar pra eles e falar, né? Porque eles meio que já descobriram também, né? Mas assim... eles sabem, porque... assim na escola que eu trabalho por exemplo tem um outro professor que é homossexual, aí o pessoal vive assim... é... incitando a gente a ficar junto porque a gente é muito amigo, sabe? E aí o pessoal vê a gente como... que mais que só amigo, então na minha cabeça eu acho que eles aceitam bem isso, né?

Pesquisador: E como que você vê as relações de gênero, identidade de gênero e de orientação sexual acontecendo no espaço da escola que você trabalha?

Azul: Com todo mundo?

Pesquisador: Isso...

Azul: Incluindo os alunos e os...

Pesquisador: Isso...

Azul: Entre os professores é praticamente nulo, né? Esse debate, porque não é uma coisa que, né? Chega na sala dos professores e vamo fala sobre gênero... (3) O pessoal quer comer, quer falar sobre como foi o final de semana... assim, com os alunos pelo menos na minha disciplina assim... é pouc... não é que é complicado... mas assim.... eu consigo trabalhar quando eu escuto eles falando alguma coisa, eu tento interferir e tentar esclarecer algumas dúvidas deles, tipo deixa eu tentar lembrar um exemplo... é... quando entra muito nessa questão da discussão biológica sobre a homossexualidade, se é uma coisa biológica ou... ou se não é... eu esclareço um... a gente tava falando uma vez sobre evolução e tal e eu comentei assim pra eles que todo... a... a biologia ela se... se configura no impulso da reprodução, né? Então todos os seres vivos eles existem é... e eles existem com o objetivo de se reproduzir porque não faz sentido na natureza se você não deixam descendentes, né? Aí eles naturalmente já pensaram nessa questão , né? Mas e os gays, as lésbicas, né? Eles não vão deixam descendentes então não tem sentido? Aí eu falei não é que é uma coisa... que eu um desvio padrão que normalmente acontece na... nas... entre os indivíduos inclusive é... em espécies de aves é comum encontrar, por exemplo os pinguins é um bem comum de ter... entre os cães também é muito comum... então eu mostrei pra eles que é uma coisa natural, que acontece, né?(4) E a questão de gênero também, tipo assim a gente trata... muito assim na... como que eu vou dizer?... Hum... Eu lembro que já discuti isso com eles, mas eu não lembro como... qual foi a situação... a gente tava falando que... era uma questão sobre as mulheres ganharem menos, né? E aí um menino que é bolsominion inclusive (risos)... ele pegou e falou, né? Que as mulheres tinham que ganhar menos mesmo porque mulher é mais delicada, não trabalha braçal, por exemplo, o rendimento da mulher nem se compararia, né? E aí ele... eu tava com um outro professor de filosofia nesse momento na sala e a gente começou a falar sobre... a questão histórica, né? Envolvendo essa questão da revolução feminina e como a própria revolução feminina na verdade ela colocou a mulher num papel assim... até... é... que houve essa questão de ela ter liberdade do corpo, né? Mas na verdade

num... num... não teve de fato, né? A... a... na verdade... eu acho que me embananei tudo pra falar... eu falei o que você queria saber?

Pesquisador: Acho que sim... E com a relação com os alunos, eles sabem da sua sexualidade, não... os que sabem como que se dá?

Azul: É... eu nunca falei pra eles assim, né? Abertamente. Mas... mas eu acho que eles sabem assim, né? Por... eu acho que é uma coisa visível, mas assim... de chegar e falar pra eles assim... Eu sou gay, eu nunca cheguei... porque também a gente nunca teve esse... esse... essa discussão, né? Nunca precisou. Mas eu sou bem próximo dos alunos assim, eles gostam bastante de mim. Nunca tive problema.(5)

Pesquisador: E a relação com os outros professores...

Azul: Hum... A maioria as... a maioria é boa, mas por exemplo tem alguns professores que estão agora, porque eu faço parte do corpo de... de... de docentes que eles não me conheciam na época da graduação... da... da escola, né? Então... com alguns deles a gente tem um pouco de estranhamento assim, inclusive um que também é homossexual... porque as nossas ideias elas não... não se batem muito bem assim, porque ele acha que a pessoa sendo gay ela tem que se esconder, que você não pode beijar seu parceiro na frente de outra pessoa que é falta de respeito... e a minha cabeça é totalmente ao contrário, que a gente tem que ter os mesmo direitos, tem que fazer as mesmas coisas, né? E a gente acaba entrando em conflito com isso.(6) E tem dois professores, uma professora e um professor que eles são evangélicos, então essa questão da religião meio que acaba atrapalhando a nossa comunicação assim, sabe?... eu vejo que com todo mundo eles conseguem desenvolver mais as coisas, mas comigo meio que sempre tem aquele pé atrás pra conversar sobre certas coisas, né? Principalmente quando vai falar sobre... feminismo... é, comunismo... essas coisa que eu começo a me empolgar pra falar, eles já não gostam, sabe? Eles preferem ficar na deles assim... e eles me evitam assim, eu percebo isso.(7)

Pesquisador: Então só esses impasses que você teve de problemas na escola...

Azul: Por causa da minha sexualidade foi! Foi só isso...

Pesquisador: E a relação com os responsáveis dos alunos eles têm... você já chegou a ter algum problema por eles saberem que você é um professor homossexual...

Azul: Hum... Olha, assim... se teve ninguém nunca chegou pra mim e falou que eu tive... provavelmente alguém deve ter comentado que o pai, a mãe provavelmente não gostou... mas de chegar a ir na escola reclamar disso ninguém nunca foi não. Eles quase não vão pra escola, né?(8) Os pais é muito difícil... acho que de todos os meus alunos, de todas as turmas que eu tive eu conheci quatro pais e aí teve reuniões assim... tomo mê... todo semes... todo bimestre têm uma reunião, né? Então os pais tão ausente, né? Eles tão nem aí pra isso.

Pesquisador: E a sua vivencia fora da escola como que se dá a sua vivencia enquanto homossexual...

Azul: Em todos os aspectos?

Pesquisador: Aram...

Azul: É muito ampla essa pergunta, deixa eu pensar... por eu ser gay?... Bom com a minha família a minha relação é boa, é tranquila... eu tenho uma mãe que ele é muito é... assim... amiga, né? Ela conversa, desde muito pequeno ela sempre conversou sobre tudo comigo. E aí quando eu me assumi pra ela sempre foi... foi tranquilo... eu nunca me senti excluído por causa disso, apesar de ser... por ser uma pessoa mais antiga assim, a... as pessoa da minha família eles têm uma... umas coisas assim meio mais recatada, né? Em relação a isso, mas com eles eu não tive problema.(9) Com amigos... eu tenho muitos amigos, assim da época da faculdade ainda... assim a maioria é colega, mas eu tenho alguns amigos também... por causa disso não tem problema, muitos deles na verdade eu acabei conseguindo por causa disso... porque a gente... querendo ou não a gente tá mais ligado nessa questão de *meme* então, por exemplo na época da graduação, muita gente... é... começou a falar “lacro, arrasô” essas coisas porque eu falava na sala e eles achavam divertido e falava também, é... eu acho que é isso... com outras pessoas da pós-graduação também tranquilo, bem... bem de boa.

Pesquisador: Você nunca chegou a sofrer nenhuma discriminação, na vida assim...

Azul: Já. Na época do ensino médio, assim eu tinha bastante apelidinho... porque era uma época assim que eu num... eu não me aceitava, né? Então eu me ofendia muito, né? Com os apelidos que me... na época por exemplo... quando eu tava no nono ano eu acho, era época do *Big Brother* e tinha um participante que era o Jorginho, não se se você conhece? Não sabe? Depois você pesquisa que você vai saber quem é que é... e aí eu era... eles começaram a me chamar de Jorginho pra poder me provocar... e aí... nas aulas de educação física também, nunca me chamavam pra jogar bola essas coisas porque eles achavam que eu não ia querer... é eu num, num me sentia nem pertencente nem ao grupo dos meninos e nem das meninas então eu acabava sendo excluído por todo mundo da sala, né? Até os meus terce... segundo ano, que aí eu finalmente tinha um colega, que também hoje eu sei que ele é homossexual, mas na época eu não sabia, né? Mas a gente acabou se juntando, né? Na sala assim e foi a partir desse momento que eu tive amigo, mas assim, o resto da vida inteira assim... quando eu era criança sempre teve, ser discriminado, né? Pelas pessoas do grupo social em si, né?(10)

Pesquisador: E você acha que é importante ter esse... esses debates no espaço da escola....

Azul: Sim... porque as pessoas elas... elas não tem noção de que aquilo existe, né? Que é uma coisa normal e que... a pessoa na verdade eu acho que a gente tem que construir na cabeça dela... levar ela a chegar a isso, né? Que... se a pessoa não te fez nenhum mal porque que você vai odiar ela, né? Não faz sentido nenhum. Então acho que é muito importante... pela questão da visibilidade, né? Porque muita gente não é enxergada. E muitas vezes as pessoas também... Não... assim, ai é que nem eu se lá na minha infância, se eu tivesse uma noção de que tava tudo bem eu ser gay, que eu não teria problema, que existem outras pessoas como eu que eram felizes e eram... e tavam bem de vida, eu não teria medo de me aceitar, entendeu? Então eu acho que esse receio foi por causa que eu não tinha uma referência mesmo, você olha pra criança você não tem isso... agora que você tá começando a vê isso na... nas mídias... nas novelas, né? Nos *reality shows*, então eu acho importante à gente trabalhar isso.(11)

Pesquisador: E você falou da sua relação próxima com os alunos algum deles já chegou a procurar você pra falar sobre... sobre as questões, igual você não teve apoio....procurou você pra ter algum apoio ou não...

Azul: Sim... aram... Duas vezes... teve uma menina, que ela veio falar pra mim, mas não... não necessariamente sobre isso... ou foi? Foi sobre isso mesmo, ela veio falar pra mim que ela... ela desde o começo do ano, isso foi ano passado, desde o começo do ano ela tava... tentando... ser uma pessoa que ela não era e que ela achava que eu ia entender o que ela tinha pra falar e que ela precisava de ajuda pra poder tentar entender o que tava acontecendo na cabeça dela. E aí ela falou que ela... ela meio que se obrigava a fazer o que as amigas dela fazia, então ela tava no grupo de várias meninas que saíam, beijavam outros meninos e tal e que ela sentia que ela tava... ela usou uma palavra, como se ela tivesse fora do corpo dela, entendeu? E na hora eu percebi o que ela quis dizer, mas eu... eu ainda... eu tentei conversar com ela não no sentido de dizer “não eu acho que você é isso”, mas no sentido de... é... levar ela a procurar uma ajuda, né? Ou conversar com os pais ou conversar com outras pessoas que tão nesse meio pra às vezes ela se encontrar, né? É bem isso... e outro menino também, foi mais a mesma história, só que ele já chegou pra conversar comigo assim que... ele tinha um pai dele que era muito preconceituoso então, ele já... já sabia que ele era gay, mas ele não tinha como ele se expor nem pra os colegas da sala dele porque ele tinha medo dos... da família descobrir, mas que comigo ele falo... que era... ele achava importante, de ele ter eu professor... um professor assim porque ele falou que ele nunca tinha visto uma pessoa gay que era tipo bem sucedida assim, ele usou essa palavra na época, mas eu sei do que ele quis dizer, né? A gente não é bem sucedido assim...(12)

Pesquisador: Então isso seria importante ter a figura de um professor de uma situação diferente dentro da normatividade...

Azul: Em todos os lugares é importante você ter uma pessoa que... que seja diferente do padrão, né? Porque representa, né? Você... você... sei lá eu acho muito bonito você olhar pra um lugar e você pensar “caramba, podia ser eu né? Olha onde eu posso chegar.” E quando você não tem essa representatividade você nunca vai chegar lá... você nu... você não se sente motivado, né?(13) Não sei se essa é a palavra... certa.

Pesquisador: E pra além do que a gente... já te perguntei, você tem mais alguma coisa que você quer acrescentar... além do que você já falou...

Azul: Hum... não sei... você não tem mais alguma pergunta? (risos).

Pesquisador: No caso o roteiro foi atendido... ai se você quiser acrescentar mais alguma coisa que já te aconteceu, situação que você ficou sabendo pela escola...

Azul: Hum... a não sei, eu acho que é importante a gente levar os pais, né? Na verdade é muito difícil isso assim, essa questão da gente começar a discutir na escola ela é muito polêmica, né? Porque a gente tem todo uma geração que eu brinco, que eu falo que precisa morrer, pra essa mudança começar, né?(14) Que... a gente sabe que é possível mudar sim a cabeça de uma pessoa, né? Mas eu acho que vai demorar muito pra gente conseguir mexer nessa base do ensino médio, por exemplo, de trabalhar essas questões porque os pais são muito relutantes, né? E como eu te disse, os pais não sabe nada do que tá acontecendo na escola, mas de lá da casa deles eles querem se intrometer, mas eles não vão na escola pra saber o que realmente tá acontecendo, né?(15) Eu acho é... vai ser bem complicado, tem que começar dentro da casa da pessoa pra depois chegar na escola, porque ai a gente dá aula, né? A gente não é educador, quem educa é os pais, né? A gente faz um resquício tenta dá uma ajudinha... uma... uma mãozinha, mas educar mesmo, não é a gente que faz não, quem educa é os pais e o mundo, né?

Pesquisador: Acho que é isso...

APÊNDICE G – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA DO PROFESSOR LARANJA

Entrevista professor Laranja:

Pesquisador: A comunidade escolar onde você trabalha, eles sabem da sua orientação sexual, sim ou não? E se sim ou não porque de sim ou não...

Laranja: Saber diretamente não, mas... há cre... alguns profeso... os professores que trabalham lá sabem, a direção escolar sabe, porém os alunos não.(1)

Pesquisador: Os alunos não sabem da sua orientação, nem suspeitam...

Laranja: Suspeitam, suspeitam. Principalmente os mais do ensino médio, né? Os do fundamental nem tanto.(2)

Pesquisador: E na sua opinião como que acontece no espaço escolar as relações de gênero, identidade de gênero e orientação sexual? Como elas se desvelam nesses lugares...

Laranja: Olha é bem... respeitosa a situação, tanto que a direção ela trab... enfoca muito nessa questão de igualdade, equidade, de tratar todo mundo igual independente de gênero ou... outras diferenças. Então a gente tá tendo um trabalho lá bem eficiente... tá... e tá um clima agradável...(3) tá assim um clima, não tem nada assim demais.

Pesquisador: Você já teve alguma discriminação, preconceito, enquanto ser homem, um professor homossexual na sua vivência ou atuação...

Laranja: (pausa) Não... não. Porque assim, sempre... eu deixo muito claro, é... a questão do meu serviço ser eficiente e outra coisa... É, eu não chego falando questão da minha vida pessoal, de gênero, né? Eu sei que algo que vai sendo “descoberto”, né? Conforme o passar do tempo.(4)

Pesquisador: E os alunos que suspeitam, sobre sua sexualidade e como é a relação com eles...

Laranja: Super agradável... super agradável. Assim, algum deles até chegam a até fazer certas brincadeiras, mas assim... brincando na questão a respeito da questão

de gênero, porém elas são brincadeiras respeitadas, né? A gente... lida muito bem com isso daí. É bem tranquilo.(5)

Pesquisador: E a relação com outros professores e o corpo docente?

Laranja: Super, super aceitam! Super aceitam. É... inclusive assim, até alguns lá da escola também são, né? É... Homossexuais. E... assim, o grupo de professores é pequeno, então todos eles têm uma mentalidade também super aberta e eles super entendem isso e apoiam, e apoiam. Tanto é que eles trabalham isso com os alunos indiretamente, né? A cada aula.(6)

Pesquisador: E você acha que é importante ter essa... a presença de professores que estão diversos, quanto sexualidade, identidade e tudo mais?

Laranja: É importante. Na... que na realidade não que é importante, tem que ter. Um professor sendo homossexual ou não, ele tem que trabalhar. Eu não vou julgar o trabalho dele pela questão do gen... de gênero, eu vou julgar o trabalho dele pela sua competência.(7) E assim, não é o professor estando na escola que vai resolver os problemas ou que vai piorar os problemas. É o trabalho que esse grupo pedagógico faz com os alunos que vai mudar a realidade, né? Que vai mudar... que a importância... é muito do grupo pedagógico ali.(8)

Pesquisador: E você acha importante também que isso tenha na escola um espaço pra se debater as relações de gênero, de identidade de gênero e de orientação sexual?

Laranja: Sim.

Pesquisador: Mas como se dá essa importância... nesse momento você já tem, já se debate ou você acha que ainda falta alguma coisa...

Laranja: Hum... Tem, principalmente dentro da aula de ciências, né? Então... na minha aula de ciências quando pega aquela questão do sistema reprodutor, vai trabalhar o sistema genital, enfim... acaba vindo essas discussões e eu gosto de focar muito, eu trabalho também independente do... da série... eu trabalho também projetos paralelos de educação sexual e quando a gente acaba falando de educação sexual a gente acaba entrando nessa questão da homossexualidade, das questões de gênero, das diferenças de gênero que isso existe, né?(9) A gente

trás muito essas discussões, os professores de português da escola... assim, eu não acompanho muito o trabalho deles, mas eu vejo que eles trabalham muitos textos também que... que... que debatem isso, eles pegam aulas pra debater com os alunos a respeito das... das... dessas questões de gênero e ali surgem várias discussões, têm alguns alunos que são bem ferrenhos, bem assim... conservadores, né? A gente talvez não consiga mudar a cabeça desse aluno, pensamento deste aluno, porém a gente pode fazer o máximo que estiver ao nosso alcance, né?(10)

Pesquisador: E na questão dos pais destes alunos, vocês já tiveram algum impasse, por conta de ser uma escola que já é mais aberta a debater essas questões tabu pra sociedade...

Laranja: Olha, não... nós pelo menos... não tivemos nenhum problema que chegou até mim, que eu saiba não. Até porque os pais lá na escola eles são bem ausentes, é uma... é um grupo pequeno de pais que realmente participam da... do dia a dia escolar e esse pequeno grupo eles são assim super a... a... abertos, eles aceitam super bem essa questão.(11)

Pesquisador: E você já ouviu ou aconteceu com você, de algum aluno que tenha procurado para um suporte... ou você ficou sabendo de algum caso que o aluno foi procurar suporte para as questões de gênero, de sexualidade...

Laranja: Comigo não aconteceu, mas eu já tive um aluno ano retrasado e que... o caso dele era bem peculiar, o pai dele era militar, aquele extremamente conservador. O menino, ele estava no oitavo ano, com treze anos... ele começou a ir pra escola e antes de ir pra escola... ele ia nas coisas da mãe e pegava uma xuxinha, pegava uma tiara... daí começou a pegar as *leggings* da mãe pra ir pra escola, fazer aula de educação física... a escola entendeu isso, mas daí chegou um momento que ele começou a ir pra escola assim, com as roupas da mãe mesmo, tipo assim ele pegava escondia na mochila daí chegava na escola e trocava, daí começava a ir assim... assim, aquelas calça *legging pink* fluorescente, assim ou então calça de oncinha, de zebrinha... a direção daí entrevistou, não pela questão da opção de vestuário do aluno, mas pela questão de preservação dele a respeito dos demais colegas fazerem piadas diversas que estavam surgindo... o pai não aceitava, o pai achava aquilo um absurdo...(12) tanto é que o cabelo dele tava até meio grande, o pai dele chegou um dia a noite ele dormindo, cortou o cabelo dele e daí

ele chegou no outro dia na escola com um lenço assim coberto o cabelo, chorando que ele tava sem cabelo, enfim... um rolo, passou um... ele saiu da escola em 2016. Em 2017, em janeiro, eu vi ele. Cabelo longo, loiro quase platinado, roupa totalmente feminina, houve um trabalho... a psicóloga da escola ficou o ano de 2016 inteiro tentando convencer os pais, principalmente o pai, de que aquilo era algo normal que... que o pai precisava aceitar o seu filho, né? (pausa) Bom, até... quando chegou o fim do ano de 2016 nós não tivemos nenhum resultado, né? Porém, eu não sei o que aconteceu nas férias que teve uma reviravolta e o menino teve essa aceitação dos pais, né? Então, teve esse caso aí desse menino.

Pesquisador: E... para além do espaço escolar, como se dá a sua vivência enquanto sujeito homossexual...

Laranja: Complicada... complicada, viu? Eu falo... até esses dias eu tava conversando com uma colega, eu não tive nenhum problema assim... relevante a respeito da questão de ser homossexual, sabe? Ninguém nunca me falou nada, sempre... eu fui... eu acho, penso dessa maneira, eu respeito o espaço dos outros pra que em retorno eu espero ser respeitado também. Mas assim quando você vai em um restaurante, a um bar, se você tá por exemplo em uma mesa só com outro homem... ninguém... nunca me falou nada, porém existe olhares para aquele... aqueles... aqueles dois homens sentados juntos a uma mesa, porque percebe-se que é um casal... percebe-se que é um casal. A gente não vai... a gente não fica se beijando e tal, mas há olhares, há... e esses olhares assim, eu não vou me abater por isso, sabe? É meio constrangedor? É, você tá num lugar assim pra se divertir, pra ficar de boa, e aí pessoa fica ali... algumas pessoas ficam te olhando de maneira torta, de maneira esquisita, mas... eu... acabo... ligando o modo assim, to nem aí.(13)

Pesquisador: É... pra além do que você já disse aqui tem mais alguma coisa que você gostaria de tocar, algum tópico que tá em mente... algum caso específico que tenha passado com você...

Laranja: Deixa eu pensar... eu acho que é muito importante a gente, principalmente a gente professor, nós professores, desculpa. Que estamos na escola, principalmente hoje aqueles que está no ensino fundamental e médio, trabalhar muito bem com essas questões de gênero, né? Por mais que não esteja no currículo

de matemática, de português, de arte, de história, enfim... é necessário criar as entre linhas ali e ir trabalhando isso indiretamente(14), na minha matéria que é de ciências eu já trabalhei uma deixa um pouquinho maior pra essas discussões, sempre surge essas discussões com o conteúdo. É um pouco... eu creio que seja um pouco mais fácil pra mim, mas pras demais áreas... esses... eles... os professores precisam buscar meca... é... jeitos de trabalhar isso com seus alunos, essa questão de respeito pelos outros, né? Eu não to falando da questão de você gostar ou não de homossexual, eu to falando uma questão de respeito, a opinião do outro, né? Hoje nos vivemos num mundo... num momento tão delicado que você não pode expressar nenhuma opinião que seja ela política, social, econômica, enfim... principalmente a questão a respeito de gênero, que você é retalhado. Você é retalhado. Eu vejo que muito dos homossexuais, muito não, a grande esmagadora maioria, vive numa casca protetora... uma máscara, né? Acaba se escondendo, né? Acaba não tendo essa liberdade como um heterossexual teria.(15)

Pesquisador: E você acha que essa situação política que a gente vive no momento ela vai... contribui pra agravar essa máscara que as pessoas vestem?

Laranja: Eu creio que não, eu creio que não. Eu acredito que... a gente vem evoluindo, em marcha lenta mas vem evoluindo a respeito dessas questões de igualdade de gênero, imagino que tá... que... é... a situação vá melhorando aos poucos... é uma... um pouquinho, sabe aquele trabalhinho de formiguinha? Aquela formiguinha menorzinha que tiver... é esse trabalhinho que nós tamos fazendo aí... vai mudar? Vai... eu espero, eu torço por isso... eu espero chegar um dia ainda vivo e ainda ver isso, presenciar isso, uma sociedade que todo mundo se respeite, né?(16) Mas assim, eu acho que a política acaba complicando um pouco, mas eu acho que não vai ser um fator que vá impedir da gente mudar a sociedade não.

Pesquisador: Eu acho que é isso então... brigado pela sua participação...

Laranja: De nada...

APÊNDICE H – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA DO PROFESSOR VERDE

Entrevista professor Verde:

Pesquisador: Nas instituições escolares que você trabalha, elas... Você declara sua homossexualidade, sim ou não? E se sim ou não eu gostaria que você justificasse o porquê.

Verde: Cara foi muito engraçado assim, tipo, é... . A principio eu nunca, é... Dizia assim, que eu dou aula há 11anos e ai às vezes os alunos perguntavam assim pra mim “professor você é gay?” e eu dizia a eles “de vez em quando.”, ai eles diziam “Você é bi?”, “de vez em quando.”. Então eu sempre fiz uma coisa de mistério, nunca me importei se as pessoas sabiam ou não porque, como eu fui aluno da UFMS, as pessoas sempre me viam e tal. Então acho que as pessoas sempre sabiam e geralmente quando me perguntavam era aquela coisa de adolescente pra ter certeza. (1) Aí quando fazia o que... Quando fazia uns seis anos que eu dava aula já. Eu trabalhei em uma instituição privada, com uma galera da EJA e tal, e tinha uma... Uma turma de professores muito legais assim, né? E ai as meninas da EJA elas davam bastante em cima de mim e tinha uma professora de matemática, assim que é minha amigona até hoje, que... a... As alunas perguntaram pra ela, falou: “Nossa professora que esse professor Verde, não sei o que.. né? Tipo, ele é muito bonito, né? A gente quer ficar com ele.” Aí a professora virou pra eles e falou assim “Meu, é bicha né? Porque se não fosse bicha, eu ia tá com ele né?”. E ai o negócio, tipo ficou mais leve, né? Porque daí a professora contou pra todo mundo, assim porque a gente era mais íntimo, ai eu falei “Ah! Tudo bem.” E depois disso, dep... Continuei com essa coisa, quem sabe, sabe. Quem não sabe... E quando pergunta eu sempre digo de vez em quando... (risos) Eu sempre digo isso ai, mas nunca... Nunca tive... É... Nenhum problema com as pessoas que sabiam assim tipo, eu nunca me senti hostilizado nem por parte dos alunos, nem por parte da coordenação, né? Do grupo de professores. Porque acho que as pessoas que tem a... A necessidade assim, de hostilizar isso é porque tem um problema maior com elas do que com o professor gay em si, né?(2)

Pesquisador: E como que você vê essas relações de gênero, as identidades de gênero e de orientação sexual, elas acontecendo na escola, tanto na parte dos alunos, quanto dos professores...

Verde: Olha, os professores eles são mais... É... Eu diria... Mais bem resolvidos, né? Os que tão na educação eu acho que eles não têm muito problema com isso, assim né? Trabalhei com vários professores gays, com professoras que ficam com meninas também, né... Isso ai acho que é ok...(3) Mas, a questão entre os alunos é meio complicado assim, né? Porque... É... Aqui em Campo Grande, eles vêm de casa, né? com tipo uma... Uma pegada de heteronormatização que é bem pesada assim.(4) E eu procuro sempre... É... Ajudar assim sabe? Sempre que eu vejo situações de *bullying*, sempre que eu vejo o... É... Eles tristes, né? Sempre que eu posso chamo eles pra conversar, né? Pra mostrar pra eles que meu, desejo deles é deles, eles não precisam se enquadrar em nada. Porque pai, religião ou alguém que tá falando que eles tão errados, assim... E eu sempre procuro deixar bem claro assim, né? Tipo, sempre procuro tocar nessa questão inicial do gênero, que quem se incomoda é porque tem um problema maior consigo, né? Porque... O jovem muitas vezes fica apontando no outro aquilo que ele não se permite, não só o jovem, mas todo mundo. Mas eu vejo que é uma questão um pouco... É delicada porque muitos... Muitos alunos decidem se recalcar e ficar tipo, agindo com *bullying* em relação aos outros, mas em questão aos professores comigo acho que... nunca... Nunca aconteceu nada. Mas com os alunos sempre rola assim.(5) E eu fico feliz assim, né? E dou aula... A bastante tempo, de... De ver aquela pessoa que era quietinha e tal, e meio reprimida assim e às vezes você encontra na balada assim, sabe? Tipo beijando, feliz e fala “ai que bom né? Que isso ai aconteceu, que bom que não ficou recalçado pra sempre, fico feliz com isso.”

Pesquisador: E na presença... As escolas quando elas sabem, as comunidades, assim os pais e todo mundo, como que se dá essa presença assim de saber que tem um professor homossexual...

Verde: Cara olha só, teve uma vez que... Eu trabalhava numa escola, né? Tipo fazia uns três anos que eu tinha entrado no concurso do Estado, faz cinco anos que eu sou funcionário do Estado. Que eu decidi alugar um lugar e fazer uma... uma... Uma festa de final de ano pra um... Pra um terceiro ano e pra um nono ano que eles

tinham me escolhido pra padrinho, né? Então eu falei “ai, então eu vou pagar o lugar e a gente vai pra lá.” E aí teve um menino, né? Que ele... Ele já era maior e tal, ele tava no terceiro ano e ele bebeu bastante e eu falei “não, eu vou te levar pra sua casa”. E aí eu fui, na época eu tinha um companheiro e a gente foi levar esse menino lá na casa dele, morava longe... (risos). E aí eu deixei ele na casa dele, ele tava bêbado, eu falei “você que que eu converse com seu pai, você que que eu converse com alguém?” ele “não, não, eu me viro, porque se você falar vai ser pior.”. E aí deixei o menino lá, vi que ele entrou e eu fui embora.(6) Na terça-feira a diretora da escola me chamou pra conversar, falou “Verde, o que que aconteceu?” aí eu falei “Ó, aconteceu isso, né? O aluno tal bebeu, ficou bêbado, tipo ele chegou a vomitar e eu falei vou levar você embora, né meu?” Não vou deixar você aí porque as pessoas já estavam indo embora e ninguém tava se preocupando com ele. Ela falou assim “não, porque o pai dele veio aqui ontem dizendo assim que onde já se viu que um professor gay, com namorado, fica dando carona pro filho dele e tal.”. E eu falei “olha, fala que é pra ele conversar comigo. Porque se a questão foi de levar o filho dele que, tipo tava completamente embriagado no carro com o meu namorado, né? Se ele acha mais digno eu deixar o filho dele passando mal pelo simples fato de eu ser gay e tá com o meu namorado no carro... é... Tem que falar com esse pai.” Aí ela, “Aí então tá, eu vou falar isso pra ele.” E aí o pai não veio, né? Tipo, não veio, mas foi essa coisa aí que quase, né? Soou como um tipo... preconceito, mas enfim acho que o pai tava tentando encontrar aí um meio pra justificar o fato de o filho dele ter ficado bêbado e um gay ter ajudado o filho dele, né?(7) Tipo... acho que foi isso que aconteceu.

Pesquisador: De experiência de preconceito assim, o máximo que você vivenciou foi isso... não teve nenhuma discriminação por parte de alunos...

Verde: Não, não, porque com... eu não sei cara, acho que comigo a galera vai muito com a minha cara então eu acho que, sabe? E se fala ou não... Não vejo isso como preconceito porque ser apontado como gay... sei lá... como hétero, eu acho que eles tem o direito de querer exacerbar essas questões deles aí, porque... o adolescente faz isso mesmo.(8)

Pesquisador: E você acha importante ter a presença de professores, nas escolas, que tem diferentes identidades, diferentes sexualidades...

Verde: Acho... Eu acho, inclusive aquilo que você tava me falando antes, né? Da... da professora trans, eu achei muito legal assim, porque olha que massa. Porque eu não tinha conhecimento de nenhuma trans que dava aula, trans, né? Tipo, eu acho que é super saudável porque as pessoas no Brasil precisam aprender que a capacidade intelectual não tem a ver ai com o seu desejo sexual. Não tem a ver com suas escolhas extra muros da escola e quanto mais essa questão tipo, de gênero se neutralizar dentro dos ambientes escolares, de saúde, da segurança, eu acho que a gente vai fazer mais democracia assim, sabe?(9) Tipo, né? É... é... eu acho que mostrar a vulnerabilidade histórica das populações GLBT é muito interessante, discutir gênero é muito interessante... Pra mostrar pros alunos ai que tem problemas em casa por causa da religião como eu já falei, que isso é ok!(10) Não vou dizer natural porque natural e normal eu acho que são palavras bizarras pra serem ditas, mas que as pessoas são pessoas e elas têm capacidade de fazer coisas, né? Independentemente ai das orientações sexuais. Acho que tem que ter todo mundo da democracia dentro da escola, dentro do hospital, dentro das populações de segurança. Acho que tem que ter sim.(11)

Pesquisador: E tanto que ai a gente vive nesse grande impasse de bloquear as “ideologias de gênero” dentro da escola e falar sobre isso...

Verde: Então, mas eu acho que tem um grande medo ai, né? Tipo, da família tradicional brasileira, de tornar muito desvelado aquilo que eles se utilizam como proibido, né?(12) Porque meu, nós sabemos muito bem que os pais de família são a maior clientela das travestis. Então, eu percebi ai no meu percurso enquanto professor, enquanto psicanalista... que... é... é muito... é muito difícil é, tirar esse véu que encobre o que as pessoas fazem de maneira proibida, né? Porque os meninos que são sei lá, agrobos... que são tipo super hétero saem com travesti, né? Então se a travesti for é, é, é... uma coisa muito explicita, o desejo escondido dele também corre risco, né? E os pais de família também, né?... Muitas vezes as mães dizem assim “ai não porque eu prefiro um filho drogado do que um filho gay” tipo, meu? Vê se sabe do que você tá falando, as questões das drogas são muito mais complicadas do que a orientação sexual de uma pessoa, né? E... é absurdo isso, porque a gente sabe que quanto mais você recalca um desejo sexual, ele volta de maneira mais violenta, né?(13) Então eu acho que discutir gênero é muito importante, mas não como uma forçação de barra, como uma... uma coisa que, meu

é do século XXI, por mais que a gente viva ai uma cidade, um estado que tem um pensamento muito bovino, como eu já disse, heteronormativo. Eu acho que tem que ser discutido sim, tem ser falado, né? Tem que desvelar isso ai, até mesmo pra uma maior é... é... Dignificação, pra uma maior qualidade de vida(14), tipo dessa galera que trabalha na rua atendendo sexualmente esses “cidadãos de bem”, né? Tipo... que vocês vejam as aspas ai.

Pesquisador: E você já chegou a ter que discutir, pautar essas questões de gênero, orientação sexual...

Verde: Já... Eu sempre faço isso quando eu discuto atualidades, quando eu discuto violência, né? Não só especificamente com as comunidades LGBT, mas principalmente com a questão da mulher, né? Com a questão dos negros, com a questão dos indígenas e eu sempre pergunto, né? Tipo, nas escolas onde eu trabalho... “Vocês entendem o que é minoria?” ai falam “Ah! Entendemos.” E ai eu pergunto “quantos negros nós temos aqui? Quantos professores mulheres vocês têm no ensino médio, né? Quantas professoras travestis vocês tiveram?” E ai eu digo, eles não são... é, é... pouquíssimas pessoas na cidade onde a gente vive, mas vamos... onde é que eles estão? Eles estão apartados dos meios ai onde eles podem se desenvolver intelectualmente, né? Porque é uma coisa que segrega, né?(15) A academia segrega, infelizmente, você sabe disso, né? E ai discutir isso com eles é legal, não só então a questão da... das populações LGBT, mas a questão da mulher principalmente, né? Da mulher, do negro e do índio, eu acho muito, muito saudável falar sobre isso.

Pesquisador: Eu acho que as questões que tem no roteiro já foram contempladas e eu queira saber se além de tudo isso que já foi dito você tem alguma mais coisa que você queira acrescentar...

Verde: Então... eu acho que o que eu queria acrescentar, é puxar um gancho disso que eu acabei de dizer agora, né? Tipo, que a academia segrega. Eu acho que tem uma lacuna muito grande entre o que tá acontecendo, tipo com a tua pesquisa, por exemplo, dentro do mestrado de educação, dentro da universidade, né? E o que acontece dentro da escola pública, e o que acontece dentro das escolas particulares de ponta, né? Que eu já tive a possibilidade de trabalhar em vários lugares muito caros e há cinco anos eu me enveredei pra esse negocio do estado, né? E são

realidades muito diferentes e que em ambas realidades essa questão do pensamento acadêmico, do que tá mais fresco do que tá mais ok... tipo, Judith Butler não tá no livro didático, né? Tipo, não tá lá... é, é... no... no... na base nacional curricular comum, né? As pessoas tão discutindo mais tecnizar o role do ensino médio do que humanizar.(16) Isso... isso é uma coisa que me deixa até meio, é... é... desanimado em relação à academia. Porque eu acho que... essas realidades devem ser discutidas e... e... e as discussões voltarem pro ensino médio, né? Porque isso é fundamental pra que a gente viva realmente uma democracia e que essas minorias ai tenham voz e que tenham possibilidades de fazer o que quiserem, né?(17) E principalmente nesse ano, né? Com essa polarização política ridícula que a gente tá vivendo ai... esse aumento de violência... eu acho que a academia ela tinha que ser mais presente nesses lugares e não ficar reclusa só a academia, né? Tipo, não sei... se isso é uma coisa que se confirma ou se isso é uma visão minha, mas eu... eu penso assim por hora e foi por isso que até agora eu não me dobrei a... a outros tipos de... é... é... desenvolvimentos acadêmicos, porque eu acabei ficando na escola e tentando fazer com que essas coisas mais frescas que você tá brigando por ai cheguem na escola. É isso.

Pesquisador: Usam muita resistência da parte da escola quando você vai pautar essas questões...

Verde: Não... então... mas ai a questão da resistência da escola, é que são os professores, é que às vezes também os professores não querem dar a cara a tapa, né? Porque muitas vezes esses professores são os cidadãos do bem, né? São religiosos hipócritas que dizem “não, porque aqui na escola a gente tem que ensinar valores.”, mas tipo meu... que tipo de valor você quer ensinar? Tipo valor do preconceito, valor, né?(18)... Então, eu acho que o professor mesmo tem que fazer isso, porque muitas vezes o que que acontece, o professor da aula no ensino médio, da aula na escola pública e vai pro mestrado e ai ele se desliga, né? E vai seguir a carreira acadêmica... é isso que acontece, então as coisas da academia são pra academia, as coisas da escola ficam na escola e quando um aluno vai pro... pra universidade ele fica muitas vezes deslumbrado, fala “ nossa meu, aqui é assim? Por que que não foi assim antes?”, né? Tipo, e eu entendo essa coisa tipo de preservar a criança e o adolescente de... de já sacar o que acontece lá na universidade, que ele chega deslumbrado e muitas vezes ele acaba aderindo a

outros movimentos e tem, né? Tem. Eu tive um aluno esse ano... uma escola que trabalhei com um projeto ai, né? Uma escola do Estado, que já trabalha com questão de gênero, ele é do primeiro ano, né? Tipo, do ensino médio e... e eu achei muito legal isso, só que é raro. Você ver tipo essas discussões tipo, sérias de gênero mesmo chegar ao ambiente do ensino médio, né? E quanto... e existem, né? As meninas que são feministas, né? Alguns grupos ai... tipo LGBT que tentam fazer alguma coisa, mas infelizmente isso dai não tá na pauta da maioria dos professores assim, que muitas vezes são desinformados também, né?(19) Tipo, acho que seria isso.

Pesquisador: Então um maior medo de comprometimento...

Verde: É... Pode ser, isso ai pode ser também.

Pesquisador: Mais alguma coisa?

Verde: (risos) Bom trabalho aí...

APÊNDICE I – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA DO PROFESSOR VERMELHO

Entrevista professor Vermelho:

Pesquisador: É... a primeira pergunta é, se as escolas que você trabalha, se é mais de uma, é... elas sabem da sua orientação sexual, se sim ou não e porque que sim ou não...

Vermelho: Tá... é... Bom, eu leciono... como servidor público concursado no município, né? Na educação de jovens e adultos e também sou professor universitário em duas universidades privadas (1) e... sim, as pessoas sabem da minha... da minha orientação sexual, porque... eu... eu procuro deixar claro, não no sentido de na hora da contratação ou na hora de assumir o concurso público eu fala que sou, né? Mas isso aqui com bastante naturalidade (2) no sentido de... vou dar um exemplo prático, né? am... A um período atrás, há um tempo atrás, eu tava num relacionamento muito longo, inclusive até noivei e... sem falar nada, sem criar alarde na festa... de final de ano dos professores, dos funcionários eu levava, o levava como meu noivo, apresentava como... o meu noivo, né? E... então sim, as pessoas sabem que sou... que eu sou... o corpo docente, o corpo técnico sabe que eu sou... da minha orientação sexual porque eu... eu trato também isso como uma questão política, sabe? É de a... se eu to com alguém se é um, um evento de final de ano se... os... todo mundo leva os cônjuges, por que eu não levar o meu, né?(3) No caso na época que eu estava, que estava noivo, então por conta disso, sim. As pessoas sabem porque eu faço questão de agir naturalmente em relação a minha sexualidade dentro do ambiente de trabalho.(4)

Pesquisador: E nesses espaços então... você trabalha no EJA, né?

Vermelho: Isso.

Pesquisador: E nesse espaço dessa escola como que se dá... você vê as relações de gênero, de identidade de gênero e de orientação sexual como que elas acontecem ali dentro...

Vermelho: É na, na... É extremamente problemático, né? E... eu acredito que... Bom, vamos lá, é... tá muito claro isso é... da minha orientação sexual dentro do

grupo docente, do corpo técnico, com os alunos a questão não é tão clara, né? Com os alunos a questão não é tão clara... porque a gente lida com todo tipo, todas as especificidades de alunos, então em nenhum momento eu minto, em nenhum momento eu minto, né? Mas, se me perguntarem.. am... aí sim eu falo, se não me perguntarem, eu não falo em relação a nada, né?(5) Então... assim... agora eu estou na EJA e no... no ensino superior, mas eu já dei aula em muitas escolas particulares, né? e quando os alunos me... me perguntam e tal, eu acabo respondendo. É... eu não senti um preconceito tão grande por parte dos alunos, mas o que que eu penso em relação a isso? Eu acredito que seja muito pela minha identidade de gênero, ne? Eu tenho... eu tenho, uma, uma, uma aparência, uma identidade masculina, mais masculinizada, vamos dizer assim, né? Que eu acho que isso é mais palatável pros alunos (6), agora entre eles, eu vejo uma questão mais tensa... eu tenho inclusive na educação de jovens e adultos uma aluna transexual, que... e ela é muito respeitosa com todos... mas... é... a gente vê que ela sempre tá nos mesmos grupos, com as mesmas pessoas, ela não consegue se inserir amplamente na escola, então eu vejo a relação entre os alunos, uma relação mais tensa, do que uma relação dos alunos comigo(7), parece que... como eu... enfim, a minha, minha natureza e tudo mais, me enquadro mais nesse padrão, vamos dizer de heteronormatividade, embora eu seja um homossexual assumido é... eu não... eu sinto um pouco menos o preconceito do que por exemplo, um aluno transexual ou uma professora transexual, que acho que isso também seria algo que iria causar muita estranheza aos alunos, né?(8)

Pesquisador: E nesses alunos, quando eles chegam a perguntar e como que... que acontece essa, essa conversa com eles?

Vermelho: Olha a pergunta ela vem daquela pergunta que os alunos sempre fazem, né? “Professor o senhor é casado, né?” Por exemplo, se o aluno me pergunta “o senhor é casado?” eu falo “não”... e ponto. Se o aluno insiste até que chegasse uma pergunta em que está... em que entra a questão “Ah! Mas o senhor tem namorada?” “Não.”, né? Agora se, se perguntam alguma coisa mais especifica, eu respondo, né? Das vezes que isso aconteceu, é... foi algo... que causou um pouco de espanto, né? Nos, nos alunos, mas eu consegui levar, eu acredito, eu acho que... eu acredito que eu consegui levar de uma maneira é... é... a não, não tornar isso algo maior, né? É... Eu respondo com clareza e o que espanta muito eles é eu responder com clareza. E logo já, sai do tema, né? Como se eu tivesse respondido que teria uma, que minha

esposa chama Joana e eu respondi que meu esposo chama João, eles se assustam e eu respondo naturalmente e logo sai do tema, e vamos continuar a aula e tudo mais(9), então normalmente causa uma, um, um espanto, né? Mas é... das vezes que eu... das escolas, dos lugares em que trabalhei, das universidades que trabalhei, entre as pessoas, os alunos, o ambiente do... do, do, dos discentes sabia que eu era homossexual é... eu nunca, nunca sofri ameaça anônima, é... eu nunca sofri ou, ou ameaça enfim, né... é, é... dentro de sala de aula por essas questões, eu acredito que muito por, por, por ter um jeito de lidar com uma naturalidade em cima disso, eu acredito que seja por isso que das, dos alunos que um dia de toda minha carreira, souberam, é... eu posso não ter visto assim uma reciprocidade, mas eu não vi uma animosidade, assim de forma alguma.(10)

Pesquisador: E você já chegou a sofrer alguma ameaça então, que você comentou ali de, de não ter sofrido ameaça, já chegou a sofrer alguma ameaça, discriminação...

Vermelho: Discriminação sim, discriminação sim. Ameaça não, ameaça não. Mas discriminação sim, exatamente... discriminação no sentido de as vezes você tá... eu por exemplo, gosto muito de andar de mão dada quando to num relacionamento, por mais que eu também acho que é uma questão política, e a gente sofre discriminação, a gente sofre olhares, a gente sofre reprovações então sem dúvida nenhuma, eu não... não, não estou blindado dessa, dessa... dessa discriminação até porque como uma opção, eu também mostro a minha sexualidade, a minha orientação, a minha condição sexual um... aonde estou, no shopping, enfim, na festa de final de ano de colega de trabalho, em casa enfim... então discriminação sim, eu já senti.(11) Agora uma ameaça ou até uma violência mais física, não... na... isso comigo nunca se passou, eu sei, não tô negando eu sei que isso existe muito, mas não é, não é minha experiência.(12)

Pesquisador: E a relação então com os... os colegas de trabalho, como que ela se dá... eles sabendo da sua orientação, das suas identidades e tudo mais.

Vermelho: Olha eu não forço nada, né? Como eles sabem é... aqueles que vem se aproximar que porque já eram colegas e depois que me veem com alguém ou depois que sabem, continuam colegas e... e amig.... alguns se tornaram amigos, uns poucos se tornaram amigos e tudo mais, pra mim isso não é... não é... isso é

tranquilo, aqueles que eu acredito que não gostem ou não... não aprovem e tudo mais, há uma relação cordial de trabalho. Eu também não forço, né? Também não fico puxando assunto ou perguntando se a pessoa, né? o que que ela acha e tudo mais, de forma alguma. Então, eu acredito com essa minha... assumindo a orientação sexual eu acredito que eu não agrado, acredito não, eu não agrado todos os colegas de trabalho, né? Mas aqueles que, por ventura não... não aprovam... acham que não é uma coisa oportuna, eu também não forço, com aqueles nós temos uma relação cortês, sabe? De... de trabalho.(13) Eu nunca, é... recebi uma... uma... como é que eu posso dizer? Uma palavra rude de algum colega de trabalho por ser homossexual, não. Eu sei que tem alguns que não aprovam, por conta disso não se aproximam, mais, além do necessário do trabalho e isso pra mim tá bom também. Não busco uma aproximação, não busco forçar. Aqueles que querem se aproximar... que querem se aproximar de mim, da pessoa que estou e tudo, mais como colegas, como amigos e... bem-vindo completamente, aqueles que não querem não forço, também nunca senti uma... eu nunca, nunca recebi uma palavra rude, uma atitude rude de algum colega de trabalho porque eu também não forço a barra, também isso pra mim também é muito claro.(14)

Pesquisador: E nessa trajetória de escola que... todo esse tempo já teve algum problema de, de responsáveis pelos alunos, de acharem ruim os... os filhos deles estarem com contato com um professor homossexual...

Vermelho: Não, não. Uma coisa que eu achei que eu iria lutar muito, né? Que eu ia lutar muito, não. Só que o que que acontece, é... eu deixei de dar aula para o ensino fundamental antes dessa loucura desses últimos dois anos, né? Três anos aí, sabe? Eu não sei como é que estaria agora dentro... é... dentro do, do, do, da, da docência com adolescentes, né? Então porque, quando eu lecionava pra adolescentes, é eu lecionei pra adolescentes até dois mil e... treze pra 2014 era completamente diferente do que tá hoje em dia... do que é essa histeria que virou da criminalização do professor, né? O professor não era criminalizado, né? É... então hoje tá uma histeria muito maior, eu não vou conseguir te responder é... essa questão dos pais atualmente por que eu só lido... agora eu só lido com adultos. Seja no ensino superior, onde pai e mãe não vai e na educação de jovens e adultos, mesmo que têm, que os pais é... são presentes na escola são alunos de 16, 17 anos, 18... né? Mas a grande maioria dos meus alunos são adultos, eles não são nem

adolescentes. Então quase não... eu quase não tenho contato com os pais, tem aí... um ano e meio pra dois anos que eu não tenho contato com pai nenhum.(15) Sabe? Então, antes disso eu não sofri nenhum tipo de... ou que a direção da escola chegou e me falou, a coordenação “olha ta acontecendo esse problema” não. Não, de maneira nenhuma, mas entendendo o contexto histórico em que eu me inseria, não era a mesma loucura que tá sendo hoje de criminalização do professor, do professor doutrinador, da identidade de gênero, disso que nem... que nem essa ideologia de gênero, vamos dizer assim, que nem existe esse termo, mas tá sendo muito utilizado... então eu não... quando chegou, quando explodiu tudo isso, eu quase já não lidava com pais, porque eu já não lidava com alunos adolescentes, mas no tempo anterior que eu lidei, eu nunca tive esse problema.(16)

Pesquisador: É... e você acha que é importante então ter esses debates dentro de sala de aula, de questionar gênero, identidade de gênero e orientação sexual e tudo mais?

Vermelho: É essencial, mas é difícil. Era difícil antes, imagina agora. É essencial. Por... porque que eu acredito que seja difícil... porque... nenhum de nós, quando eu digo nenhum de nós da sociedade organizada, estamos plenamente preparados pra esse debate, dentro de sala de aula, nós não fomos ensinados... Você foi ensinado na sua licenciatura a fazer isso? Eu não fui na minha. Eu na minha licenciatura, já faz mais tempo que a sua, me formei em 2007, né? Mas... eu não fui ensinado na minha, na minha licenciatura a ter esse tipo de abordagem em sala de aula.(17) Os pais dos meus alunos não sabem como lidar com isso, por isso o medo, também desses pais, né? E os alunos ficam naquela, né? Ouve o professor, ouve o pai... então acredito que seja essencial(18), mas ao mesmo tempo eu acredito também, isso é um debate que eu faço dentro da formação de professores que as vezes a defesa da, do... dos debates ir dentro da, da sala de aula sobre identidade de gênero, sobre sexualidade, às vezes ficam também essa defesa fica meio demagógica, né? Porque, como fazer isso? De que forma fazer esses debates? De que forma eu como professor homossexual vou conseguir fazer um debate desse sem tentar puxar inconscientemente às vezes, né? já que a ciência não é neutra... vou tentar puxar pro meu lado, né? Ou um professor evangélico que abomina completamente isso, será que ele também vai conseguir fazer a coisa de uma maneira a... a.... a ter um debate mais amplo ou ele também vai puxar pro lado dele,

então eu... novamente digo, é essencial termos esse debate em sala, mas é essencial também estarmos minimamente formados, pra isso, né?(28d) Claro que dep... com leituras e tudo mais a gente constrói o nosso próprio conhecimento pra ser discutido em sala de aula, né? Mas eu ainda vejo isso como uma situação extremamente delicada e agora no momento que nós temos mais ainda onde tudo pode ser acusado de doutrinação, né?(19) Eu dei aula e... a bastante tempo, dei aula em bastante escola particular, mas muita escola pública, sempre, sempre dei aula em escola pública, também por uma questão ideológica e... e nas escolas públicas a grande maioria dos alunos e dos pais dos alunos são evangélicos, né? Isso não significa que ele seja... Não significa que eles sejam maus, mas significa que nós temos que encontrar uma ponte onde, dentro do conservadorismo familiar, que ele vai existir não adianta a gente chorar, ele vai existir, né? Então como é que dentro desse conservadorismo familiar a gente consegue fazer uma ponte dentro dessas discussões, sem agredir esse conservadorismo familiar... se não, se torna completamente ineficaz, isso a gente ainda não sabe, né? Isso a gente estava aprendendo, agora eu, eu vejo o futuro de uma forma muito mais tenebrosa, eu acho que esses debates vão ficar cada vez mais difícil de acontecer.(20)

Pesquisador: E pra além do espaço escolar, como que se dá a sua vivência como sujeito homossexual?

Vermelho: Você diz em que âmbitos?

Pesquisador: O âmbito além da escola, você como um Ser social...

Vermelho: Olha eu procuro... deixar muito claro minha... minha sexualidade, né? É... eu acredito que além dessa questão... dessa... desse identidade mais heteronormativa e infelizmente a gente tá numa sociedade em que os próprios homossexuais são muito preconceituosos com outros homossexuais, né? Dentro do... do espaço, do espaço homossexual há muito preconceito, então eu acredito que ter um pouco... sei lá, essa identidade um pouco mais heteronormativa isso faz com que eu não sofra tanto preconceito como um homossexual que... que assuma uma outra identidade, né?(21) E eu tive, também... só é que eu tive muita ajuda familiar também, né? Meus pais eram... são, não morreram tão vivo, são pessoas é... muito... antenadas e muito pra frente, muito estudadas e tudo mais e isso ajudou muito. Então, na minha família eu sou completamente assumido... quando... meu

noivo, meus namorados dormem... é... em casa e isso pra mim, pros meus pai tá muito certo. Eu tenho uma irmã que é homossexual também, então dentro do, do ambiente familiar, dentro do núcleo duro da família, né? Porque é claro que tem aquele primo, tem aquele tio, mas dentro do núcleo duro da família, avós, pais e irmãos, né? Eu, eu me sinto é... realmente acolhido. (22) Agora... am... tem alguns espaços de convivência que eu procuro evitar um pouco mais a... o contato ou até uma... um afeto, né? e...e... tudo mais, dependendo do espaço onde eu estou, isso é um pouco mais... tem que ser um pouco mais contido, vamos dizer assim, né?(23)

E... uma coisa que é interessante, porque eu tenho meu namorado atual peruano, ele mora em Lima, ele mora no Peru, então eu tive contato também com uma outra realidade, uma outra sociedade sul-americana e de uma outra sociedade também conservadora, né? E a gente vê que os espaços são mais ou menos os mesmos, lá quando eu estou em Lima, tem locais em que... é... a gente tem que tomar um pouco mais de cuidado se não... pode sofrer algum tipo de agressão verbal normalmente, é... difícil a agressão chegar ao estágio... estágio físico, né? Mas agressão verbal, isso pode ocorrer, comigo nunca aconteceu, mas isso pode ocorrer. E eu vejo a preocupação dele, principalmente, que teve uma criação dentro dessa sociedade maior que a minha, é... então tem alguns lugares que eu evito um pouco mais... se eu vejo que eu to num, num lugar onde, um pouco hostil em relação a essas questões, um lugar onde tem muito, muito... enfim muito, essa identidade mais preconceituosa, eu procuro evitar. Então não é algo que pra mim esteja 100% resolvido e liberto e tudo mais, mas eu acredito que dentro da ,da nossa sociedade com todas as dificuldades a gente vai conseguindo, é ocupar alguns espaços e se manter naqueles espaços.(24)

Pesquisador: Tá e pra além do que a gente já falou aqui... do que foi perguntado você tem alguma coisa que gostaria de falar, declarar, se posicionar...

Vermelho: Não, olha eu acredito que dentro dessa temática, né? Do professor... professor homossexual e tudo mais, é... eu acredito que a situação ela só tende a... a, a mudar, se alterar a partir do momento que nos posicionarmos mais, né? Dentro do ambiente escolar, eu falar isso parece muito fácil, né? Que eu sou concursado e tudo mais... pararã... e você mesmo deu o exemplo né? De, de, da sua, da vivência que você teve, mas quanto mais a gente conseguir se colocar como competentes, como professores competentes, como professores... am... autônomos,

como professores compromissados, responsáveis e homossexuais, né? Menos as barreiras... Mais as barreiras vão quebrar, né?(25) É... teve, eu tava numa conversa com um colega professor e... e ele contando que uma colega, professora evangélica que gostava muito de um outro professor que era homossexual e ela não sabia, e ela descobriu que essa professor, colega de trabalho era homossexual, né? E... no início ela ficou abismada, mas ela achava ele tão competente e gostava tanto dele que ela mesmo começou a rever o próprio conceito que a igreja passava de homossexualidade pra ela, né? Então acredito que isso vem muito com... a nossa inserção, que tem que ser feita aos poucos. Nós temos um momento muito complicado da sociedade, nós temos num momento em que a sociedade tá muito intolerante com uma série de questões, então se a gente também bate completamente de frente nesse momento, eu digo que a correlação de forças é muito desigual. Entre o que tá acontecendo e nós, né? Então também não temos que recuar, mas nós temos que ir ocupando espaço com estratégia, com inteligência e acredito que a escola é um dos lugares pra ocuparmos esses espaços, a escola é um dos lugares pra nos colocarmos nosso trabalho, nossa competência, mostrarmos que sabemos, que somos... somos competentes, dentro de uma forma natural, dentro de uma forma que... que não... que, que não bata de frente com todos aqueles... aquelas arduas que existem hoje na nossa sociedade e no próprio ambiente escolar.(26) E... é isso é muito difícil, né? Por que como fazer isso sem recuar? Porque recuar também não dá, né? Se colocar no armário novamente também não dá. Passar por um outro tipo de, de, identificação só porque a sociedade tá pedindo isso também não dá. Isso de forma alguma, né? Nós temos que ter as nossas identidades, nós temos que ter as nossas convivências, nós temos que ter as nossas vidas e então essa linha é muito tênue, né? Da onde é... não... não bater de frente, mas também não recuar, né? Essa linha é muito tênue, mas eu acredito que vale a pena o esforço em tentar ocupar esses espaços sem... é, é, é mostrando, no caso, como tem uma... questão do professor, mostrando que somos professores, que também temos o nosso valor e que sim, somos homossexuais e que é isso que vai... não é isso que vai nos levar a ter um bom trabalho ou não. É um caminho difícil, mas é um caminho que a gente não tem escolha, né? Ou é isso ou a gente volta... a gente retrocede, o que não deve, não deve acontecer.(27)

Pesquisador: Então eu acho que é isso... obrigado...

Vermelho: É isso, tá certo. Imagina!

APÊNDICE J – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA DO PROFESSOR VIOLETA

Entrevista professor Violeta:

Pesquisador: A primeira pergunta que... segue o roteiro é se a escola, se as escolas que você trabalha elas sabem da sua orientação sexual se sim ou não e se sim ou não por que desse seu posicionamento.

Violeta: Não por mim... só se for... é, em ambas... só se for uma questão de... de avaliação própria assim, entendeu? É... na verdade assim, é... em uma das instituições, que é a instituição do período da manhã, que eu estou a quatro anos, eu tenho uma relação muito próxima de amizade com a minha coordenadora, assim como eu tenho com alguns outros professores do, do corpo docente assim, é... então não, não que... que eu me sinta assim, completamente... é... a vontade de poder falar da minha vida assim, até mais porque é uma postura minha assim, na verdade eu não to nem me recolhendo de nada assim, sabe? Ai, vamos nos esconder assim, mas eu prefiro uma coisa mais privativa assim mesmo, mas como esses profissionais que eu acabo tendo uma relação mais de amizade do que propriamente do vínculo profissional é... em algum momento ou outro por... por alguns assuntos mais pessoais, eu chego a falar de questões de relacionamento ou de pensamentos, né? A partir da... da questão da minha... da minha orientação ou do gênero... o patrão tudo bem meu querido, tudo ótimo. (“interrupção por terceiros”). É de maneira super tranquila assim, então é... não, não que eu precise colocar um crachá pras pessoas saberem, mas também não tenho problema nenhum em falar.(1) É... porém nessa escola também tem algumas pessoas que em momento algum eu cheguei a comentar mais intimamente assim, sobre essas questões, mas você percebe que tem uma análise, né? Que a pessoa propriamente faz, alguns até com cunho, né?... é... é... de... de... de preconceitos, né?(2) Assim, mas as pessoas acabam sabendo, por, por avaliarem assim. Na escola do período vespertino, eu estou lá há um ano, né? É... que é escola pública, eu entrei lá por concurso, lá a mesma coisa, eu tenho menos colegas com quem eu tenho um vínculo mais pessoal assim, mas também a mesma coisa do outro com esses eu chego a ter algumas conversas mais íntimas que faz com que a pessoa entenda, mas não que... é... que, que eu já tenha me, me declarado abertamente ou sido

questionado, perguntado assim, mas você percebe que as pessoas fazem suas próprias análises.(3)

Pesquisador: É... E na sua opinião como que se dão dentro do espaço escolar as relações de gênero, de identidade de gênero e de orientação sexual...

Violeta: Na escola do período matutino, ela é privada. E existe um discurso de empatia, de respeito, todas essas questões assim, mas a gente percebe que ela é genérica até certo ponto. Que até mesmo o topo da pirâmide, né? Se é que você me entende, né? As pessoas responsáveis pela instituição... você acaba sabendo que elas têm é... um perfil de alguns pré-conceitos assim, entendeu? E algumas visões bem pejorativas assim, sabe? Mas até então já que têm esse discurso dentro da própria instituição, é... meio que se mantém um, um convívio, né? De boa vizinhança, assim, entendeu?(4) Na... na escola pública que é do período vespertino... am... em momento algum eu senti algum bloqueio assim, entendeu? Mas é, não sei se talvez têm a ver ou têm a ver também, que é como eu te disse, eu tenho uma postura mais privada também não, não sou tão aberto assim, até mesmo porque eu não me sinto a vontade então assim, mas até então nunca senti nada assim, sabe de algum repúdio, ou de algum olhar, de algum julgamento a respeito, é, de gêneros assim.(5) Eu sei de uma história de outros dois profissionais, professores que também são homossexuais que já passaram e tiveram até uma longa carreira dentro dessa instituição que é pública, que eu leciono no período vespertino e de que são duas pessoas muito queridas até hoje dentro da instituição, pelas pessoas que foram daquela época e lá ainda estão, inclusive direção, as coordenações, a orientação educacional, inclusive esses profissionais eles passam pela escola de vez em quando como uma forma de rever os amigos assim, sabe?(6) É... e um deles eu conheço até... mais, mais próximo assim, e diferente de mim ele é uma pessoa mais aberta, entendeu? É, não de... não no sentido pejorativo, é só pra você entender, já é uma pessoa mais estereotipada enquanto gênero sabe? Assim, e eu nunca percebi nem com ele, nem comigo ou qualquer outro alguma, algum julgamento, algum olhar assim. Que é diferente da... do período matutino, né? Assim, que você acha que só se mantém a, a convivência por conta de um diálogo que tá dentro da missão da instituição assim, mas você percebe que tem alguns julgamentos, alguns posicionamentos assim das pessoas que já vêm com um, com, com cunhozinho de preconceito mesmo.(7)

Pesquisador: Então na escola da manhã seria a que tem mais a parte de discriminação...

Violeta: Exatamente.

Pesquisador: A da tarde já não?

Violeta: É.

Pesquisador: É... e como que os... que vai se dá essa vivência dos alunos, eles sabem de algum... da sua orientação ou não, como que se dá essa relação se eles sabendo da homossexualidade ou alguma coisa do tipo...

Violeta: É... na do período vespertino, vou começar porque é mais fácil, é, são séries iniciais, é de segundo a quinto ano, assim. É... e aí com... como uma das minhas formações é, né? No magistério, então eu comecei em sala de aula alfabetizando, então trabalhando com crianças, talvez por isso eu tenha construído enquanto profissional essa postura que eu te disse mais privada assim, mas não como uma forma de me esconder, porque eu escolhi trabalhar com crianças então eu sei que a relação com elas é um pouco diferente.(8) Na outra instituição, eu pego fundamental II até ensino médio, é, por conta de ser uma instituição privada, entendeu? É... então também têm essa postura de... eu não querer ser tão aberto e essas coisas assim. Você percebe às vezes com ingenuidade, às vezes também com algum preconceito, mas dos alunos tentarem fazer algumas perguntas, né? Ou alguns questionamentos pra tentar levar a conversa pra um outro lado assim, mas nós somos orientados e não é só por conta da questão de gênero, mas por conta de questão religiosa, política, assim, de não desenvolver com os alunos questionamentos é... de... de outros quesitos, né? Assim, culturais e sociais que não esteja ligado propriamente com o trabalho em sala de aula. Então a gente já é orientado a podar.(9) É... teve, teve apenas um caso assim, que pra mim foi muito significativo que foi em dois mil e... quinze, que eu fui... foi quando eu entrei nessa instituição, nessa privada... é... que eu trabalhava, desde já trabalhava com o fundamental II até ensino médio e aí eu tive alunos de sextos e sétimos anos... é... movidos por um preconceito assim, que começaram com um movimento digamos assim, *bullying*, né? De piadas, de... de apelidos, né? Nesse sentido, mas o que que acontece, tudo isso era velado na minha frente, então assim, eu mesmo não

percebi. Eu me lembro na época que como eu entrei na instituição eu entrei muito focado em trabalhar, então talvez... por estar conhecendo os alunos eu não tive esse tato de poder perceber que alguma coisa acontecia mesmo que velado assim, mas aí essas piadas elas se estenderam por outras turmas, por corredores tudo e é uma escola que trabalha muito firme quanto a formação do estudante assim, então rapidamente ela caiu nos ouvidos da orientação educacional. Aí eu fui chamado pela orientadora educacional e por ela, eu fui informado do caso inclusive a quanto já estava acontecendo porque ela já tinha chamado, né? Os alunos do motim, digamos assim, então fazia por volta de um mês mais ou menos que isso já estava acontecendo e aí eu fiquei sabendo de todo o caso por ela e até onde o caso tinha se estendido, entendeu? É... esses alunos, né? Os que mais movimentaram o... o *bullying* mesmo, eles foram punidos, né? Se assim pode dizer, com advertências, né? E todas as turmas envolvidas por onde as piadas ou os apelidos passaram, as turmas tiveram que... que se desculpar, né? Assim, né? É... verbalmente comigo enquanto professor assim, é... enquanto eu estive com eles em sala de aula assim, depois desse momento que eu me lembro que foi logo no primeiro semestre que eu entrei então a partir dali teve... é... mudou da água pro vinho assim, sabe? Eles... eles perceberam que de uma certa forma, mesmo eu sabendo depois, né? Ou seja, sendo velado, mas de que eu me ofendi. É... e de que inclusive eu sabia que o posicionamento da escola ia ser de fazer eles me pedirem desculpa, mas eu pedi para que fosse, entendeu? É... desculpado e... ou seja, então eles perceberam que eles me ofenderam e eles perceberam até onde isso gerou um mal estar assim, então o posicionamento deles mudou, é eu fui orientado pela escola a não mudar o meu posicionamento, então porque para com eles até então não tinha feito nada errado e tudo assim. Por isso que acho que é... foi... foi... foi... é por mais que seja piadas de criança, mas providas por um preconceito mais provavelmente deve ter sido por conta de estereótipos, né? De ou de como se vestir, de como se falar, se portar, essas coisas do tipo assim, é então porque pela escola eu fui orientado a não mudar nada com eles assim(10), nem quanto postura de professor para com aluno assim, mas a dos alunos mudaram e aí tipo assim, parte desses alunos continuaram comigo durante esses anos, alguns já estão, já saíram do fundamental estão no médio agora, entendeu? É... e... e a relação hoje ela é mais, ela é mais amigável assim, entendeu? E até então depois nunca percebi mais nada assim, mais nada.

Pesquisador: E você já teve algum aluno que te pediu, ajuda em algum quesito desse do tipo tá se descobrindo como homossexual ou ter uma identidade diferente dos, dos colegas...

Violeta: Já, mas não diretamente porque assim, como é uma escola elitizada a gente sabe que a maioria das famílias elas tem uma, uma, uma formação e um conceito muito tradicional assim, então assim a gente, não apenas eu, mas porque eu tive que levar o caso para orientação educacional, é... e nesses dois casos, que no caso eu fiquei sabendo porque passaram por mim, é a orientação educacional também já suspeitava, então já sabia, já tinha tido conversas com esses alunos, no caso foi um menino e no outro caso foi uma menina. Então assim, por conta da família eles não chegam a pedir conselhos, orientação diretamente já se abrindo, por mais que eu tenha uma relação assim muito amigável com... não apenas esses dois alunos, mas com a maioria dos meus alunos, então acho que assim, se eles pudessem eles teriam chegado e falado que é com eles mesmo, mas... mas de uma forma criando toda uma retórica, né? Perguntando pelas beiradas, fazendo outros tipos de perguntas assim, pra tentar encontrar caminhos, né? Ou assim, respostas pras dúvidas deles assim, sabe?(11) É... no caso dessa aluna menina, ela teve um problema muito sério é, não apenas com a família dela, mas com a família de uma outra aluna de uma outra instituição com quem ela se envolveu no relacionamento e aí a família da aluna, né? Dessa, dessa outra menina da outra instituição é... ela criou um problema muito sério com a família dessa menina, da própria nossa escola, entendeu? Assim, porque ela chegou a falar que é coisas foi criada lá dentro assim, sabe? Mas por incrível que parece é uma instituição que tem algumas coisas muito bem é... é... fechadas enquanto conceitos assim, então a gente sempre tem uma preocupação e um olhar muito cuidados com nossos alunos assim(12), então inclusive orientar a família dessa aluna, entendeu? Assim, é... é... eu fiquei sabendo depois eu ela foi para terapia, mas não na terapia no sentido tipo assim, você está errada nesse sentido, mas pelas agressões que ela sofreu da família dessa... dessa gurria com quem ela se relacionava pra isso não, de uma certa forma desestabilizá-la, entendeu? Assim, e com no caso do guri foi a... mais tranquilo assim, porque até hoje eu percebo que ele leva é... de uma maneira mais suave assim, não sei se é como a gente diz se ele tá dentro do armário ainda ou se na cabeça dele isso tá de

uma certa forma mais resolvido assim, entendeu? Mas teve esses dois casos especificamente.

Pesquisador: E a relação com os pais eles, alg... eles chegam a desco, a saber da sua orientação sexual ou não, se já teve algum problema...

Violeta: Não, com os pais não. E... eu me recordo que nesse, nesse ocorrido, né? Do bullying digamos assim que foi logo que eu fui contratado os alunos que começaram e movimentaram, né? A... as chacotas, os descasos, é... os pais foram, é... avisados, né? É... colocados a par do porquê das advertências, é... por conta do conteúdo, de tudo assim, mas não, nunca, nunca da parte de famílias assim, não.(13) É engraçado assim, né? Porque infelizmente assim, eu tenho, eu não, né? Nós enquanto instituição, mas eu tenho um estagiário que me acompanha nessa instituição privada é... que também é homossexual, é... e que como estagiário, ou seja, a relação deles com os alunos também já é diferente, né? Porque a de... a de... professor e aluno, mas ele já soube de casos de pais com desconfianças, com julgamentos assim, entendeu? E ele é apenas um estagiário assim, entendeu? Mas foi algo que como eu te disse alguns conceitos, alguns posicionamentos são muito bem fechados lá dentro então o posicionamento da nossa coordenadora em defesa desse estagiário, da própria orientadora educacional, entendeu? De dizer que ele está ali enquanto profissional, entendeu? Então de que esses julgamentos não são cabíveis assim, entendeu?(14) Mas comigo não. Assim é só um parênteses mesmo porque eu vi acontecer perto, mas não comigo.

Pesquisador: É... e na... com a sua vivencia com a equipe escolar, então é mais tranquila eles saberem... os que sabem, sabem e os que não sabem...

Violeta: É...

Pesquisador: Também não é assim tanto um posicionamento da escola em geral pra uma relação diferente entre os dois...

Violeta: Não, não tem... assim, é muito triste porque às vezes assim, eu não queria nem falar desses profissionais dessa maneira generalizando assim, é... porque seria inclusive na entrevista depois você vai colocar de outra forma, mas tipo assim, é... alguns professores de educação física já são escrotos por natureza assim, então por exemplo, de, de, de colegas de trabalho, né? Ou seja, professores de educação

física, de ás vezes algumas piadinhas, algumas colocações, umas coisas bem sabe? Assim, é desnecessárias, deselegantes assim, entendeu? Mas são coisas que você não vale a pena nem tocar pra frente, sabe? Porque a pessoa é miúda, sabe? Assim, então acho que, inclusive eu esse meu estagiário que também é homossexual, acho que a nossa postura enquanto, é bravura entendeu? De manter, de manter a compostura, a classe sabe? Assim, acho que acaba sendo maior do que... do que tocar em frente por causa de piadinhas assim, mas têm essas coisas. Mas de na... de uma forma geral, não assim, é um convívio, é amigável, entendeu? Sem muitos apontamentos assim, não tem não.(15)

Pesquisador: Você falou no começo de estereótipos que as crianças trazem de casa, quais que seriam assim esses estereótipos na sua opinião?

Violeta: Estereótipo? É... enquanto discurso, maneira de falar, assim. É... por, por algum, nos dois primeiros anos eu me políciei muito pra que os meus alunos não entendessem isso como uma desculpa assim, porque como eles sabem que a minha formação é em teatro então eu tenho aulas de teatro com eles, então a gente sabe que no teatro a gente se possibilita algumas coisas a mais assim, é, eu confesso que... por, por mais que eu pareça assim, durão e bravo e sou mesmo assim, mas as minhas aulas são muito leves porque eu levo elas muito num... é... de uma maneira descontraída assim, entendeu? Então eu... nos dois primeiros anos eu ainda tive uma preocupação deles não entenderem que o que eles tavam julgando como estereótipo, de fala ou de corpo, de movimentação assim, é... fosse por conta uma desculpa de que eu sou ator, então eu estou fingindo que eu estou fazendo aquilo entendeu? Assim, hoje esses alunos eles já entendem que eu sou assim(16), entendeu? Alguns alunos inclusive já me viram no palco, né? Fazendo teatro então ele sabe que eu enquanto ator interpretando é completamente diferente de como eu sou em sala de aula então... é... essa postura descontraída, entendeu? Assim, é as falas mais descontraídas também, né? As piadas assim, entre aspas assim, né? As conversas mais francas com eles assim, hoje eles entendem que é a minha postura, que é dessa maneira, porém em situações onde eu tenh... que eu preciso de, de comportamento, né? Assim ou de uma atenção é... eles também conhecem, sabem que eu sou professor bravo e durão assim, então eu nunca tive problema de perder a mão com meus alunos assim, então eu sempre tenho essa dosagem de quando tem que ser severo, ser severo e quando eu posso de poder ser mais descontraído

com eles assim, entendeu?(17) Mas geralmente é no discurso, na maneira como se fala é... na textura ou no tom da voz, é nas movimentações de como se fala ou de como se porta, entendeu?(18) Assim, é... no meu caso não assim, porque eu te disse tem uma coisa da minha postura, mas às vezes assim de como se veste, né? O que se veste, às vezes pra eles já é diferente, né? uma cor de roupa, uma cor de calçado, alguma coisa desse tipo(19), porque lá geralmente ou a gente tá uniformizado, né? com uniforme mesmo ou de jaleco assim, mas às vezes é uma, uma cor de calça ou de calçado assim, sabe? Que, que eles estranham assim, inclusive tem ali ó... (apontou para uma sombrinha toda colorida sobre a mesa)... pra eles é super divertido assim, eu fiz uma exposição o ano passado aonde eu precisei comprar quatro guarda-chuvas cor de arco-íris assim, entendeu? E ho... E como eu comprei então é material meu então tipo assim, tenho quatro guarda-chuva em casa então quando eu, preciso eu uso eles assim, então eles acham super divertido sabe? Assim, o professor que chega às vezes durão na sala de aula e ai tá com um guarda-chuva cor de arco-íris sabe? Assim, é... ma... aí talvez essas coisas cheguem pra eles assim, né? Enquanto é... olhar assim, de uma maneira diferenciada assim, mas hoje am... meu relacionamento com eles de uma certa forma é... não passa mais por esses julgamentos pejorativos não.

Pesquisador: É e você que é importante ter essas discussões de gênero, identidade de gênero, de orientação sexual dentro da escola, durante as aulas...

Violeta: É... eu acho importante, mas por exemplo, igual eu te disse têm, têm discursos nessa instituição, na privada, né? Que é onde eu to com os alunos maiores, fundamental II e médio, têm discursos que... você percebe que eles são genéricos assim, então inclusive quando esse discurso ele vai pra sala de aula ele é muito mediado anteriormente pela coordenação, pela própria direção assim, mas é uma escola que diz que está aberta a conversar tudo assim, entendeu?(20) Então só pra você é... te uma... uma noção assim, é... o mês passado foi um mês muito difícil lá dentro assim, entendeu? Porque a gente sabe que aqui fora pra todo mundo essa questão política enquanto segundo turno foi bem difícil enquanto polaridades assim, mas dentro da instituição que diz que é uma instituição que tá aberta a discutir assim tudo, assim tudo, da própria direção virou uma caça às bruxas sabe? Assim, essa questão política, caça às bruxas aos próprios funcionários sabe? Assim, então assim, é... quando você tem, quando alguns professores, o de filosofia por exemplo,

que a gente sabe que ele tem conteúdos aonde ele vai discutir isso sim, você sabe que é discutido, entre aspas, mas é muito mediado pela, pela coordenação pedagógica e pela direção, mas se têm e os nossos alunos por incrível que pareça são alunos muito... é... é... abertos a pesquisas, então os próprios alunos trazem pra roda questões que até então talvez teriam sido podadas pela direção ou pela coordenação, entendeu?(21) Então o professor ali quando posicionamento tem que mediar, um outro exemplo que eu posso te dar, hoje eu peguei minhas turmas de ensino médio, de terceiro ano e eu estava fazendo a refacção das questões de arte do primeiro dia do ENEM, entendeu? Assim, e aí inclusive por essa relação que eu tenho com os meus alunos, eles quiseram trazer pra roda pra discussão a tal questão a respeito do pajubá, entendeu? Da, da, da questão sociolinguística né? Das, das gírias e dos verbetes usados pela é... pela classe LGBT é... eles quiseram trazer porque, por exemplo, ele... eles estão vendo também assim como nós os ataques a essa questão pela questão, por ser é uma sociolinguística relacionada a questão de gênero, mas pra eles o que pesou mais é porque a questão era muito difícil enquanto interpretação então tipo assim, ninguém parou para fazer uma refacção com eles enquanto questão teórica de interpretação de texto, entendeu? Os outros professores, inclusive os professores que deveriam ter feito a refacção de interpretação, de literatura já, já voltaram-se pra eles atacando a questão é... enquanto conteúdo sabe?(22) Assim, e aí na minha aula eles quiseram trazer pra poder entender até onde ia tal interpretação desse texto e aí eles acharam muito engraçado porque eles não tinham visto na legenda, inclusive aquela parte jornalística é do mídiamax, né? Ou seja, jornal nosso daqui e ai eu abri com eles na hora a gente procurou de quando era e foi uma época em que o mídiamax fez não apenas é... desses verbetes da classe LGBT, como os verbetes que são usados através da tecnologia, do uso de aplicativos, os verbetes que estão na classe marginalizada... é enquanto favela, essas coisa assim, ou seja, se eles tivessem consciência que foi uma sequencia de entrevistas aonde o foco era a sociolinguística entendeu, assim? Eles não iam tá nesse fogo cruzado de tentar resolver a questão enquanto os professores mesmo estão atacando o conteúdo sabe, assim? E ai pra poder ajuda-los a entender a pergunta é obvio que você tem que falar sobre a questão de gênero entendeu? Assim, até onde esses verbetes, entendeu? É, é, estão mesmo enquanto qualificação de fala para essa classe, de que maneira eles teriam que ter olhado a... a questão sem pré-julgar da on... de onde vêm

entendeu?(23) Assim, então no ensino médio, é... esses diálogos eles são mais diretos, graças a Deus eu tenho eles muito abertos com os meus alunos o que acontece é que por ser história da arte às vezes ele não está na minha disciplina, mas eu acaba parando a aula e dando fala à eles entendeu? Assim, porque eu sinto que eles têm a necessidade não apenas de se fazer ouvir, mas de ouvir de alguém sem que seja um discurso... vertical, entendeu?(24)

Pesquisador: E com é... você falou que trabalha com história da arte você chega a abordar é, os artistas que trabalhavam diretamente sobre questões da homossexualidade, por exemplo, Leonilson...

Violeta: É, na verdade tem algumas questões, agente usa materiais de algumas, de algumas instituições específicas assim, né? É... é UEL, UEN é... a própria UNESP então assim, até mesmo em outros períodos mais tradicionais a gente tem que deixar claro para o aluno enquanto contexto histórico de que aquele artista ele estava produzindo possivelmente com um olhar diferenciado enquanto a questão de gênero entendeu? Assim, sabe? E de que pra eles assim, é muito estranho pensar que essa discussão talvez já poderia ter existido em outras épocas assim e por conta dessas instituições, né? Algumas das que a gente usa, o próprio material que nós temos, os artistas contemporâneos entendeu? Assim, entram muitos artistas não apenas enquanto a questão de gênero, mas enquanto a questão é... feminista, a questão da militância é... negra entendeu?(25) Assim, então eu acabo tendo que ter esses discursos assim com eles assim, entendeu? E lá é muito legal porque assim, eu posso abrir pra que eles mesmo façam, é... pesquisas e tipo assim, é o que é que está te cutucando, te incomodando trás o seu incômodo que a gente vai discutir a partir do seu incômodo pra não parecer assim que eu cheguei com o conteúdo já plas... plastificado "ó só posso falar isso" ponto acabou assim, entendeu? Não, que que é que te incomoda? Aí eles trazem pra roda e aí nesse momento eu tenho a oportunidade de poder discutir com eles.(26)

Pesquisador: E pra além da... do espaço escolar como se dá a sua vivência enquanto Ser homossexual...

Violeta: Olha, é... tem a ver com a questão de quando eu te, exemplifiquei é... deste meu colega de trabalho, meu estagiário assim, é... eu trabalho... trabalho com teatro, trabalho com dança então tipo assim, eu convivo é... com pessoas... é... que

também são homossexuais e que às vezes eu, eu, eu, eu, eu fico sabendo ou até mesmo eu vejo é... alguns, alguns posicionamentos, alguns julgamentos com essas pessoas assim, mais diretamente com elas do que comigo mesmo assim, entendeu? E com alguns amigos eu já cheguei até a... a gente chegou até discutir a questão assim, do nosso posicionamento enquanto indivíduo, ser social assim, entendeu? É como eu te disse assim, é... eu não me escondo, mas eu também é... é... não me sinto à vontade de ficar gritando aos quatro ventos.(27) Só que teve alguns momentos que eu já saí frente a, a, a defesa de alguns colegas assim, tudo é... então assim, é... é nítido de qual é o meu posicionamento, mas de uma... de uma forma mais, mais ampla enquanto olhar, enquanto julgamento assim, eu posso dizer assim, tem colegas que são é... que sofrem mais do que eu sofro assim, entendeu?(28) E volto a repetir as... eu sei que às vezes tem a ver com a questão da minha postura enquanto indivíduo social mesmo sendo homossexual é... e de que jamais eu vou me privar da defesa desses meus iguais assim, mas é... eu... já... não sofro tanto, já vi amigos sofrendo bem mais assim, sabe? Mas quando sofri também não me calei não, aí acho que talvez tudo que fica escondido assim hora que eu rodo a baiana aí aparece assim, entendeu?(29) Por... pela... nem pela vontade, pela necessidade de não se calar entendeu? Assim, não se calar assim, mas enquanto sei lá... é... julgamentos ou preconceitos assim, socialmente, abertamente assim, de olhares mesmo assim, enquanto sociedade aberta assim, o meu não é tanto infelizmente eu vejo outros amigos sofrendo muito mais do que eu assim, entendeu? Mas volto a repetir não me escondo de nada, talvez tenha a ver com essa minha relação enquanto indivíduo social mesmo.(30)

Pesquisador: Você falou que você sofreu... você sofreu o que? Algum tipo de preconceito verbal, agressão assim...

Violeta: Verbal, né? Nossa cidade Campo Grande, né? Sempre tem verbal assim, entendeu?(31) E aí isso tem a ver muito com aquele exemplo que eu te dei dentro da instituição dos professores de... de educação física, tem alguns que eu faço necessidade de confronta independente da onde, né? Assim, se é num transporte público alguma coisa desse tipo, tem outros que você percebe que não vale a pena, entendeu? Assim, então a... a sua conduta, a sua postura enquanto bravura de sair por cima assim, já deixa a pessoa no chinelo, sabe? Assim, mas sem, sem sair

diminuindo, sabe? Assim, mas são coisas, geralmente são, são agressões verbais mesmo assim, coisa de nossa Campo Grande, infelizmente (32) (risos).

Pesquisador: E pra além do que você já disse, foi questionado, você tem alguma coisa pra dizer, pra declarar...

Violeta: Não, não. Eu acho que não assim, é... eu entendo a sua, eu entendo a importância da sua pesquisa assim, entendeu? É eu não sei, não sei até onde ela chega dos outros profissionais que estão é... lhe abrindo entrevista assim como eu estou abrindo, é... eu sei que é... a... as minhas falas é um ponto de vista para sua pesquisa assim, mas eu... eu acho que seria muito interessante do... é... na sua entrevista aparecer aqueles colegas que sofrem muito mais, entendeu? Assim, é... não to dizendo que eu to procurando sofrimento não assim, mas eu digo inclusive enquanto posicionamento sabe? Assim, porque da maneira como você me falou de como é que você chegou nesse objeto de estudo sabe? Assim, então assim, você passou por isso também sabe? Assim, e... e... a gente tem essa questão de empatia, de saber “putz! Cara como foi quando ele passou por isso” assim, sabe?(33) É... igual eu te falo tem algumas coisas que comigo eu vejo que são bem menos do que com outros colegas assim, sabe?(34) Eu sei que eu sou uma perspectiva dentro do seu objeto de estudo assim, sabe? Mas eu acho que é super interessante essa pesquisa sua pra que outros colegas que talvez sofra bem mais ou que talvez sejam repudiados, que não tenha tanta abertura entendeu? Assim, como você não teve entendeu? Assim, de poder falar, sabe? Assim, porque nós temos que criar esse material de estudo entendeu? E aí é ele que vai chegar nos demais, entendeu? Mesmo que não seja é... da mesma questão de gênero que nós estamos discutindo. Mas eu acho que não.

Pesquisador: Então é isso, obrigado!

Violeta: Imagina!

APÊNDICE K – Pergunta adicional ao professor Amarelo:

Após um contato presencial com o professor Amarelo ficou acordado que seria mandado via aplicativo de comunicação (*WhatsApp*) os pontos necessários de esclarecimentos, o mesmo respondeu via resposta de áudio e segue abaixo os pontos esclarecidos.

Pesquisador: Primeiro... sobre o projeto da escola que você menciona, qual era este projeto? Como funcionava? Por que a demanda dele? E o segundo, sobre a agressão que você menciona ter sofrido, teve algum motivo? Foi algum preconceito algo do tipo...

Amarelo: Bom, o projeto se chamava... acho que era “chuva de cidadania”, se eu não me engano. Era um projeto feito pela professora de arte e... tinha como objetivo é... trazer as diversas, nas diversas linguagens artísticas a... é... ai meu Deus pera aí... as diversas... com as diversas linguagens o projeto tinha como objetivo debater essas questões contemporâneas, sobre o *bullying*, violência, homofobia que eram coisas que eram cotidianas da escola.(31) A escola vinha sofrendo, é... sofrendo não, a escola vinha passando por essas questões, então tinha esse debate, acabava acontecendo de... de ter que ter esse debate e como a escola é muito grande tudo acontecia por meio de projeto, tá? Como é que esse projeto funcionava? A professora de arte trabalhava no primeiro bimestre a... algumas temáticas, né? Essas que eu citei, violência, *bullying*, homofobia entre outras coisas... e aí a... os alunos desenvolviam trabalhos artísticos e esses trabalhos tinham que ser sobre forma de intervenção... hã... então eles faziam intervenções artísticas mostrando pros... pros estudantes o que que acontecia na escola, de que maneira aquilo podia ser... ser trabalhado,(32) tá? E por que que há demanda desse projeto? Em virtude a... a professora ela intensificou o projeto depois que ela... depois que nós tivemos na escola alguns casos de tentativas de suicídio e depressão por parte dos nossos alunos e também nós tivemos um caso de um ataque homofóbico e... a professora teve essa ideia, né? De um aluno contra o outro e aí a professora teve essa ideia de fazer o projeto.(33) Com relação ao segundo... hã... não, a agressão não teve nenhum motivo... hã... eu não me recordo de ter tido algum, algum tipo de motivo

(34), apenas assim... eu vejo, eu vi, né? Na verdade, como um fato isolado de um aluno que não tinha instrução, que não... não... não sabia é... discernir o que ele, o que ele fazia, o que ele sentia e como ele tinha, né? Esse empoderamento machista, e esse empoderamento de ser o...o... garanhão da escola, de ser o macho alfa da escola. Porque ele tinha essa... essa postura. Acabou meio que contribuindo, sabe?(35) Então, eu acredito que não tenha nenhum motivo não e... e na verdade assim, não só eu como outros professores da escola às vezes a gente ouvia nos corredores assim “Ah!” ... comentário de aluno, né? “Esse professor veadinho que me deu nota baixa; esse professor veadinho que vai dar uma prova difícil.”, coisas que a gente sabe que aluno de escola tem muito essa prática, tem muito essa... essa coisa, né? Ainda mais aqueles que não tem dimensão, aqueles que não tem é... noção das relações etnicoraciais, das questões LGBT e assim por diante.(36)